

EVERNIGHT PUBLISHING®



CLAIMING *His* PRIZE

KILLER OF KINGS, BOOK 5

SAM CRESCENT
STACEY ESPINO





CLAIMING

His **PRIZE**

Serie Killer of Kings

LIVRO 05

**SAM CRESCENT
STACEY ESPINO**

EQUIPE PL

Tradução: Iza, L. Serranito, Mag pc

Revisão Inicial: Líah Vett, Malú

Revisão Final: Sílvia Helena

Leitura Final: Anna Azulzinha

Formatação: Lola

Verificação: DAVIN@

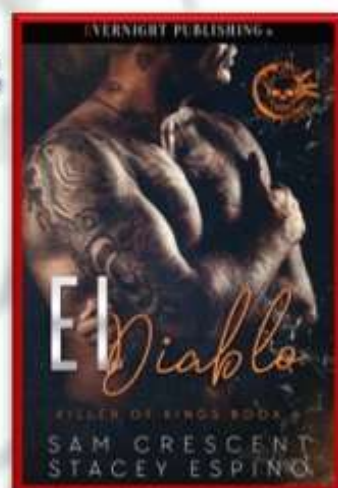
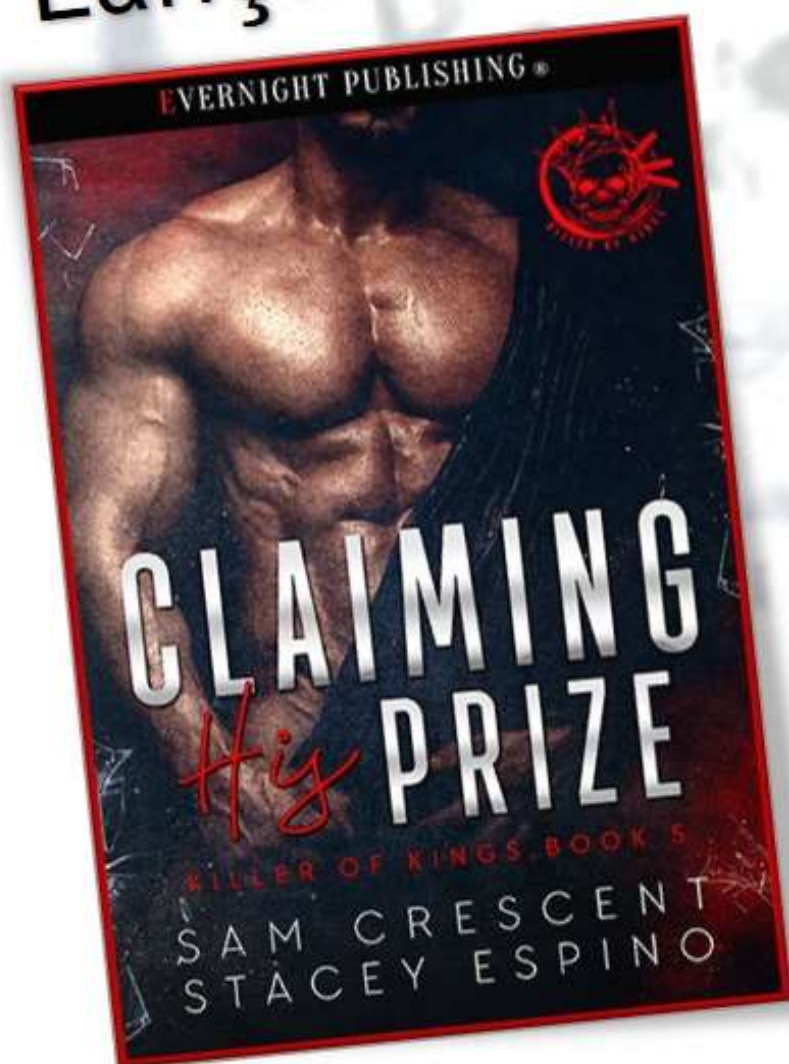


P  L Série
APRESENTA

Killer of Kings

Lançamento

Em
Breve



Distribuído



SINOPSE

Ele nunca planejou tomá-la ...

Havia algo sobre a garçonete com o olho roxo. Ela o fez recordar de onde veio e sabia que não poderia se afastar sem fazer nada. Chains a sequestrou e trancou-a para seu próprio bem. Matou o idiota que deixou sua marca nela. Agora precisa enfrentar o julgamento por reivindicar seu prêmio.

Chains a sequestrou na calada da noite ...

Foi uma mudança brusca na cena, mas o homem sentado em silêncio na parte de trás fazia Lori se sentir especial. Pediu uma torta, a fez sorrir e saiu de sua vida. Nunca esperou vê-lo novamente, mas voltou para pegar o que era dele. Chains a fazia se sentir valiosa e amada, apesar de ser sua prisioneira. Quando Lori teve a chance de fugir, não pode. Chains se apoderou de seu corpo e mente, ela quer mais. E se ao menos pudesse salvá-lo do que estava por vir ... porque alguns pecados não podem ficar impunes.

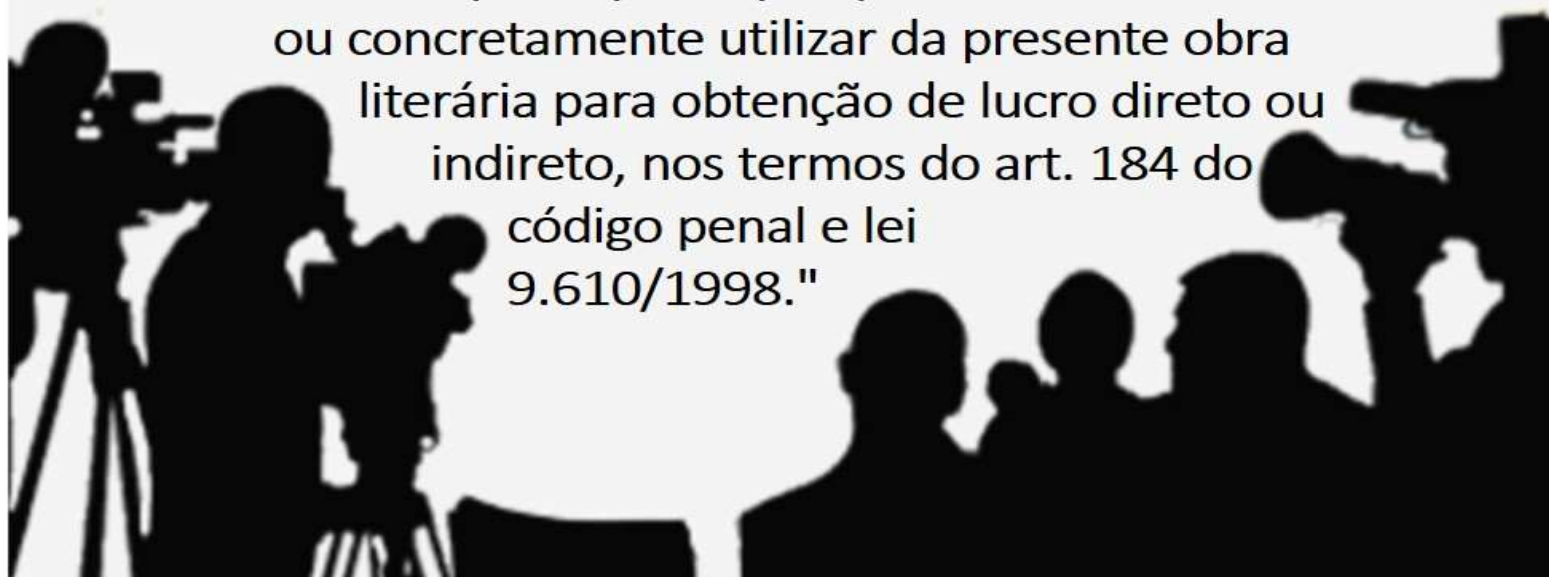
#GordinhaGostosa #Dark #ForaDaLei #FelizesParaSempre

“A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros, cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.”



**Favor não publicar nossos arquivos no
Facebook!**

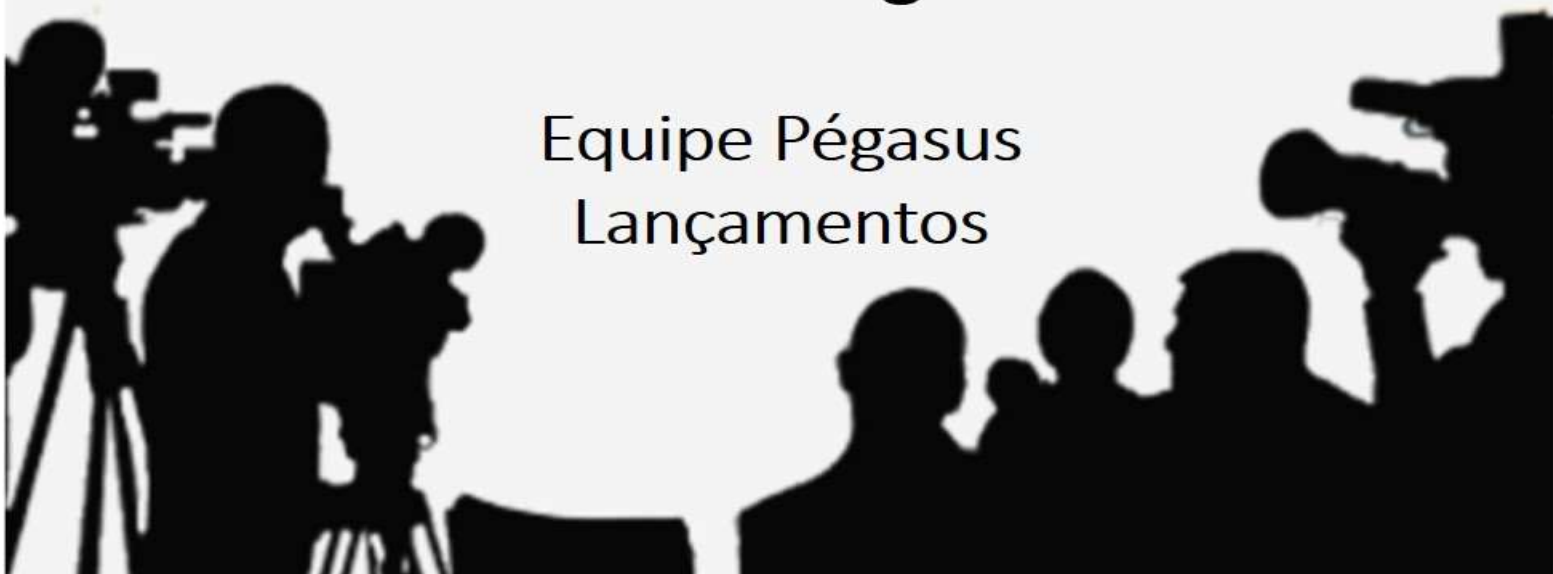
**Se você viu algum livro do PL no face, sem a
nossa autorização, converse com a
moderação.**

**Se você gosta dos livros feitos pelo PL
ajude!!!**

**Quem gosta respeita nosso grupo!
Não publica diretamente no face, expondo
ao grupo de forma desnecessária.**

**Não aceitamos reclamações
sobre as traduções do grupo!
Não gostou, leia o livro no
idioma original**

**Equipe Pégasus
Lançamentos**





CAPÍTULO UM

Chains estava com fome.

Não, estava morrendo de fome.

Precisava de comida.

Depois de toda confusão que aconteceu com Shadow e Boss no *Killer of Kings*, ele decidiu tirar férias. Não queria e nem precisava de qualquer porcaria em sua vida neste momento. Às vezes, ser um assassino destruía um homem e Chains não era tolo. O seu número de mortes rivalizava com muitos dos assassinos aos quais se associava. Claro que Boss ultrapassou todos eles com o último massacre a mando da máfia.

Esfregando o alto de sua cabeça nua, Chains entrou em uma lanchonete horrível. Preferia um restaurante, um que servisse comida russa, mas agora não podia ser exigente. Sentando-se na parte de trás da lanchonete, pegou o cardápio gasto e o observou. Claro que tinham apenas hambúrgueres gordurosos e coisas mais adequadas a um cardápio no estilo dos anos cinquenta.

O seu telefone celular vibrou e ele olhou para baixo, vendo o nome de Boss.



O idiota estava vivo e bem, não que duvidasse disso. E se alguém pudesse sair de um ataque, seria Boss.

Desligando o celular, Chains colocou-o de volta no bolso. Já deixou uma mensagem para avisar Boss que pretendia tirar uns dias de folga. Sem mortes.

Para conseguir isso... precisava se manter sob controle.

A raiva dentro dele começou a ferver no meio da última missão, ao ver Shadow com Riley. Ele não sabia porquê e também não queria descobrir. Tudo o que sabia era que quando queria matar aqueles com quem trabalhava, precisava se afastar.

Até agora, Viper, Bain, Killian e agora Shadow tinham se apaixonado por uma mulher. Os insensíveis assassinos ficaram fracos quando escolheram colocar uma mulher em suas vidas. Assassinos não deveriam ter mulheres. Sempre tinham uma *data de validade* e se algum de seus inimigos quisesse descobrir uma maneira de atingi-los, suas mulheres seriam as primeiras a cair. Era por isso que ele nunca se permitia ter qualquer outra coisa senão prazer com as mulheres com quem saía. As prostitutas das ruas queriam seu dinheiro e Chains apenas precisava de uma liberação rápida.

E se não quisesse pegar uma das prostitutas da rua, existia muitas acompanhantes e agências dispostas a lhe dar o que queria.

Não queria amor.



Olhando ao redor do restaurante, viu várias famílias comendo. Uma delas tinha a aparência da típica família tradicional americana com camisas brancas e engomadas, do tipo que usavam na igreja.

Olhou para eles, sabendo como as aparências enganavam. No seu tipo de trabalho, viu muita coisa. Assistiu coisas que o deixaram muito doente.

Uma das piores coisas era a rede de tráfico de crianças. Meninos e meninas que eram vendidos por uma fortuna para atender às exigências dos depravados e pervertidos que os compravam. Depois de ver algumas das vítimas, fez uma promessa de sempre defendê-las. E se percebesse algo que o fizesse suspeitar que alguma coisa se passava, investigava e fazia dessas pessoas um exemplo para quem achava que poderia usar crianças vulneráveis.

Depois de sobreviver a uma das piores infâncias imagináveis, Chains descobriu desde cedo os horrores que aguardavam no grande mundo selvagem. Foi um idiota sem sorte, sendo entregue para um dos piores orfanatos russos.

Cada um deles precisou aprender a sobreviver e isso não foi o pior. As pessoas que alegavam protegê-los permitiram o abuso. Ficou em um orfanato misto, as garotas estavam lá, passaram por coisas piores que os rapazes. Elas eram treinadas para se calar e aguentar.

Quando era criança, assistiu muitos danos causados nas meninas pelas mãos dos homens e isso fez com que sentisse um ódio profundo por qualquer um que abusasse de



uma criança.

— Ei, sinto muito por ter demorado tanto tempo. O que posso trazer?

A voz feminina levou sua atenção para a mulher de pé na frente dele. Ele a viu entrar cinco minutos atrás. Sua cabeça estava curvada sobre o bloco de notas e ela era cheinha. O uniforme que usava estava muito apertado, alguns dos botões abertos em seu impressionante decote.

Seus longos cabelos castanhos estavam presos em um rabo de cavalo e ela parecia pálida. Não conseguia dar uma boa olhada nela e Chains queria olhá-la.

— O que é bom aqui?

Ele há muito tempo perdeu seu sotaque russo, que apenas se notava quando estava irritado. Agora, parecia um homem de negócios americano. Sempre preferiu ternos. Para Chains, simbolizavam poder, onde o dinheiro real estava.

— O cheeseburger é bom. Eu, hum... embora não escolheria o de frango.

— Oh e porque não?

A garota, Lori, como estava escrito no seu crachá olhou para trás e a viu ficar nervosa.

— Ele nem sempre cozinha bem e isso pode deixá-lo doente.

Ela ainda não olhou para cima e Chains não gostava que evitasse seu olhar.

Colocando a mão ao lado da arma, se perguntou se



algun de seus inimigos o seguiu. Nunca poderia deixar de ser cauteloso em seu tipo de trabalho.

Lori fungou e inclinou-se para o lado, tossindo levemente. Ela parecia doente.

— Eu sinto muito. — Ela limpou a garganta e finalmente olhou para ele.

O hematoma que cobria seu olho esquerdo revirou seu estômago.

Seu olhar a deixou nervosa fazendo-a rapidamente arrumar o cabelo para cobrir o olho. — O que eu posso trazer?

O hematoma parecia recente. — Você sabe que namorados que fazem isso não a merecem, certo?

— O que? — Ela perguntou.

Ele apontou para o olho. — O seu olho. Você realmente não deveria ficar com um homem assim.

Suas bochechas ficaram vermelhas e ela balançou a cabeça. — Oh, isso não foi de um namorado.

Ok, agora não gostava do caminho que isso parecia seguir.

— Eu estava no lugar errado na hora errada. Será um cheeseburger, certo?

Chains a observou escrever rapidamente o pedido. Não estava disposto a discutir com ela.

— Qual é o seu sobrenome? — Ele perguntou.



— Por quê?

— Porque sou um cliente curioso.

Ela respirou fundo e encolheu os ombros. — Dean. Lori Dean. — Lori se afastou e ele a observou ir antes de pegar o celular.

Ligando novamente, ele entrou em contato com Maurice. Não gostou quando ela não ofereceu resistência. Não tinha ideia do que um homem poderia fazer com o nome dela, apenas com esta informação?

— O que você quer? — Perguntou Maurice.

— Isso é maneira de me cumprimentar?

— Boss não tem nenhum trabalho agora e parece que os seus funcionários gostam de usar meus serviços para benefício pessoal.

— Você ganha muito dinheiro com isso. — Chains respondeu, lembrando-o da taxa exorbitante que cobrava. Ele sabia que Maurice não cobrava nem metade de Boss.

— Um cara precisa ganhar a vida de alguma forma.

Chains revirou os olhos.

— Quero que você descubra tudo o que puder sobre Lori Dean. Parece jovem, vinte anos. — Ele disse a Maurice o nome do restaurante onde ela trabalhava.

Ok.

Maurice desligou sem nem sequer se despedir. Guardando o celular, Chains observou Lori enquanto ela se



movia de mesa em mesa. Seus quadris largos tinham um balanço natural, que o hipnotizava.

Lori voltou com uma grande jarra de café.

— Café? — Ela perguntou.

— Quem lhe deu o olho roxo?

Lori serviu um pouco de café e fez um gesto de desagrado.

— Você sabe que é rude fazer perguntas a uma mulher.

— Sim, bem, eu acho que é rude um homem bater em uma mulher. — Ele a viu ficar tensa e odiou deixá-la assim. Não era essa sua intenção.

Ela manteve uma boa distância. Obviamente seus instintos estavam corretos. Ele não era um bom homem, nunca foi e nunca seria.

— Eu pedi o cheeseburger com batatas fritas. Espero que esteja tudo bem. — Lori devolveu o café a ele.

— Você não precisa ficar nervosa.

— Não é propriamente normal que um homem se interesse tanto por minha contusão.

— É verdade, mas não sou um homem normal. Nunca disse o contrário. — Ele ofereceu-lhe um sorriso, esperando parecer inofensivo. O que era difícil de fazer quando matava pessoas sem piscar.

— Certo. Seu café.

Ele observava cada movimento dela e admirou sua bela



bunda redonda enquanto se afastava. Dez minutos depois, ela voltou com o prato de comida e o deixou sozinho.

Maurice ligou de volta, junto com uma conta duas vezes mais do que ele esperava. Chains transferiu de imediato o dinheiro e abriu o arquivo em seu celular.

Sempre ficava impressionado com o que Maurice poderia fazer com um nome e algumas pistas. Não havia nada que



alguém pudesse esconder do hacker.

Lori Dean, vinte e cinco anos, veio de uma grande família e quando se dizia grande, era uma família de dez irmãos.

Ela era pobre, muito pobre e Maurice também incluiu um alerta. O bairro onde morava tinha um cafetão conhecido por gostar de bater nas mulheres.

Apenas ler o alerta deixou Chains com raiva.

Chains já sabia como ela conseguiu o hematoma e isso acabou de selar o destino de Lori.

Lori olhou para seu reflexo e lentamente passou o dedo por baixo dos olhos, estremecendo ao fazê-lo. Doeu ser atingida e checando para ter certeza de que a porta estava trancada, ela lentamente abriu o seu uniforme muito



apertado. Pediu várias vezes por um tamanho maior, mas seu chefe não a ouviu. Ele disse que os homens gostavam de ver peitos em exibição.

E se pudesse conseguir um emprego em outro lugar já teria ido embora, mas neste momento, não podia ser exigente sobre onde trabalhava. Pelo menos não precisava foder ninguém.

As contusões cobriam suas costelas e doía quando respirava fundo. Não estavam quebradas, mas ainda assim sentia muita dor.

É o que acontece quando você diz *não* para Carlton Riggs. Ela não era idiota. Carlton Riggs era um cafetão, traficante de drogas e armas de pequeno porte, um babaca, idiota e tudo o que existia de ruim no mundo.

Um grupo de garotas com quem ela frequentou a escola achavam ter sido as únicas a chamar sua atenção, apenas para se encontrarem grávidas e à sua mercê. Carlton Riggs não tratava as mães de seus filhos de forma diferente. Para conseguir qualquer quantidade de dinheiro dele, elas precisavam fazê-lo deitadas, servindo a qualquer um que lhes pagasse, fodendo com viajantes nas traseiras dos carros ou servindo homens que ele queria entreter.

Ela viu as duas garotas com que frequentou a escola no outro dia e em vez de parecerem saudáveis aos vinte e cinco anos, pareciam vinte anos mais velhas e infelizes.

Carlton Riggs também era o motivo de seu rosto e costelas machucados.



Seus pais adoravam transar como coelhos e por causa disso, tinham uma família de doze. Lori tinha irmãos mais velhos, mas nenhum deles se importava em alimentar as crianças mais novas que ainda estavam na escola. Ela se importava. Na mercearia, esbarrou em Carlton Riggs, onde ele lhe ofereceu dinheiro fácil.

Mais uma vez, ela recusou. Não queria ser uma prostituta. Seu corpo era dela e a enchia de orgulho ser virgem, mesmo aos vinte e cinco anos. Estando rodeada de sexo durante toda sua vida, não tinha pressa em perder seu V-card, sentia-se feliz com isso.

Ficaria dolorida por mais alguns dias, então abotoou o uniforme, amarrou o cabelo castanho e saiu do banheiro.

Entrando na cozinha, ela viu George, que era o proprietário e cozinheiro, olhando para o salão.

— Aquele cara de terno. Garanta que ele consiga tudo o que quiser. Sorria e o cara de terno lhe dará uma boa gorjeta. Não quis o frango?

Ele não a viu estremecer. George nunca fritava o frango por tempo suficiente e sempre que podia, aconselhava os clientes a não o pedirem. Ficava surpresa pelo departamento de saúde não ter fechado o lugar ainda.

Ela o avisou sobre isso e ele disse para se calar, que não tinha a menor ideia do que estava falando.

Sabendo que precisava do trabalho, fechou a boca e continuou fazendo o que fazia melhor, servir os clientes e fingir um sorriso de felicidade.



— Ele não quis o frango.

— Você acha que o cara de terno irá querer a torta? — George perguntou.

— Eu não sei. Ele ainda está comendo, então esperarei antes de ir lá perguntar.

Ela pegou o bule de café e quando passou por George, ele segurou-a pelo braço.

— Não quero assustar os clientes. Seu rosto não trará problemas aqui, certo?

— Não. Não trará.

— Estou falando sério, Lori. Não estou interessado em entrar em problemas.

— Você não irá. Eu prometo. — Ela olhou para a mão dele e ele a soltou.

Ela nunca viu Carlton Riggs por ali. E se o visse, não trabalharia mais ali de forma alguma, pois queria ficar longe de onde cresceu. Lori apenas foi na antiga mercearia da vizinhança para comprar comida para seus irmãos mais novos. Eles estavam sempre em seu pensamento, mesmo que o mais novo fosse agora um adolescente.

Carlton costumava ficar nas ruas que controlava, em vez de se aventurar. Ela se preocupava com suas irmãs mais novas, sempre as advertindo para ficar longe dele e sua gangue.

Deixando a cozinha, ela se dirigiu até uma mesa onde uma garota pediu um milk-shake de chocolate. Lori colocou a



cafeteira no balcão e fez o milk-shake, sorrindo para a jovem, lembrando-se de ter sido assim um dia.

Sempre que saía com seus irmãos e irmãs, tentava comprar-lhes doces, claro, quando podia pagar. A maior parte de seu salário naquela época ia para seus pais, não que eles parecessem se lembrar dela. Colocava o dinheiro no pote na cozinha, onde sempre guardavam o deles. Metade do tempo Lori tinha certeza que seus pais se esqueciam que ela existia no meio de todos os seus filhos. Foi solitário.

Lori continuou seu trabalho. Ela pegou novamente o café.

— Gostaria de mais um pouco de café?

— Sim. — O homem de terno colocou sua xícara na frente e ela serviu-lhe um pouco de café.

— Por que seu cozinheiro está constantemente olhando para mim? Ele cuspiu na minha comida?

Ela sorriu.

— Não. George não cuspiu na sua comida. Quer saber se gostaria de um pedaço de torta e quer que eu sorria muito para você me dar uma gorjeta extra.

Mesmo com a cabeça nua, ela o achou incrivelmente bonito. Um cruzamento entre Dwayne Johnson e Vin Diesel, mas com seu próprio e único visual. O traje não conseguia esconder os músculos. Seus braços eram enormes. Ela tinha certeza de que eram tão grandes quanto suas coxas e sendo uma garota gorda, Lori possuía coxas grandes e grossas.



— Sua torta vale a pena?

— Eu pediria a torta de cereja. É muito boa com sorvete de baunilha.

Seu estômago escolheu esse momento para rosnar e o calor cobriu suas bochechas. Ela não comeu o dia todo e agora estava sofrendo por isso.

— Coma uma batata. — Ele disse.

— Não, essa é a sua comida.

— Lori, me faça um favor e coma as batatas. Comerei a torta com o sorvete, mas apenas se você comer.

Ela revirou os olhos e pegou uma batata frita. Mordendo, apreciou o gesto doce, embora a batata estivesse completamente fria.

— E mais uma.

— Você não quer comer? — Ela perguntou.

— Eu já lhe disse que pedirei a torta.

Lori riu e pegou outra batata frita. Depois de ficar com ele por alguns minutos, ergueu as mãos.

— Preciso ir e servir café para os outros clientes. Espero que aproveite sua refeição.

— Gosto mais da companhia.

Ele estava flertando com ela?

Não saberia dizer e como era uma garota comum, raramente alguém flertava com ela. Era o tipo de mulher que todo mundo ignorava, sem graça e sem importância.



— Você pode vir e se sentar comigo se o movimento acalmar.

Esse novo cliente continuava tentando fazê-la passar algum tempo com ele e toda a vez, Lori recusava. George a esfolaria viva se ela se sentasse no trabalho.

Olhou para trás enquanto ele a observava e gostou do olhar dele em seu corpo. De um jeito estranho, sentia que realmente olhava para ela, vendo-a como era. A atenção era uma mudança boa.

Ninguém realmente a olhou ou se importou o suficiente para vê-la.

Lori não sabia o nome dele e assim que fosse embora, sabia que nunca mais o veria.

Servindo o restante dos clientes, realmente sentiu vontade de sorrir, mesmo com o olho machucado. Não conseguia se lembrar da última vez que foi feliz.

Não duraria, mas por agora manteria esses pensamentos deprimentes de lado.

George já preparou a torta e o sorvete para servir. Ela não sabia o nome dele, mas estar perto a fazia se sentir feliz, segura e também um pouco assustada. Havia algo novo, diferente no jeito como a olhava. Um olhar intenso que a fez pensar em um lobo cobiçando uma ovelha.

Os nervos a mantiveram à distância.

Claro que ele não ficou para sempre e ela se viu olhando para onde esteve sentado, perguntando-se quem era, seu



nome, qualquer coisa. A cabine vazia trouxe um daqueles momentos fugazes de arrependimento que Lori afastou tão rapidamente quanto veio.

O resto de seu turno passou sem nenhum percalço. Ninguém mais flertou com ela ou quis conhecê-la melhor. Passou pelos pedidos até a hora de fechar.

Pegou sua bolsa e estava prestes a deixar o restaurante, sem prestar atenção em nada, até que George a chamou de volta.

— Ei lembra-se de que precisa jogar isso na lixeira? — Ele levantou um grande saco de lixo preto.

George nunca era um cavalheiro, mas não querendo irritar seu chefe, pegou o saco e arrastou-o para o beco escuro.

Odiava o beco, especialmente à noite. Isso a lembrava de todos os filmes de terror que assistiu. Quando jogou o saco no lixo, ofegou quando alguém passou um braço ao redor de sua cintura, pressionando um pano contra seu nariz.

O pânico a percorreu e ela lutou, gritando. A cada segundo que passava, seu corpo ficava relaxado e pouco a pouco, os olhos foram-se fechando e o sono a invadiu.





CAPÍTULO

DOIS

Ela ainda estava inconsciente.

Chains estava sentado na cadeira dobrável, observando a suave subida e descida de seu peito. Um anjo adormecido. Sentou-se ao lado dela, perdido em seus pensamentos, por mais de uma hora. Ele não se arrependeu de sua escolha de levá-la ali. Era para seu próprio bem. O mundo lá fora a comeria viva, e este era o único lugar onde poderia mantê-la segura.

Nunca teve muito enquanto crescia. Na hierarquia do orfanato e depois na máfia russa local, apenas conseguia os restos. Isso foi há muito tempo atrás. Uma vida inteira que esqueceria de bom grado. Agora Chains tinha escolhas, fazia as suas próprias regras. E esse cordeirinho era o seu prêmio. Apenas dele e de ninguém mais.

Em todos os seus anos desde que se mudou de seu país, nunca se interessou por uma mulher. Elas eram boas para uma coisa. Caso contrário, ficavam em seu caminho. Ele não tinha certeza do que acontecia com esta *Lori Dean*. Talvez fosse a vulnerabilidade em seus olhos, a contusão ou algo que foi desencadeado de seu passado. Tudo o que sabia com



certeza era que não conseguia ir embora. Algo profundo dentro dele, nas entranhas escuras de sua alma, exigia que a protegesse de si mesma, a mantivesse como seu tesouro.

Antes mesmo de sair do restaurante, seu plano já estava em ação. A voz em sua cabeça disse-lhe para pegá-la e concordou completamente. Sabia que Boss nunca toleraria que ele sequestrasse uma jovem mulher e a acorrentasse no seu esconderijo, mas ninguém saberia, exceto Chains. Lori seria seu pequeno segredo sujo.

Chains estendeu os ombros. Ele ainda tinha tempo antes que ela acordasse, então decidiu colocar algumas coisas de seu plano em movimento. Quando sua pequena hóspede acordasse, não ficaria feliz, então queria ter algo para lhe oferecer. Uma oferta de paz. Independente de querer estripar o idiota que se atreveu a colocar as mãos nela, isso seria uma boa jogada.

Chains tinha informações suficientes do relatório inicial de Maurice sobre Lori para rastrear o cafetão local. Ele tinha vinte e nove anos, magro, cheios de tatuagens. Aparentemente, controlava o bairro com um punho de ferro e era a causa do medo excessivo e sofrimento na pequena comunidade. Tudo acabaria muito em breve. Merdinhas como Carlton Riga eram pequenas migalhas para qualquer um que trabalhava para os *Killer of Kings*, mas Chains gostaria de matá-lo pessoalmente.

Chains se levantou e olhou para Lori mais uma vez. Ele tirou o elástico do cabelo dela e a blusa do uniforme de



poliéster. Foi quando percebeu a extensão de seus hematomas. Não era apenas o olho, mas a maior parte do peito. Que tipo de idiota de lixo fazia isto a uma mulher? Apenas de olhar para os ferimentos, seus músculos ficaram tensos, pensamentos violentos enchendo sua cabeça. Ele queria respostas. Por que Carlton colocou as mãos em Lori em primeiro lugar?

Ele subiu a escada, trancando a porta do porão atrás dele. Seus olhos se ajustaram à iluminação mais forte quando colocou um de seus coldres de armas personalizados. Boss garantiu que sempre teria os últimos brinquedos e dispositivos para reconhecer e matar. Nos últimos anos esteve fazendo mais vigilância e obtendo informações para o dono do *Killer of Kings*. Boss confiava nele e isso dizia muito. Quando a situação piorou, Chains foi um dos primeiros homens para quem Boss ligou.

Depois de se armar, vestiu uma jaqueta. Ao contrário da maioria da equipe com quem trabalhava, Chains não tinha tatuagens, então tinha a habilidade de entrar e sair no meio multidão sem atrair muita atenção. E de fato, sua pele não estava marcada por uma única tatuagem. Quando foi recrutado pela máfia para uma posição de baixa patente assim que saiu do orfanato, eles o marcaram como um cachorro com sua insígnia. Trabalhou como um *krysha*, chantageando e extorquindo, dando golpes em troca de nada mais que comida. Estar no fundo da cadeia alimentar na hierarquia da máfia russa era um tipo especial de tormento. Demorou alguns anos, mas Chains acabou adquirindo mais



habilidades e bolas do que seu líder e sozinho eliminou todos os melhores jogadores antes de passar para ligas maiores.

Chains cortou a marca que lhe fizeram com uma navalha de bolso e ainda tinha a cicatriz no ombro para provar isso. Até hoje, nunca permitiu qualquer tinta em seu corpo. Seu corpo era uma posse para ele próprio.

Chains dirigiu para o antigo bairro de Lori. O bairro parecia uma porcaria e chamá-lo de *gueto* seria um elogio. Desde que se juntou a *Killer of Kings*, Chains aprendeu a gostar das coisas boas da vida. Dinheiro, status e armas de fogo significavam que tinha opções. Valorizava sua liberdade, sua independência e o fato de que nunca mais estaria por baixo.

Ele parou o carro na parte de trás de um centro comunitário. Já era tarde, então esperava a multidão desagradável nos fundos. Sombras escuras permaneciam ao redor, apenas uma luz solitária na porta dos fundos e uma luz de rua distante forneciam alguma iluminação. Chains abaixou a janela, o lento ruído de cascalho sob os pneus misturando-se com as risadas e os xingamentos.

Um homem de capuz aproximou-se do lado do motorista.

— Estou procurando por Carlton Riggs. — Disse Chains.

— Você quer comprar?

— Claro.

— O que você precisa?



Chains respirou fundo, sua paciência já se esgotando.

— Eu disse que queria falar com Carlton Riggs, não com você.

O homem se endireitou, depois assobiou para um dos grupos maiores. A maconha era pungente no ar, a batida baixa de um carro distante, era uma distração que o beneficiava. Quando três homens se aproximaram, não conseguiu vê-los, apenas suas silhuetas. Sabia que o do meio era Carlton Riggs, apenas por seu andar arrogante.

— O que acontece? — Perguntou Carlton.

— Esse cara quer comprar. Mas apenas se falar com você.

Carlton apoiou o antebraço no capô do carro de Chains e se aproximou. Ele cheirava a álcool e cigarros.

— Quem é você?

— Entre. Nós temos negócios que precisamos discutir.

— Chains ordenou, ainda olhando para fora do para-brisa.

— Eu não o conheço.

— Bem, soube que você é o único que dá as cartas por aqui, então é o único homem que importa. — Chains sabia que o idiota presumido iria se inchar com o elogio e estava certo.

— Jimmy, venha comigo.

Carlton sentou no banco do passageiro e Jimmy sentou-se no banco de trás, as duas portas se fechando simultaneamente. Chains subiu a janela, satisfeito por ter



sua presa segura em sua teia. Esta noite seria uma boa noite.

— Ok, mas que porcaria é tudo isto? — Perguntou Carlton.

— Eu não tenho a noite toda.

Chains terminou sua farsa. Ele clicou no botão da fechadura da porta, garantindo que ninguém deixasse seu carro até que o permitisse.

— Você se lembra de Lori Dean?

— O que? Quem? O que está acontecendo?

— Lori Dean, garçonne de vinte e cinco anos de idade. Você bateu nela está semana. Isto refresca a sua memória?

Carlton tentou a maçaneta da porta, entrando em pânico quando não conseguiu abri-la.

— Abra a porra da porta. Quem é você?

— Não abrirei a porta até que você me diga por que bateu nela.

— Vá se foder. — Carlton acenou com a cabeça para o grandalhão no banco de trás e uma arma encostou perto da cabeça de Chains. O som deixou seu pau duro. Esses filhos da puta não tinham a menor ideia da dor que os aguardava.

— Agora. Abra a maldita porta.

Chains virou-se no assento, agarrando o pulso de Jimmy com uma das mãos e jogando o outro cotovelo no antebraço do homem. Seus movimentos foram tão rápidos, que cerca de dois segundos sua própria arma apontava para



seu rosto. Chains puxou o gatilho.

Ele virou de volta no assento, colocou o carro em marcha à ré e depois pisou no acelerador. O carro girou e derrapou no estacionamento antes de voltar à estrada principal. Carlton estava em estado de choque, as mãos num aperto mortal no painel e na maçaneta da porta. Chains conduziu para a periferia da cidade, que era fortemente arborizada, em seguida, parou o carro em um bosque escuro.

— Quem é você?

— Você não pode fazer perguntas, Carlton Riggs. Apenas responda às minhas. Você entende?

— OK. Certo. Tanto faz.

— Por que você colocou as mãos em Lori Dean?

Ele riu nervoso, beliscando o assento.

— Eu mal me lembro daquela garota. Ela estava fazendo compras para suas irmãs e irmãos. Apenas lhe ofereci dinheiro.

— Em troca de que?

— Olha, eu dirijo um negócio aqui. Alguns caras gostam de garotas gordas. Ela poderia me fazer algum dinheiro e ajudar sua família. Todo mundo ganha.

— Mas ela recusou, não é?

— Sim, a puta estúpida.

Chain o socou na boca e seu corpo bateu contra a porta do passageiro com o impacto. Carlton tocou o sangue no



lábio.

— Por que você bateu nela?

Ele agora estava com a respiração ofegante, provavelmente percebendo a situação ruim em que estava.

— Para lhe ensinar uma lição.

— É a sua palavra ou nada feito, certo?

— Eu possuo esta cidade. E se ela não gosta, não deveria ter voltado. Contratou você ou algo assim?

Chain balançou a cabeça.

— Ela não sabe que estou aqui. — Ele se perguntou qual o troféu que poderia levar. Algo para provar que o idiota que a machucou estava morto. Talvez um dedo? Uma foto no celular?

— Eu não entendo.

Ele se mexeu em seu assento, encarando Carlton.

— Existem alguns homens por aí que não acham que se deve bater em uma mulher inocente. Nunca. Você obviamente não é um deles.

— Eu não tenho nada contra você. O que você quer? Dinheiro? Drogas?

Ele riu.

— Vingança.

Carlton tentou forçar a abertura da porta, finalmente alcançou uma lâmina em sua bota, segurando-a na frente dele.



— Abra a porta e me deixe sair.

— Claro, eu posso fazer isso.

Chains destrancou as portas e saiu do carro. Carlton correu à frente, seu corpo esguio destacado pelos faróis. Ele caiu uma vez em pânico enquanto fugia. Chains abriu o terno e puxou uma de suas Glocks, levando tempo para enroscar o silenciador. Ele atirou em Carlton na perna, observando-o cair na terra ao lado da estrada.

— Traga sua bunda de volta aqui ou o próximo é um tiro na cabeça. — Chains sentou no capô, esperando enquanto ele voltava mancando. Quando estava perto o suficiente, Chains acrescentou.

— Tire o seu amigo do meu banco de trás.

Assim que o cadáver foi jogado na beira da floresta, Chains instruiu Carlton a arrastá-lo para dentro dos arbustos. Checou seu relógio e sabia que precisava voltar para casa em breve. Lori acordaria logo do efeito das drogas e ele não queria que ela entrasse em pânico.

Isso foi tudo por ela.

— Ok, pronto. Agora, por favor, me deixe ir. — Disse Carlton.

Chains aproximou-se dele, socando-o nos olhos e derrubando-o no chão. No orfanato, ele era pequeno quando criança, mas sempre foi um lutador. Agora tinha o tamanho e os músculos para se apoiar. Às vezes, era bom usar os punhos em vez de uma lâmina ou uma arma, como agora,



enquanto dava a esse cretino um gostinho de seu próprio remédio.

— Qual é a sensação?

— Fique longe de mim.

— Eu não terminei com você. Lori tinha hematomas no peito e sou defensor do olho por olho. — Chains disse.

Chains montou o corpo de Carlton, agachou-se e deu-lhe o mesmo tratamento que ele deu a Lori. Quando finalmente se levantou, o cafetão estava cuspidando sangue.

— Mais não...

Chains se abaixou perto da cabeça de Carlton.

— Eu deveria me desculpar. Posso ter levado você a acreditar que era um bom cidadão, sabe, cuidando de mulheres abusadas por traficantes de lixo. Mas isso é apenas até onde se estende a minha civilidade. Infelizmente para você, nunca fui muito bom em ter compaixão pelos meus inimigos. E quando colocou suas mãos em Lori, se tornou meu inimigo.

— O que você fará?

— Você não ouviu. — Chains torceu a orelha do homem até que ele gritou.



— Ninguém toca na minha mulher e vive.



Lori tossiu e o cheiro de mofo irritando sua garganta a lembrou de quanto seu peito ainda doía. Abriu os olhos e uma onda de tontura a pegou de surpresa, então os fechou novamente.

Onde estou?

Ela tentou focar seus pensamentos, lembrar a última sequência de eventos, mas nada. Então se lembrou de George a incomodando sobre o lixo. Essa era a última coisa da qual se lembrava. Não, havia mais. Lembrava-se de lutar com braços mais fortes que o aço.

Lori sentou-se e envolveu as mãos ao redor de si mesma, a adrenalina correndo rápido por suas veias. Estava muito escuro para ver claramente, apenas uma pequena luz noturna trazia um brilho fraco. Quando moveu os braços, o barulho das correntes a assustou. Ambos os pulsos tinham algemas largas com correntes penduradas nelas.

Estava quieto demais. Tudo o que podia ouvir era sua respiração. Havia outra pessoa ali? Lori tinha muito medo até de sussurrar.

Ela se levantou e puxou o comprimento da corrente, descobrindo que estava presa a uma parede. Seu coração acelerou. Subiu no banco acolchoado no qual estava dormindo, tentando tirar as argolas de metal da parede de concreto. Continuou cavando e tentando abrir o fecho e os elos das correntes até que suas unhas se quebraram.

Isso não pode estar acontecendo comigo.



Ela sentou-se novamente, muito assustada e confusa para chorar. Foi quando notou que estava apenas com o sutiã esportivo e não tinha ideia onde estava o uniforme. Lori passou a mão pelo corpo, aliviada por ainda ter a saia e nada parecia fora do lugar entre suas pernas. Ainda assim, o que quer que estivesse acontecendo não estava a seu favor. Foi sequestrada.

Seria Carlton Riggs? Ele a encontrou no restaurante? Será que iria estuprá-la e matá-la ou espancá-la até que concordasse em vender seu corpo? Talvez fosse um serial killer e planejasse torturá-la até o último suspiro. Então começou a chorar. Nenhum dos cenários terminaria bem para ela.

Os seus medos e desespero atingiram o ponto de ebulição. Ela não podia acreditar em sua má sorte. Toda sua vida foi uma luta por comida, amor, segurança, dinheiro. Nada foi fácil e era assim que tudo acabava?

Lori se levantou e puxou as correntes, inclinando todo o peso para trás, puxando até os seus pulsos ficarem machucados. O que ela tinha a perder? Precisava escapar antes de seu captor retornar. Quando as correntes não se soltaram, seu nível de pânico aumentou. Ficou de joelhos, rastejando no escuro enquanto tentava encontrar qualquer coisa para usar como arma ou ferramenta de fuga. Lori bateu no chão de concreto frio até onde as correntes permitiam, mas não encontrou nada.

Ela lutou com suas amarras, gritando e chorando até



que não houvesse mais nada.

Sem lágrimas.

Sem mais raiva.

Sem mais esperança.

Uma porta se abriu, o fluxo de luz do alto de uma longa escada a cegou momentaneamente. Ela sentou-se, logo se agachou no final do banco, tentando permanecer escondida, mesmo sabendo que isso não a ajudaria. O cérebro de Lori estava sobrecarregado. Estava pensando a respeito de algo para poder negociar, mas não tinha dinheiro, nada de valor e ninguém repararia que desapareceu. George notaria no turno da manhã, quando abrisse o restaurante, mas iria ignorar e em menos de uma hora teria uma placa com *precisa-se* afixada.

Ela olhou para cima e observou as botas pretas descendo lentamente, a cada passo soava um rangido na escada de madeira. Sua boca estava seca, as mãos tremendo. Pouco antes do rosto do homem aparecer, se abaixou, rezando para ficar invisível.

— O que está acontecendo?

Uma lâmpada se acendeu, um brilho suave iluminou o porão. Lori soltou um pequeno suspiro. Seu instinto foi cobrir a boca com a mão, mas não ousava se mexer ou sacudir suas correntes. Manteve seu foco nas fendas do concreto cinza e observou um besouro tentar entrar sob a perna do banco. Queria poder desaparecer assim tão facilmente.



Passos pesados se aproximaram. Ela contou os passos, imaginando se era possível morrer de medo.

— O que você fez? — A voz profunda era vagamente familiar, mas estava muito confusa para entender qualquer coisa agora.

— Lori?

Ouviu seu nome e foi quando soube que seu sequestrador a conhecia, que planejou isto por qualquer razão distorcida. Deveria ser Carlton. Ela não estava no radar de mais ninguém.

Quando as mãos dele envolveram seus braços, ela gritou e lutou, chutando as pernas até baterem na parede. As correntes se sacudiram violentamente. Seus olhos estavam bem fechados, como se não o ver, de alguma forma, tornaria as coisas melhores.

— Ajude-me! — Ela gritou. Talvez alguém no andar de cima sentisse pena dela. Talvez um transeunte ouvisse seus gritos.

— Maldição, Lori. Pare com isso! Você apenas está se machucando.

— Socorro!

O demônio que a segurava já teve o suficiente. Ele se sentou no banco com ela no colo, os braços imobilizados ao lado do corpo. Não adiantava lutar e aos poucos perdeu toda sua energia.

— Olhe para os seus pulsos, pelo amor de Deus. — Ele



passou a ponta do polegar ao longo das áreas machucadas e ela se encolheu com contato.

— Eu não a machucarei.

Ela queria fazer perguntas, mas não ousava abrir a boca. Lori estava certa de que não gostaria das respostas.

— Está com fome?

A última coisa com a qual se importava agora era com comida.

— Ok, primeiro o mais importante. Preciso tirar essas algemas e enfaixar seus pulsos. Eu não sei em que estava pensando em usar correntes em você. — Ele se levantou e a posicionou no banco. Seu captor se abaixou em um joelho na sua frente.

— Lori, olhe para mim.

Ela não queria olhar para ele. Olhar para o inimigo era uma forma infalível de selar seu destino. Mas na sua situação, desobedecer-lhe poderia ser pior. Lori respirou fundo e olhou para o homem na sua frente. Sua boca se abriu.

Era ele.

O homem da torta de cereja.

Fantasiou sobre ele a noite toda antes de seu turno terminar. Foi o primeiro homem a lhe dar atenção e havia algo sombrio e atraente sobre o cara de terno. Oh, como estava enganada. Tentou se lembrar de tudo o que ele disse, o que ela disse e como poderia sair desse pesadelo.



Ele tocou seu olho com uma leve carícia.

— Nenhum homem jamais irá machucá-la novamente.

Ela não tinha certeza do que era, o som de sua voz ou a forma como disse as palavras, mas acreditou nele.





CAPÍTULO

TRÊS

Ok, então talvez deveria ter previsto o pânico dela, mas ainda assim, Chains não a machucaria. Ela era preciosa para ele e não tinha a menor intenção de vê-la sofrer novamente. Não pelas mãos dele ou de qualquer outra pessoa. Lori lhe pertencia agora.

O olhar dela percorreu seu corpo, ele viu lágrimas e confusão em seus olhos.

— Você estava no restaurante. — Ela afirmou. Sua voz soava rouca.

— Você não deveria gritar. Não há ninguém por perto, nem ninguém para ouvi-la. É um pouco sem sentido.

Chains viu seu lábio tremer e se amaldiçoou. Essa única palavra a fez recuar e ele apertou os dentes. Porra. Não era bom nesse tipo de coisa. Anos sendo tratado como lixo e ali estava Chains, sequestrando uma mulher que no fundo, sabia que não deveria, mas não conseguiu negar a si mesmo.

Por muito tempo sempre soube o que fazer, no momento em que viu Lori e a dor que ela carregava, sentiu que precisava tirá-la de toda aquela bagunça e ajudá-la. Ninguém esteve lá para ajudá-lo.



Colocou alguns cabelos soltos atrás da sua orelha. Ela se afastou de seu toque e ele franziu a testa. Chains esperava que isso a deixasse mais suave.

— Não entendo o que está acontecendo.

— O homem que a machucou. — Ela se encolheu e ele desejou poder voltar atrás e matar o idiota novamente. Considerando que Carlton era o rei de sua pequena rua, ele gritou como uma fodida cadela enquanto o torturava. Os sons que fez não foram bonitos.

— Ele não irá mais machucá-la.

Ela franziu a testa.

— Você quer dizer Carlton Riggs?

— Sim.

— Espere, como você sabia disso?

— Eu tenho meios de descobrir qualquer coisa que quiser. — Ele queria estender a mão e tocar sua pele, mas se conteve.

Você a sequestrou.

Não a enlouqueça com mais.

Ela desviou o olhar e o vinco em sua testa ficou mais profundo. Sua mente provavelmente estava exausta, pensando em como se afastar de seu sequestrador.

Ele era suposto ser o herói.

Chains massageava seus pulsos, odiando as feridas avermelhadas que já estavam se formando. Ela tentou tirar as



correntes e ele não pensou em protegê-la. Nunca esperou nada disso.

— Eu já volto. — Levantando-se do lugar, ele foi para a cozinha e encontrou o kit de primeiros socorros. Foi até a sala de estar, abriu uma gaveta e tirou um pouco de espuma como precaução.

Na sua primeira oportunidade Lori iria fugir, Chains sabia disso, mas não a deixaria ir.

Quando entrou no porão dessa vez, ele trancou a porta e guardou a chave antes de descer. Ela ainda estava sentada na mesma posição em que a deixou, congelada no lugar. Os braços dela apoiavam-se nos joelhos, com os pés expostos e ele odiava ver as marcas das correntes em sua pele pálida. Lori era uma mulher bonita e não merecia esse tipo de tratamento.

— Você vai me matar? — Ela sussurrou. Lágrimas caíram por suas bochechas quando ela o olhou. Essa inocência. Toda dele.

— Não, eu não a matarei. — Ele se sentou e tirou a chave das algemas. Quando soltou uma das suas algemas, ela rapidamente segurou o seu pulso contra o peito. Estremeceu quando esfregou a pele marcada.

— Você irá se machucar. Deixe-me cuidar de você. Enquanto faço isso, pode fazer quantas perguntas quiser.

Ele viu a tentação em seus olhos. Ela queria saber mais. Precisava entender o que estava acontecendo e a cada segundo que passava, não saber a deixava louca. Sabia o que



Lori sentia mais do que jamais poderia saber. Apenas ouvir o tilintar das correntes trouxe de volta lembranças de seu passado. Foi como Chains conseguiu seu nome. Os outros assassinos de *Killer of Kings* achavam que era apenas um apelido, mas estava envolto numa realidade sombria que tentava esquecer.

— Bem, se não irá me matar, porque estou aqui?

— Você é a minha recompensa.

— Recompensa de que?

— De uma vida ruim.

— Você vai me estuprar? — Ela puxou a mão antes que ele pudesse dar uma boa olhada nela.

Ele a olhou.

— Não, eu não a estuprarei. Não gosto de ferir mulheres inocentes. — Ela não lhe estendeu a mão e nesse momento viu que Lori estava tremendo.

— Fale comigo.

— Eu não sei o que dizer.

— Você tem perguntas, faça-as. Finja que estamos no restaurante.

— É mais fácil falar do que fazer. É meio difícil pensar em todas as perguntas certas agora, porque estou muito assustada.

— Eu farei o meu melhor para responder a qualquer coisa que quiser saber.



Ele ainda segurava sua mão, com a pomada em seus dedos. Quando estava num trabalho, sua paciência, era muitas vezes testada, mas agora, sentia uma sensação esmagadora de calma e paciência apenas por estar em sua presença.

— Dê-me o seu pulso para que eu possa protegê-lo.

Lentamente, ela abaixou o pulso e Chains segurou seu braço. Começou a tratar a ferida, cuidadosamente enquanto esfregava o creme no pulso dela. No primeiro toque, Lori se encolheu e ele não se importou. Qualquer um que não soubesse que estava seguro, teria a mesma reação. Ela estava apenas sendo humana. Chains, por outro lado, perdeu sua humanidade nas favelas de Kapotnya. E nunca mais a recuperou.

— Isso não faz nenhum sentido.

— Deveria? — Ele perguntou.

— Você me sequestrou. Agora está tratando as minhas feridas. Eu não entendo. Não faz sentido. — Disse ela.

Ele sorriu.

— Você já disse isso duas vezes.

— Eu não sei o que pensar. Toda minha vida, quando lia e ouvia histórias de mulheres sendo sequestradas, normalmente elas são encontradas depois de dias, semanas ou meses. São estupradas, torturadas ou brutalmente assassinadas. Não quero morrer. Eu tenho uma vida muito ruim. Provavelmente uma que faz com que as pessoas



pensem que não a quero viver, mas eu quero. Eu tenho muitos planos.

— Que tipo de planos? — Ele perguntou. Chains nunca se importou com as mulheres que fodia. Queria saber tudo sobre Lori Dean. Ele terminou de colocar a pomada e avançou para cuidar do outro pulso dela. A tensão em seu corpo diminuiu um pouco, isso parecia um bom sinal.

— Eu não sei. Esperava um dia ir para a faculdade, mas porque estava ocupada demais cuidando dos meus irmãos e irmãs, não me formei no ensino médio. Queria frequentar as aulas noturnas, mas meus pais precisavam de todo o dinheiro que pudessem conseguir.

Ele estava ciente de sua situação financeira e do fato de ter saído do ensino médio.

— Você precisa parar de se preocupar com seus pais e seus irmãos. Eles não são de sua responsabilidade.

— Mas se eu não me importar com eles, quem o fará? — Perguntou ela.

— Eu não quero que eles tenham as mesmas experiências que eu.

— Eu sei que eles são seus irmãos e irmãs, mas você não os deu à luz, seus pais sim e deveriam ser os únicos a se importar. Bem, se não o fazem, deveriam lidar com todos eles de outra forma.

Seus olhos brilharam com lágrimas.

— Você quer dizer colocá-los em uma instituição? Um



lugar onde todos são esquecidos. E provavelmente coisas muito piores.

Chains viu sua dor e o cortou profundamente saber que ela se importava tanto com seus irmãos. Nunca se importou com ninguém, porque ninguém se importava com ele. Mas Lori estava certa. Uma instituição era a coisa errada a se fazer.

— Não posso deixar isso acontecer. Eles não merecem.
— Ela respondeu.

— E você merece desperdiçar sua vida porque seus pais não são capazes de usar proteção? Pense nisso Lori, tudo o que está fazendo é cuidar de crianças que não são suas. Está permitindo que eles tenham mais, porque sabem que você cuidará deles. Quando foi a última vez que alguém a deixou tomar um banho de banheira ou cuidou de você quando estava doente?

As lágrimas vieram agora com força total e ela soltou um soluço.

— Você pode achar que não vale tanto assim, mas sabe de uma coisa? Acho que vale e merece coisas muito melhores do que o que eles estão dando. — Ele estendeu a mão e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Agora, você poderia tentar ver isso como umas férias.

— Umas férias?

— Eu cuidarei de você, Lori. Ninguém mais o faz. Até mesmo essa porra de seu patrão precisa aprender uma lição,



fazendo com que leve o lixo por um beco escuro como aquele. E se não fosse eu, teria sido outro, então o que você teria feito? — Chains perguntou.

Ela franziu a testa.

— Você não deveria ter me levado em primeiro lugar.

— Que tal você me dar uma semana? — Ele perguntou, mais do que disposto a comprometer-se a ganhar sua confiança.

— Uma semana?

— Sim. Permita-me mostrar-lhe como seria ser cuidada e nesse tempo, não pode tentar fugir ou escapar. Vamos ver o que acontece.

— Você sabe que isso é completamente louco, certo? Não é o que os sequestradores fazem.

— A maneira como você continua falando sobre os verdadeiros sequestradores é como se quisesse que eu realmente a machucasse. — Lori assistiu muitos filmes de terror. Então novamente, algumas das cenas protagonizadas pelos *Killer of Kings* dariam a ela verdadeiros pesadelos.

— Não, eu não quero que me machuque.

Ele sorriu. Não a machucaria mesmo que ela implorasse.

— O que você acha? — Ele perguntou.

Ela olhou ao redor do porão e depois olhou para si mesma.



— Posso pelo menos tomar banho durante esta semana?

— Sim, mas precisa me prometer que não tentará fugir. Minha casa está construída como o forte Knox. Não pode sair e se tentar, eu a acorrentarei de volta aqui para que não se machuque. — Ele a deixou sem as algemas e esperou.

— Uma semana em que todas suas necessidades serão atendidas. Farei uma refeição para você. Sou muito bom nisso. Tenho filmes e livros. Uma semana para se preocupar apenas com você, sem responsabilidades.

Ela mordiscou o lábio e ele a viu hesitar.

— Não a tocarei, então não se preocupe com isso. Não há mais ninguém na casa também. O que você diz?



Ele era o pior sequestrador do mundo.

Lori acenou com a cabeça. Uma semana sem ter que se preocupar em ir para o trabalho, chegar em casa, comprar mantimentos para alimentar seus irmãos e lidar com qualquer caos em que seus pais se encontrassem era uma tentação grande demais.

Lori provavelmente deveria se preocupar com um novo emprego e como compensaria uma semana de despesas, mas não estava realmente em condições de mudar sua situação. Chains esperava enquanto ela se levantava do banco e caminhava pelo chão frio em direção à escada. Ele abriu a



porta e ela o seguiu para uma enorme cozinha de luxo com armários de madeira. O espaço era maior do que todo seu apartamento de um quarto.

Ela olhou para a porta e o mais louco de tudo, não estava sequer tentada a correr. Desde os oito anos de idade, cuidava de seus irmãos e irmãs. Preparando-os para a escola e sempre sendo uma constante em suas vidas. Aprendeu a ler rápido para poder contar uma história para dormir e usava os livros da biblioteca, já que seus pais não se importavam em ter material de leitura na casa.

Não havia tempo livre para brincar. Tudo o que conhecia era crianças e trabalho. O estresse, as exigências e as responsabilidades, tudo era demais e mesmo antes do homem da torta de cereja aparecer, ela estava no limite.

— Qual é o seu nome? — Ela perguntou.

Ele disse a ela? Lori não sabia. Sua cabeça estava uma bagunça. Entre ser sequestrada, a confusão e agora a tentação de uma semana relaxante, deve ter se esquecido.

— É Chains.

Ela esfregou os pulsos, pensando nas algemas que acabou de tirar.

— Siga-me.

Eles deixaram a cozinha e ela entrou num grande corredor. A mobília era elegante e tudo estava profissionalmente decorado ao contrário da casa de seus pais. Sua casa de infância era forrada com papel de parede



descascado, mobília gasta e nem tinham uma cozinha apropriada. As tábuas do assoalho estavam soltas e tinha certeza de que ali havia um rato residente, mas nunca conseguiu encontrá-lo. Metade do tempo eles não conseguiam manter o calor.

— Você tem uma bela casa. — Ela disse.

— O sequestro deve ser muito lucrativo. Infelizmente, desta vez escolheu uma das mulheres mais pobres que poderia encontrar.

— Você é minha primeira vítima. — Ele sorriu.

— Confie em mim, nunca esperei viver assim.

Ela queria saber mais.

— Por quê?

— Quando você vem do nada, é difícil imaginar ter algo na vida. Ninguém realmente quer ajudar, não é? Todos estão nisso por si mesmos. Você deveria saber. — Ele respondeu.

Ela sabia. Ninguém se importava com o que estava passando. Todos apenas queriam que Lori lidasse com isso e seguisse em frente.

Chains não demorou muito tempo no andar principal. Eles foram por uma escada de madeira muito resistente com esculturas decorativas e ela segurou o corrimão, imaginando o que ele fazia para viver. Havia muito mais para ele do que apenas sentar em uma lanchonete e comer torta de cereja. Com esse tipo de luxo, deveria frequentar um daqueles restaurantes chiques, comendo caviar e trufas, não comida



gordurosa.

Eles chegaram ao final do corredor e sua mão pousou na porta.

— Este será o seu quarto pela próxima semana.

Ele abriu a porta e ela não sabia o que esperava, mas era como se fosse um conto de fadas. Havia uma grande cama de dossel, uma penteadeira, o lugar era espaçoso e o ar cheirava a fresco. Não a umidade, decadência e urina. Ela se virou e não conseguiu tirar o sorriso do rosto. Isso era uma piada?

— Este aqui é o seu guarda-roupa, preciso encontrar algo para você que seja do seu gosto. Banheiro privativo. Há um roupão e toalhas lá dentro. — Ele se moveu para se sentar na beirada da cama.

— Continue. Dê uma olhada.

— Eu posso tomar um banho?

— Você pode tomar quantos banhos quiser.

Ela assentiu e entrou. Tudo lhe tirava o fôlego, era tão lindo. A mistura de design moderno e antigo era de admirar, como algo saído de uma revista de casa e jardim.

Preparando um banho, ela encontrou sais de banho com aroma de lavanda e borrifou alguns na banheira, fazendo bolhas.

Não se sentiu confortável tirando as roupas. Não importava quantas promessas Chains fez, ele ainda a sequestrou. Não podia baixar a guarda. Pelo menos Chains



não bateu nela. Tudo o que fez foi colocá-la para dormir com clorofórmio, o que soava mal, mas não era nada comparado ao que Carlton fez.

— Que tipo de comida você gosta? — Chains se inclinou contra o batente da porta e desta vez ela realmente prestou atenção. Quando estava no restaurante, ele usava um terno completo. Agora apenas vestia uma camiseta azul-marinho e jeans pretos. Seus ombros eram enormes e os músculos dos braços flexionavam quando ele os cruzava.

— O que você quer dizer?

— Vou pedir comida para nós. Chinês, mexicano, italiano? O que você gosta?

— Adoraria experimentar comida chinesa. — Ela respondeu.

— Você nunca experimentou antes?

— Não. — Ela sempre quis, mas seus pais odiavam e disseram para não desperdiçar dinheiro em algo que não comeriam.

— Vou pedir o cardápio.

Ela tinha certeza de que ouviu errado. Por um segundo, Lori pensou em suas responsabilidades. A culpa começou a atormentá-la e sentiu-se tentada a correr.

Uma semana.

Ela não sabia o que aconteceria depois daquela semana, mas não podia deixar de pensar e sentir que Chains estava certo. Seus irmãos e irmãs não eram responsabilidade dela.



Por muito tempo e com demasiada frequência, assumiam que ela lidaria com tudo.

Lori, vá comprar remédio para tosse.

Lori, acorde e alimente seu irmão. Estou cansada.

Lori, você não pode ir para a escola hoje.

Lori, não seja tão egoísta e cuide de sua irmã.

Sentada na beirada da banheira, ela não conseguia pensar em uma única razão pela qual deveria voltar para casa. Para seu apartamento. Para sua antiga vida. Todo mundo a usava. Será que por pelo menos um segundo ficariam preocupados? Ou talvez apenas irritados porque que Lori não estava lá para lidar com seus filhos?

As lágrimas encheram seus olhos mais uma vez, não por medo, mas por uma tristeza profunda.

— Você está chorando. — Disse Chains.

— Porque está chorando? Está machucada?

Era tudo demais. Um completo estranho se importou mais com ela nos últimos minutos do que seus próprios pais. Isso não era o correto.

— Estou bem.

— Isso não me soa bem. Por favor, Lori, deixe-me ajudá-la. — Ele nem sequer entrou no banheiro.

Estava dando-lhe espaço, cuidando dela e amando-a de uma maneira que seus próprios pais não conseguiram.

Isso provavelmente ia contra cada aviso ou alarme



disparado dentro de sua cabeça, mas ela pediu para ele entrar.

Ele entrou no banheiro sem olhá-la de frente. A preocupação gravada em seu rosto, tocou seu coração.

— Qual é o problema? — Ele perguntou, se aproximando um pouco.

— Você se importa. — Disse ela.

Suas palavras o fizeram parar a meio do caminho.

— Estou confuso.

— Você sabe como eu queria algo assim? Que alguém aparecesse e se importasse? É algo que você só vê em romances, não na vida real. — Ela sequer se importou quando ele se sentou na beirada da banheira perto dela. Prometeu que não a machucaria e por muito louco que parecesse, acreditava nele. Chains não a machucou uma única vez.

— Eu fiz tudo a vida toda e estou cansada. Estou sempre tão cansada e é difícil que um completo estranho se importe o suficiente para me ajudar. — Lori tocou seu rosto e estremeceu.

— Seus pais não fizeram isso. — Ele disse.

— Eles não o fizeram, mas se um homem assim aparecesse em minha vida e em casa, penso no que me obrigariam a fazer para afastá-lo. — Ela fungou.

— Eu não gosto de vê-la chorar.

— Estou tendo agora um momento de despertar.



— Como assim? — Ele perguntou.

— Eu sempre pensei que meus pais me amassem de um jeito meio estranho. Que se importavam e agora vejo que era apenas uma ajuda para eles. Fui a criança que cuidava de seus outros filhos e agora, provavelmente estão irritados por não ter aparecido com minhas gorjetas. Meus pais não se importam de jeito nenhum.

— Eu me importo. — Ele disse.

— Me preocupo com o que acontece com você e ninguém nunca irá machucá-la. Não se preocupe com o homem que fez isso em seu rosto. Eu cuidei dele.

Lori não sabia o que isso significava. Ele chamou os policiais? Carlton era perigoso, mesmo para um homem como Chain. Ela não queria forçar sua sorte tentando saber mais, então apenas assentiu.

— Obrigada.

— Eu não sou muito bom com sentimentos, mas por você, tentarei. — Chains olhou para ela.

— O mundo é um lugar feio e encontrei um belo lugar para olhar.

Calor cobriu suas bochechas. Foi tão doce da parte dele dizer isso.

— Eu não sou bonita.

— Você é para mim. Quando era criança, sempre fazia pedidos às estrelas, esperando ter uma vida melhor. Rezando por algo mais. Quando nada mudava, pedia qualquer outra



coisa. Parecia um ciclo interminável, como se Deus tivesse me esquecido.

— O que pedia? — Perguntou ela, curiosa. Outras mulheres estariam tentando encontrar uma saída para essa bagunça. Lori se via atraída por esse homem e não porque a sequestrou. Ele era... atencioso.

— Eu pedi por algo para chamar de meu. — O som da campainha da porta interrompeu a conversa.

— A comida chegou.

Ele se levantou e saiu.

Não a tocou nenhuma vez. Ela falava e ele ouvia.

Enxugando as lágrimas de seu rosto, ela entrou no box e fechou a porta. Lavou seu corpo e cabelo rapidamente, depois se levantou, pegando o roupão. Prendeu o cabelo em uma toalha e olhou para si mesma no espelho. Lori tinha vinte e cinco anos e sentia-se mais velha. Sua vida estava se esvaindo enquanto vivia para todos, menos para si mesma. Seu olho ainda tinha um forte tom púrpura e era um lembrete constante da vida que não queria.

Quando ela entrou no quarto, Chains já estava lá.

— A comida está na sala de jantar.

O seu estômago escolheu aquele momento para rosnar e ele riu.

— Eu tenho negligenciado os meus deveres. — Chains estendeu a mão.

Qualquer mulher sensata ignoraria a mão. Ela pegou-a e



se sentiu completamente segura enquanto ele a levava para jantar.





CAPÍTULO

QUATRO

Uma semana depois

Chain observou seu reflexo enquanto passava a lâmina ao longo de seu queixo. Sempre se barbeava com uma navalha ao contrário de aparelhos descartáveis. Algumas coisas não deveriam ser confundidas.

Enxaguou a navalha e a colocou de lado antes de jogar água no rosto. Quando olhou de volta para si mesmo, não tinha certeza do que porra via.

O que é que você fez?

Tudo estava indo tão bem, muito bem, com Lori. Depois do terceiro dia, ela começou a ficar furiosa, questionando seu confinamento, falando sobre pagar as contas e seus irmãos. Foi quando precisou levá-la de volta ao porão.

Chains não tinha certeza do que esperava. Não é como se ele planejasse sequestrá-la. Tudo aconteceu tão rápido, sua decisão foi tomada por instinto. Ainda não se arrependia, embora soubesse que deveria.



O clorofórmio era usado apenas para derrubar os marcados nos contratos. Ele estava misturando negócios e prazer, Boss teria sua cabeça se descobrisse.

Ninguém conhecia o verdadeiro Chains e talvez ele nem sequer se conhecesse. Toda sua vida social era um ato. Nunca esteve na mira de ninguém, nem mesmo de Boss. Quando estava em missão, os outros homens em *Killer of Kings* assumiam que Chains era apenas mais um, despreocupado e competente em seu trabalho.

Sim, fazia bem o seu trabalho. Matar estava em seu sangue. Mas era aí que suas suposições falhavam. A máscara que Chains usava para o mundo era um verniz para esconder a escuridão interior. Cumprir os contratos apenas mantinha sua mente ocupada, mantinha os demônios à distância. Desde antes que pudesse se lembrar, sua vida sempre foi um jogo, vendendo sua alma apenas para permanecer vivo. Muitas das experiências que viveu foram misericordiosamente bloqueadas em sua mente, mas ainda o transformavam no monstro que era hoje.

Mas desde que foi contratado pelo *Killer of Kings*, quis mais, queria tudo o que lhe foi negado. Exagerava em tudo, de mulheres a carros. Chains exigia o melhor, como se de alguma forma as posses materiais compensasse uma vida de besteira. Era tudo fumaça e espelhos... até que viu Lori.

Quando a viu, suas necessidades se tornaram reais. Ele a merecia, a queria e não seria negado. Havia uma parte de seu passado em seus olhos. Podia ver através do seu exterior



até a dor, o fardo, o desespero. Ela precisava ser salva e queria ser seu herói. Lori foi aquilo pelo qual pediu na maior parte de sua vida. Sua própria estrela brilhante.

Seu celular tocou, então pegou uma toalha e secou o rosto enquanto voltava para o quarto. O celular estava na cama.

— Sim.

— As férias acabaram. — Disse Boss.

— Eu preciso de você para cuidar da situação de El Diablo.

Ele exalou sua irritação antes de falar.

— Você também? O nome do cara é Xavier. Não vou chamá-lo de El Diablo.

— Tanto faz. Apenas fique de olho nos movimentos dele. Quero aquele filho da puta trabalhando para mim.

Boss estava louco para contratar Xavier desde que soube sobre seu passado. O homem era uma máquina de matar e era bom nisso. E se não fosse tão instável, poderia ser uma boa adição ao grupo, mas novamente, todos os homens em *Killer of King* estavam fodidos. Incluindo Chains.

Xavier recusou a oferta de Boss para se juntar à organização durante o confronto com Shadow e o ataque da máfia, mas Boss não estava pronto para desistir. Sempre conseguia o que queria. Chains já sabia que Boss estava em algo que levaria Xavier para o lado deles. Boss sempre dizia



que todos tinham uma fraqueza. Tudo o que precisava era de tempo para encontrar, se ele já não o tivesse feito.

— Ele não é novo nisso. Saberá que estou seguindo-o.

— Isso é o que espero. A informação que tenho é muito boa para ele deixar passar. — Disse Boss.

— Mesmo? — Ele deveria saber que Boss já teria algo que Xavier iria querer ou precisar.

— Receio que não. Eu lhe enviei os detalhes de um novo contrato. Situação de última hora. Preciso disso hoje à noite.

Ele não gostava da ideia de deixar Lori sozinha na casa por muito tempo. Mesmo que estivesse acorrentada em seu porão, estava tentando o seu melhor para mantê-la confortável. Era seu brinquedo secreto e Chains não queria compartilhá-la com o mundo.

— Lidarei com isso. — Disse ele, não querendo levantar suspeitas. Chains raramente recusava uma ordem de Boss. O velho idiota lhe deu uma nova vida. Viu seu potencial quando Chains estava em um contrato na Rússia mais de uma década atrás e o resto era história.

Um silêncio seguiu-se. Parecia que Boss podia ler sua mente através da linha telefônica. Chains passou a mão sobre a cabeça enquanto esperava.

— Tudo bem? — Perguntou Boss. Chains usou um tom diferente? Tentou muito não revelar nada, mas Boss era ridiculamente intuitivo.



— Apenas me sentindo sobrecarregado ultimamente. Nada que não possa lidar, no entanto.

Mais silêncio.

— Eu sei de onde você veio. Fui eu quem o trouxe para cá, lembra disso?

— Eu lembro.

—Bem, você não precisa se explicar para mim. As coisas pelas quais passou estão destinadas a assombrá-lo. — Disse Boss.

— Apenas precisa enterrar essa bagunça e não deixar isso controlá-lo. Uma vez que lhe dá poder, fica realmente fodido.

— Eu estou bem.

— Verifique seu e-mail. — Então Boss desligou.

Antes de encontrar Lori, ele estava em uma baixa de todos os tempos. Seu desejo de matar assumiu. Ela o salvou tanto quanto Chains a salvou.

Há alguns dias, pensou em matar Lori. Fazer com que o problema que criou fosse embora. É o que costumava fazer. A batalha interna deixou um buraco em seu coração. Não podia machucá-la. Ela era uma vítima, inocência personificada e o enchia de satisfação saber que Lori estava em segurança sob seu teto. Apenas precisava manter o controle de si mesmo, não deixar que seu papel o definisse, embora fosse mais fácil falar do que fazer.



Terminou de se vestir com uma calça jeans preta e moletom com capuz, então parou em sua sala de armas. Puxou o lençol de proteção na mesa central e admirou sua coleção. O e-mail contava tudo o que precisava saber. Era um rápido encontrar e eliminar, dentro de dez minutos, Maurice tinha a localização. Agora era a vez de Chains matar. Apenas pensar nisso o deixava animado.

Chains levou o jantar para Lori há uma hora. Iria recolher os pratos dela e deixar um lanche.

Destrancou a porta do porão e subiu a escada devagar. Lori estava sentada no banco lendo um dos livros que deixou para ela. Quando o olhou, todo o seu veneno escapou.

— Você terminou o jantar?

— Sim. — Disse ela.

Ele se agachou perto dela.

— O que está lendo?

Lori revirou os olhos e deixou o livro de lado.

— Eu não preciso dos livros.

— Era apenas uma pergunta.

— O que acontecerá comigo, Chains? — Ouvi-la dizer seu nome era música para seus ouvidos. Queria ouvi-la dizer repetidas vezes.

— Eu já disse, cuidarei de você. E se não tivesse sido tão difícil na semana passada, ainda estaria bem dentro da casa.



Ela franziu a testa, movendo o braço no ar.

— Eu sei, por que você não coloca algumas barras, assim posso ser como um macaco em uma gaiola. Pode me alimentar com bananas através das barras.

Lori estava ficando mais ousada a cada dia. Pelo menos ela tinha algum fogo. Quando a encontrou pela primeira vez, era quebrada e vulnerável. Seu rosto estava se curando muito bem, apenas uma mancha clara sob o olho, onde o pior do soco atingiu.

— Um dia você apreciará o que estou fazendo. Talvez até me agradeça.

— Agradecer por me sequestrar?

— Por salvá-la. — Ele corrigiu.

— Não precisa se preocupar com Carlton Riggs desde que eu o matei, verdade?

Sua boca se abriu.

— O que você quer dizer?

— Não quero dizer nada.

— Você disse que *cuidou* de Carlton. Agora está dizendo que você o assassinou? Está brincando?

Chains estava confuso. Ela parecia chateada. Como podia ter uma reação emocional por um homem que a espancou e tornou sua vida miserável?

— Eu não entendo porque você está chateada. Nem chocada. — Ele se levantou e caminhou pelo porão. Isso



mudou muito desde que Lori chegou. Adicionou mais iluminação, montou uma cama de solteiro, uma estante de livros e até colocou ali uma planta falsa. As mulheres gostavam desse tipo de besteira. O banheiro tinha apenas um vaso sanitário e pia, então a deixava subir para tomar banho.

— Assassinato? Isso não é normal. — Então ela ficou quieta, olhando para as mãos.

Porra! Sua intenção não era assustá-la. Queria que confiasse nele.

Ele se sentou ao seu lado e ela se afastou. Chains segurou seu braço com firmeza.

— Ouça mulher, eu matei aquele idiota porque colocou as mãos em você. Faria novamente se precisasse. Ninguém toca o que é meu.

— Seu?

Ele molhou os lábios. Chains não se sentia confortável com a emoção. Nunca foi daqueles que demonstrava amor ou carinho nos orfanatos e sua vida adulta era uma mistura de violência e desconfiança. Mas havia algo de especial em Lori e pela primeira vez em sua vida, não desejava outras mulheres.

— Ouça, não irei matá-la ou machucá-la. Pensei que você teria percebido isso agora. — Solto seu braço, seus dedos acariciando sua coxa enquanto se afastava.

— Qualquer coisa que quiser, eu lhe darei. Por que é tão difícil assim?

Ela se moveu levemente para o lado, olhando-o.



— Você não pode forçar alguém a amá-lo, Chains. Porque você iria querer isso?

Chains franziu a testa e levantou-se.

— Eu nunca pedi para você me amar. — Disse ele. Começou a subir a escada. Antes de chegar ao topo, se



virou.

— Mas não se engane. Você é minha.

Lori observou a porta se fechar atrás de Chains. Parte dela queria gritar para ele voltar. Mesmo que estivesse acostumada a ficar sozinha na vida, ficar presa no porão com pouca interação social estava bagunçando sua cabeça. Precisava conversar. Agora, queria gritar.

Seu corpo traidor se ilumina toda vez que Chains a visitava, ao ponto de jurar que teria um orgasmo espontâneo. O homem parecia um deus grego, todo músculo duro e magro. Seus olhos, eles continham muita angústia e escuridão. Notou no restaurante, mas não prestou muita atenção a isso. Agora, tudo o que Lori tinha era tempo.

Queria odiá-lo. Ela *deveria* odiá-lo. O homem era um assassino. A parte mais triste era que seu sequestrador era o homem mais legal que já conheceu. Seu próprio pai era frio e egoísta, seu chefe um idiota e todos os outros homens abusavam dela ou a tratavam como lixo. Chains era



diferente. Ele a fazia se sentir como uma princesa... trancada em um porão ao invés de uma torre. E Chains matou... *por ela*.

Lori olhou ao redor do porão. Era melhor do que seu apartamento, com certeza, decorado com o melhor. Ela só tinha um grilhão na perna agora e era longo o suficiente para se locomover facilmente. Havia tudo o que poderia querer e ele nunca lhe negou nada, exceto sua liberdade.

Os primeiros dias foram sua fase de lua de mel, toda excitação e descrença. Foi divertido, comida, longas conversas, brincadeiras lúdicas. Foi tudo demais. Quando percebeu que Chains não tinha planos de deixá-la ir, começou a entrar em pânico. Quem ajudaria a cuidar de seus irmãos? Sim, eles estavam ficando mais velhos e não eram sua responsabilidade, mas se importava muito. Agora que voltou ao porão, teve muito tempo para pensar e processar sua vida e não tinha certeza do que queria. Liberdade significaria encontrar um novo emprego, viver nas ruas desde que seu aluguel não foi pago na semana anterior e lidar com a solidão profunda que a paralisava muitas noites.

Chains, Lori não sabia nada sobre ele. Bem, não o suficiente. E além de sua obsessão em mantê-la presa em sua casa, não conhecia suas intenções. Chains não fez um movimento sobre Lori e não pediu nada. A parte mais estranha, o homem parecia genuinamente atraente. Chains a fazia se sentir bonita e especial. Foi alimentada com tanta besteira por nunca ter encontrado um marido porque era gorda demais e desajeitada, que aquelas palavras tóxicas se



instalaram profundamente, criando raízes em sua autoestima. Parecia indescritível ser querida e mimada por esse estranho. Quanto mais tempo ficava ali, mais o mundo real se tornava um borrão distante. Lori se sentia tão sozinha, tão esquecida. Não havia ninguém no mundo que desse a mínima por ter desaparecido. Talvez apenas não deveria estar tão ansiosa para escapar. Não havia nada esperando por ela além dessas paredes.

Adormeceu e apenas acordou ao som de alguém subindo a escada, então uma faixa de luz vinda de baixo da porta enviou um leve brilho de luz pela escada. Lori se mexeu entre os cobertores e abraçou o travesseiro.

Quando ouviu as fechaduras da porta, fechou os olhos. Ele a verificava todas as noites sem falhar, como um pai amoroso. Ninguém nunca cuidou assim dela antes. Chains apenas ficava de pé ou sentava-se perto dela por um tempo, depois voltava para o andar principal.

Ela fingiu dormir.

Está noite não foi diferente, exceto que Chains se foi por horas antes de finalmente adormecer. O completo silêncio foi enervante.

Seus passos se aproximaram e sua frequência cardíaca aumentou, uma mistura de nervos, excitação e um desejo incômodo. Ouviu o som das pernas da cadeira raspando o chão, então apenas a respiração dele. Quase pensou que ele foi embora, se não fosse pelo delicioso aroma de sua colônia



almiscarada. Ela associava aquele cheiro apenas com Chains e instantaneamente diminuiu sua ansiedade.

Ele soltou um leve som, semelhante a uma risada.

— Eu sei que você está acordada. — Ele finalmente disse. Sua voz era profunda e suave. Nem uma vez perdia a paciência ou a fazia se sentir assustada com suas palavras. Era sua imaginação a deixando louca.

Deveria continuar fingindo?

Chains suspirou, pegando a corrente da perna que estava no chão ao lado da cama.

— Quando eu era jovem, eles costumavam me acorrentar e espancar. Eu era fraco naquela época, então não tive escolha a não ser aceitar isso. — Mais silêncio.

— Continuo dizendo a mim mesmo que isso é diferente, porque suas correntes são para mantê-la segura. — Ele deixou cair o metal no chão.

Lori manteve os olhos bem fechados.

— Eu me lembro de uma vez quando tinha doze anos, eles quebraram pelo menos quatro das minhas costelas. Quando terminaram comigo, fiquei sozinho. Nenhum pai, nenhum médico, ninguém além de mim. — Ele se mexeu em seu assento.

— Havia outros, claro. Eles bateram naquela garota bem na minha frente. Pensei que a garota estivesse morta quando saíram. Ela conseguiu sobreviver, mas ainda me lembro



do olho negro em seu rosto bonito. Estava com muito medo de ajudá-la.

Lori poderia ser uma tola, mas acabou se sentando.

—Você *me* ajudou. — Disse ela.

Lori não tinha certeza do porquê, mas havia uma conexão entre eles. Uma conexão estranha e retorcida que não conseguia entender. Estava inexplicavelmente atraída por ele. Mesmo que estivessem cercados pela escuridão, havia uma razão para isso, desencadeando do fundo do seu passado.

— Quando a vi na lanchonete, seu lindo rosto ferido e seus olhos tristes, precisei fazer algo. Precisava consertar isso. Mudei muito nos últimos vinte anos. Nunca mais serei uma vítima, nunca mais ficarei à margem, tampouco.

Ela queria perguntar por que a sequestrou, porque lidou com Carlton e não a levou para casa, prendendo-a em seu porão. Não fazia sentido.

— Então por que você está me punindo?

Ele estreitou os olhos em confusão.

— Punindo? Estou tentando o meu melhor para fazê-la feliz.

— Você poderia ter me ajudado sem me prender aqui.

Seus ombros se ergueram, assim como seu queixo. O homem tinha uma mandíbula forte e lábios carnudos.



— Eu fiz muita coisa ruim na vida, mas passei por muito pior. Gosto de pensar em você como um pouco de misericórdia e acredite em mim, nunca houve muito.

Ouvir que ela era de alguma forma uma bênção para Chains era indescritível. Passou de nada para o tudo de alguém? Por mais que quisesse que essa fantasia fosse real, precisava pensar logicamente.

— E quanto a mim? Minha liberdade?

Ele lambeu os lábios.

— Eu não tenho certeza que porra estou fazendo. — Chains estava sentado a apenas trinta centímetros de distância. Ele se inclinou e passou as pontas dos dedos ao longo de sua bochecha.

— Fique comigo.

Havia vulnerabilidade em seu tom. Sua própria resposta emocional a surpreendeu. Por que ela se importava? Lori fechou os olhos e saboreou seu toque. Naquele momento, percebeu como estava faminta por afeição. Aos vinte e cinco anos, era uma máquina de trabalho, uma vazia e triste. Não era maneira de viver.

— Para sempre? — Parte dela queria que ele dissesse sim, mas a outra parte temia que dissesse não.

— Seria tão ruim assim?

— Você me apavora. — Ela disse.

— Você não parece apavorada.

Ela balançou a cabeça.



— Esse tipo de medo é diferente. Tenho medo de como você me faz sentir. Não deveria querer nada disso.

— Pare de ouvir todas essas vozes em sua cabeça. — Disse ele.

— Elas não sabem do que estão falando. — Ele sorriu para ela e jurava que se apaixonou um pouco.

— Você quer subir e tomar um banho? — Ele perguntou. Apenas então Lori percebeu que estava segurando seu antebraço com as duas mãos. Ofegou e soltou seus braços, lágrimas instantaneamente se acumulando em seus olhos.

— Sinto muito. — Ela se sentia muito envergonhada. Lori estava uma bagunça, uma bagunça patética e carente.

— Está tudo bem, garota. Sou seu. Não seja tímida comigo.

Ele puxou uma chave do bolso, em seguida, agachou para liberar seu tornozelo. Chains esfregou sua pele, embora tivesse envolvido a algema em tecido macio. Ela amava a sensação de suas mãos ásperas em sua pele. Chains movia-se devagar, deliberadamente. Quase hipnótico. Quando ele se levantou, apoiou ambas as mãos no colchão em ambos os lados dela. Seus ombros eram largos, seus bíceps estavam inchados com músculos tonificados. Lori não conseguia respirar, não conseguia se mexer. Seu rosto estava tão perto, sua presença masculina a envolvendo. Não queria mais nada naquele momento, além do seu toque. Talvez mais.



Lori nunca teve intimidade com um homem. Considerando o bairro em que cresceu, contava sua virgindade como um triunfo. Não havia como acabar com uma máquina de fazer bebês como sua mãe. Chains estava entrando sob sua pele. Era protetor, mas perigoso.

Chains roçou seus lábios contra os dela, lento e suave.

— Os sonhos nem sempre são como deveriam. — Ele sussurrou.

— Você está certa, Lori. Não pode fazer alguém amá-la.

Então ele se levantou, afastando-se emocionalmente e fisicamente. Ela queria gritar para ele amá-la, beijá-la, qualquer coisa.

— Pensei que não estivesse procurando por amor.

Ele estendeu a mão para ajudá-la a ficar de pé. Ela não hesitou.





CAPÍTULO

CINCO

Chains gostava de sua bunda. Observando-a andar à frente dele, admirava as curvas arredondadas que pediam que um homem agarrasse. Lori era realmente um sonho e para ele, ela era seu prêmio.

— Vire à esquerda. — Disse ele.

— Você não pode me manter aqui para sempre.

Ele estava ficando cansado dela pensando que havia uma chance de sair. Não aconteceria. Lutaria até mesmo com Boss pelo direito de mantê-la. Desistiu de tudo em sua vida porque não havia nada que valesse a pena guardar. Quando conheceu Lori, sentiu algo que o fez querer lutar.

Ela era a primeira pessoa que ele conhecia que não o fazia querer matar, mas sim proteger. Todos seus instintos queriam protegê-la e impedi-la de fazer mal.

E está bagunça o assustava.

Lori olhou para ele.

— Você não vai me responder?

— Eu não sei se gosto de sua insolência ou não. — Ele moveu o dedo em um círculo, dizendo a Lori para girar. Ela o



fez com mau humor, mas viu a segurança em seu passo. Lori podia não gostar, mas quanto mais tempo passava com ele, mais confiante ela ficava, mesmo que tenha sido apenas uma semana. Entraram no quarto principal e ele esperou que admirasse o quarto mais uma vez. Lori parecia realmente gostar de seu quarto, o que novamente o satisfez. Queria agradá-la, dar-lhe tudo o que seu coração queria.

A verdade era que ele queria que ela o quisesse pelo que era e a forma de fazê-lo era dar tudo o que Lori queria.

— É tão grande.

— Ouço muito isso também. — Disse ele, tentando amenizar o clima e fazer uma piada.

Ela olhou por cima do ombro para ele.

— Aposto que você diz isso para todas as mulheres.

— Não, apenas as que quero impressionar.

Ela cruzou os braços e se virou para ele.

— Eu posso mostrar se você quiser. — Ele brincou.

— Não, está bem. Apenas quero o chuveiro.

— Posso tentá-la com um banho de banheira? — Ele passou por ela depois de fechar a porta do quarto. Chains se perguntou se Lori se recusaria, mas ela não o fez. Nem sequer olhou para a porta, em vez disso, seguiu-o enquanto Chains pegava um dos muitos saís de banho que comprou apenas para Lori.

— Eles estão envoltos em veneno? — Ela perguntou.



Ele estreitou os olhos em insulto.

— Não. São para ajudá-la a relaxar. Não irei envenená-la. — Chains se aproximou dela, passando um dedo pelo pescoço, acariciando.

— Eu tenho muitas maneiras de matar as pessoas e veneno considero ser muito chato.

Ela engoliu saliva, mas ele também viu seus olhos se dilatarem.

Lori não o temia.

Gostava disso.

— Você sabe que isso é estranho, certo? Comprando sais de banho para mulheres. Você realmente não me conhece.

— Eu sei que você nunca foi tratada como outra coisa senão uma babá. Imagino que esta é a primeira semana que você teve uma refeição decente todas as noites. Também imagino que você nunca teve ninguém com quem conversar, que não apenas ouve, mas também entende.

Ela deu um passo para trás e Chains notou que quando mencionava coisas sobre Lori, sempre se retirava para dentro de si mesma. Quase como se estivesse com medo de ver muito. Chains a via. Via profundamente dentro de sua alma e mais, a reconhecia. Lori ansiava por alguém como ele, mesmo que isso a assustasse. Mas estava tudo bem.

Ele cuidaria dela e lhe mostraria outra vida, uma em que ela não precisasse cuidar do bebê de outra pessoa. E de



agora em diante, Lori seria a prioridade número um, ninguém mais.

— Eu gosto de lavanda. — Ela sussurrou.

Alcançando a gaveta, ele retirou três dos saís.

— Você pode levar o tempo que quiser.

— Você não vai ficar e assistir? — Ela perguntou enquanto caminhava em direção à porta.

— Acabamos de nos conhecer, Lori. Eu não acho que você está pronta para isso. — Ele piscou.

Deixando o banheiro, ele pegou o celular e rapidamente verificou seus e-mails. Tinha Maurice no serviço de rastreamento. Conhecia pelo menos três das seis identidades diferentes que Xavier usava com frequência e com elas, conseguia rastrear seus movimentos a partir do conforto de sua própria casa.

Maurice enviou-lhe uma análise de todas as compras e pagamentos em hotéis que Xavier fez e não era nada tão impressionante. Alguns motéis, compras em restaurante italiano e mexicano. O que achou interessante era que sempre as reservas eram para dois. Uma mulher? Um trabalho? Maurice anexou as imagens que foram tiradas por câmeras dentro da área e ele viu que Xavier tinha uma mulher diferente em cada parada.

Interessante.

Não sabia qual era o grande problema com Xavier. Claro, matou muitas pessoas e não tinha alma isso



não era novidade em sua linha de trabalho. Tanto quanto estava preocupado, tudo o que Boss fazia era colecionar assassinos como pessoas normais colecionavam troféus.

— Você ainda está aí? — Ela perguntou.

Ele afastou o celular, não se importando com o e-mail de Boss por enquanto. Concentrou-se na mulher a poucos metros de distância em seu banheiro.

— Ainda estou aqui, então não tente fugir.

— Pena, porque era isso que estava planejando. Sair correndo nua.

Ele sorriu com sarcasmo.

— Você sabe que eu não tenho nenhum problema em dar uma palmada nessa bunda. — Chains podia imaginar o olho dela revirar.

Agora, se alguém fosse insolente assim com ele, estaria morto há muito tempo. Ela era diferente e Chains a queria.

Seu pau endureceu apenas imaginando-a de pé diante dele com os seios grandes empinados, implorando para serem tocados. Adoraria cada centímetro dela e faria isso todos os dias porque isso era o que ela merecia e ele seria o único a lhe dar isso.

Fazia semanas desde que fodeu uma mulher, o que era uma raridade. Sua vida sempre foi uma mistura louca de sexo e matança. Agora que Lori entrou, ela era tudo em que conseguia pensar, deixando-o com o pior caso de bolas azuis.



Movendo-se em direção à porta, se encostou ali e olhou para dentro. Ela tinha bolhas suficientes na água para esconder seu corpo. O aroma de lavanda estava pesado no ar. Ele gostava disso. Lori prendeu o cabelo e quando o viu, sorriu. Parecia um maldito anjo.

— Você sabe como bater? — Ela perguntou.

— Você realmente está me perguntando isso? Eu mato para viver.

Ela não sabia com quem estava lidando. Chains estava tentando ser um cavalheiro e Lori estava atraindo-o como se ele nunca tivesse jogado este jogo.

— Sim, não acho que seja uma boa ideia. Não posso acreditar que estou tendo uma discussão com você agora. Esqueci o que você fez.

— Carlton era um idiota que merecia morrer. Não se esqueça disso, querida.

— Realmente? As pessoas realmente merecem morrer?
— Ela perguntou.

Ele sorriu.

— Além de abusadores de crianças e estupradores?

Ela suspirou.

— Eu não sei. Como você pode? Quer dizer, foi a algum tipo de escola para aprender como fazer isso?

Chains se moveu para se sentar no vaso sanitário. Era a primeira vez que uma mulher se interessava em ouvir sobre sua vida e ele estava intrigado com ela.



— Minha vida não foi boa. Desde que era criança, aprendi a usar uma arma, todos os tipos de armas e claro, como usá-las. — Ele ergueu as mãos. Matou muito mais pessoas com sua mão nua do que com uma arma.

— Eu sinto muito.

— Por que você sente muito?

— Não consigo imaginar que você teve uma boa infância e acho isso incrivelmente triste. Sinto que a sua foi despedaçada antes mesmo de começar.

Ele olhou para ela, vendo a sinceridade em seu olhar. Chains testemunhou alguns homens em *Killer of Kings* se apaixonando por mulheres diferentes. Chains muitas vezes se perguntou o que fez suas mulheres se apaixonarem por eles. Não era um especialista, mas não imaginava que os assassinos tivessem uma alta pontuação em sites de namoro.

Todo o risco de ser morto arruinava qualquer chance disso. Assassinos aprendiam desde cedo que relacionamentos próximos eram uma fraqueza para explorar.

— Você não teve uma boa infância também. Não fez nada além de cuidar de crianças que não são suas.

— Eles ainda são meus irmãos e irmãs.

— Não é certo isso.

— Também não faz mal. — Ela disse.

Ele sorriu.

— Você está me dizendo que nunca pensou em sair? Sobre ter aquela oportunidade única na vida em que



não precisava trocar fraldas ou se preocupar em levá-las à escola, mesmo ter que ouvir outro anúncio de gravidez? — Ele viu as lágrimas em seus olhos.

— Não é errado ser egoísta, Lori. É sua vida também e você precisa ver isso.

Ela sentou-se na água e olhou para ele.

— Você sempre faz parecer tão fácil. Como se isso não arruinasse a vida de todos. Eu não sou como você. Não posso ser egoísta.

Ele era egoísta por mantê-la prisioneira? Pensava estar fazendo um serviço para ela, mas que porra sabia?

Ele se moveu do seu lugar, ajoelhando-se no chão perto da banheira. Descansando os braços ao lado, olhou para ela, desejando que as bolhas se dispersassem e que ele tivesse uma boa visão daqueles seios cheios.

— E de quem é a vida que você arruinará? — Perguntou ele.

— Eu odeio fazer isso como odeio vê-la chateada, mas ninguém foi a polícia relatando seu desaparecimento.

— O que?

— Eu chequei. Fui até sua casa e ninguém na sua família relatou seu desaparecimento. Ele viu as lágrimas encherem seus olhos.

— Eles não se importam?

Chains apertou os dentes quando a raiva começou a inundar suas veias, aumentando sua tensão. Ele não queria



vê-la chorar e certamente não por idiotas. Eles não a mereciam.

Estendendo a mão, ele limpou uma lágrima da bochecha dela.

— Não chore por eles.

— Não sou amada. Meus pais não se importam comigo. E sacrifiquei tudo por eles.

Lori apertou o rosto contra as mãos e Chains não aguentou mais. Entrando na banheira, completamente vestido, ele a puxou para seus braços. *Chains* a queria. Importava-se com ela e sabia que faria qualquer coisa para ter certeza de que Lori ficaria bem.

Lori sabia. No fundo, sabia que seus pais não se importavam com ela. Eles nunca perguntaram sobre seu dia, sempre falando sobre seus próprios problemas. Isso apenas... doeu. Esperava que eles sentissem sua falta, mas claramente, ela era apenas mais uma criança em uma longa fila deles. Lori se sentia pequena e sozinha, como uma menininha desejando o amor de seus pais. Mas era uma mulher agora, uma mulher solitária e patética, sem nada em seu nome.

Chains a segurava com força e mesmo estando nua, ela



deu boas-vindas ao seu toque. Ansiava por isso. Precisava



disso. Lori não tinha mais ninguém, o que era realmente patético. Este assassino se importava mais com ela do que sua própria família. Matou Carlton por machucá-la. No pouco tempo que esteve com ele, mesmo ficando acorrentada no porão, Chains cuidou muito bem dela. Realmente apreciava suas visitas e o tempo que compartilhavam. Não queria perder seu toque, nem agora, nem nunca. Era a estrela de algum conto de fadas distorcido.

Ele tocou seu cabelo e Lori fechou os olhos, descansando a cabeça contra a camisa molhada.

— Você não está sozinha. — Disse ele. O profundo tom de sua voz a acalmou.

— Você não me conhece.

— Então me conte tudo. Mostre-me quem é Lori e contarei sobre minha vida.

— Você vai querer alguma coisa em troca. Todo mundo sempre quer alguma coisa.

Ela levantou a cabeça e ele ofereceu-lhe um sorriso. Por que Lori se sentia tão confortável com Chains? Admitiu ser um assassino, ser está sua profissão, mas se sentia confortável com ele. Segura.

— Não saia. Não tente fugir. É tudo o que peço.

— Mesmo? E de tudo o que você poderia ter ou querer, não quer que eu fuja? — Ela perguntou.



— Não. Quero que você nos dê uma chance. Não irei machucá-la. E nem a tocarei. Apenas... gostaria de conhecê-la.

— Ninguém se importa com quem eu sou.

A palma de sua mão tocou sua bochecha, a ponta de seu polegar era áspera contra sua pele enquanto acariciava.

— Eu me importo. É por isso que a quero apenas para mim.

Ela descansou a bochecha contra o toque dele, fechando os olhos.

— Sim.

— O que?

— Prometo que não fugirei, mas precisa me deixar sair pelo menos uma vez. Prometo que não gritarei ou implorarei por atenção. Nós poderíamos apenas subir e descer a rua.

— Por que sair significa tanto para você? — Ele perguntou.

— Porque é algo que sempre fiz. Bem, quando mamãe e papai brigavam, eu saía do minúsculo apartamento e sentava nos balanços perto de onde morávamos. Quando o cheiro era demais, dormir lá fora não era problema. Isso me ajudou a pensar.

Ele suspirou.

— Nós sairemos depois que você comer alguma coisa, e estiver escuro.



— Por que precisamos sair no escuro? — Perguntou ela.

— Eu não gosto muito do dia e para relaxar, precisa haver pelo menos um pouco de escuridão. Na minha vida, as sombras são um conforto.

— Isso é tão estranho. Acho que você é o bicho-papão, não é?

— Você está bem confortável no meu colo. Isso não é estranho para você?

Lori o olhou e ele fez o mesmo de volta para ela.

— Nós dois somos estranhos.

Chains piscou para ela.

— Você vai chorar novamente? — Perguntou.

— Não.

— Eu não quero vê-la chorar, não por eles, não por nada. Dói-me. — Ele esfregou o peito e ela se derreteu. Já se importava o suficiente para não querer vê-la chorar.

Chains saiu da banheira primeiro, pegando uma toalha, que ele abriu em uma oferta.

— Você está pronta para sair, princesa?

Lori riu, cautelosamente levantando-se e segurando a toalha. Cada pequeno ato que mostrava que ele se importava a enchia de calor. Estava ficando viciada em seu toque, na maneira como ele falava e se importava com ela. Lori rezou para que não fosse um ato elaborado porque nunca foi uma grande juíza de caráter quando se tratava de homens.



Ele nunca levantou a voz também. Ela gostava disso. Era um descanso para sua alma não ter que pisar em ovos o tempo todo.

Chains a levou para o quarto. Ela encontrou algumas roupas já esperando.

— Comeremos no andar de baixo.

Lori o viu sair e soube imediatamente que isso era um teste. E se tentasse fugir, voltaria ao porão e esperaria até que ele confiasse nela novamente. Rapidamente se trocou e encontrou-se em frente a um grande espelho com um marco dourado elaborada. As roupas se encaixavam perfeitamente e ao contrário de fazê-la parecer gorda, elas se encaixam em cada curva como se fossem feitas exclusivamente para ela.

Olhando em seus próprios olhos no espelho, ela parecia... feliz. Quão estranho era isso? Sozinha com um homem que mal conhecia, cuidando dela e estava feliz. Nada disso fazia sentido e ainda assim fazia.

Esfregando as mãos juntas, respirou fundo. Não queria fugir. Mesmo que soubesse que poderia se safar. A vida da qual ele a tirou não era nada para cobiçar. Na verdade, a vida que levava era um pesadelo. Trabalhar, lidar com crianças e trabalhar mais. Solidão e tristeza. Não queria voltar para aquela vida e sim, também queria ser um pouco egoísta.

Chains a fazia sentir tantas coisas. Carlton Riggs a repugnava e odiava o toque dele. Nunca quis nada com ele ou com seu estilo de vida, sempre lutou para se manter afastada. Com Chains, era diferente. Queria que ele tomasse



o que queria, mas parecia ter um controle de um santo. Sempre a olhava de cima abaixo, como uma carícia, uma marca de propriedade. Ela queria pertencer... a Chains.

Seu corpo parecia vivo quando estava com ele e queria poder empurrar, apenas um pouquinho, para ver se Chains se romperia. Mas não o faria. Lori sabia disso no fundo do seu núcleo. E em um mundo cheio de mulheres, Chains a escolheu.

Quando todos os outros a negligenciaram e ela foi lançada na sombra, sentindo-se perdida e sozinha, ele a notou.

Deixando o quarto, passou por várias janelas e até pela porta principal, entrando na cozinha. Chains estava de pé com os braços cruzados, encostado no balcão. Colocando uma mão em seu quadril, Lori piscou para ele.

— Pensou que eu iria fugir?

— Qualquer mulher sensata o faria.

— Eu nunca afirmei ser sensata. — Ela disse.

Ele afastou-se e ela viu sacolas de comida chinesa. Lori se sentou em um banquinho e pegou os pauzinhos para comer.

Por vários segundos, ele a observou comer, antes de fazer o mesmo.

— Eu gosto de vê-la comer. — Disse Chains.

— Isso não é nada estranho. — Ela comeu o macarrão.



— Acho que comi mais na semana passada do que antes. Você não pensaria isso apenas me olhando. — Lori passou a mão pelo traseiro. Sempre foi uma mulher grande com curvas mais cheias. Não importava o quanto tentasse fazer dieta. Por dieta, queria dizer passar fome. Fazendo parte de uma família pobre, Lori não tinha exatamente dinheiro para gastar em dietas extravagantes. Jurava ganhar peso apenas pelo ar.

Comer pouco era simplesmente uma alternativa mais barata.

— Você nunca ficará sem comida novamente.

— Você sabe o que é não ter nada? — Perguntou ela.

— Sim.

— Horrível, não é? Você teve pais?

— Não tive pais. Estava no sistema ou o que as pessoas tentavam dizer ser o sistema. Longe daqui.

— Oh, pelo menos eu tive pais... eu acho. Sempre que eu ia até eles para perguntar sobre como conseguir comida, precisavam de cigarros ou cerveja. Mamãe constantemente gastava dinheiro em roupas novas e ela sempre dizia que era o dinheiro dela e nós deveríamos apenas ser gratos por termos um teto sobre nossas cabeças.

— Você nunca deveria ter dado seu dinheiro para eles.
— Disse Chains.

— Estou surpreso que não os mandou se foder quando fez dezoito anos.



— Eu tentei ajudar. Pensei estar fazendo a coisa certa, mas estava tudo errado. Apenas os ajudava a gastar mais dinheiro em si mesmos.

Seu apetite desapareceu, então ela devolveu a comida ao balcão e colocou as mãos nos bolsos.

— Posso ser um verdadeiro saco às vezes, hein?

Chains riu.

— Eu nunca fui chamado de algo melhor

Ela não sabia por que achou as palavras dele tão engraçada, mas achou e precisou segurar o estômago enquanto os dois riam. Ele olhou além dela, para fora.

— Quer dar um passeio comigo?

— Eu adoraria.

Ele ofereceu-lhe o braço, que Lori segurou. Chains abriu a porta da frente e quando ela cruzou o limiar, Lori se viu ofegante, quase acreditando que sair da casa não era possível.

Uma vez que ele trancou a casa, ela segurou-o com força, não querendo deixá-lo ir. Seus braços eram grossos e com músculos duros. Foi nesse momento que ela percebeu que não queria fugir dele. O pouco tempo que passou com Chains, a fez se sentir feliz e o pensamento de não o ver novamente a enchia de pavor.

Eles se afastaram da casa e por uns bons dez minutos, nenhum deles falou. Adorava a sensação da brisa fresca em



sua pele e a frescura do ar. Tudo parecia surreal e surpreendente. Como o primeiro dia de sua nova vida.

Abrindo os olhos, ela avistou um parque e rapidamente o empurrou em direção a ele. Sendo tão tarde, não havia ninguém por perto e ela o fez se sentar em um balanço.

— O que você está fazendo?

— Eu vou empurrar você. — Lori pressionou contra suas costas e ela viu que ele não estava se divertindo.

— Vamos, Chains, não seja um desmancha prazeres. Podemos nos divertir muito juntos se você deixar acontecer. — Lori empurrou as costas dele novamente e desta vez, Chains não lutou contra ela.

Ele levantou as pernas no ar e ela riu quando empurrou as costas dele novamente. Juntos, eles poderiam ter a felicidade que Lori sempre sonhou.





CAPÍTULO

SEIS

No caminho de volta para casa, Chains verificou seu telefone. Quase imediatamente seu humor se foi. A vizinhança estava escura, apenas a rua que lhes dava alguma luz.

— Está tudo bem? — Ela perguntou.

Ele assentiu.

— Olha, eu preciso sair um pouco. Não deve demorar muito. Não queria fazer isso, mas você se importa de esperar lá embaixo?

— Você ainda não confia em mim. — Não era uma pergunta, mas um fato. Não tinha certeza se deveria se sentir insultada ou não após o progresso que fizeram.

Eles subiram a escada da frente de sua casa. A luz da frente estava apagada, então tudo estava nas sombras. Ele parou na frente da porta, com as chaves na mão.

— Não é isso. Apenas estou sendo cauteloso. Não posso arriscar perdê-la.

Fazia apenas uma semana, mas Lori esperava que ele confiasse nela um dia. Não estava irritada, porque sentia que



isso era sobre sua insegurança, não uma coisa de controle. Eles eram muito parecidos. Lori não se importava, porque a alternativa era sua antiga vida, uma que Lori não queria fazer parte.

— Certo.

Ela queria perguntar onde ele estava indo, mas suspeitava que não gostaria da resposta, então manteve a boca fechada. Chains a levou de volta ao porão assim que entraram. Parecia o seu próprio espaço pessoal. Chains garantiu que Lori tivesse todo o conforto possível, então era quase um alívio retornar ao porão.

Ele pressionou a mão contra a parede perto da cabeça dela e seus corpos se aproximaram.

— Você gostou do passeio?

Ela assentiu. A verdade era que sua proximidade a afetava. Lori queria que a beijasse, tocasse, reivindicasse. Uma coisa era fazê-la se sentir querida e especial, mas ela precisava de mais.

— Você está quieta.

Lori mordiscou seu lábio inferior. O leve cheiro de sua colônia estava deixando-a louca. Que tipo de homem mantinha uma mulher prisioneira e nunca fazia um movimento? Não tinha certeza se Chains gostava dela de uma forma romântica. Tudo sobre ele era um enigma.

— Apenas pensando.

— Sobre o que?



— O que estou fazendo aqui? Quer dizer, quais são suas intenções comigo?

Seus olhos escureceram, impossíveis de ler.

— Eu não pensei muito à frente.

Lori nunca esteve com um homem sexualmente, então ela não queria ir longe demais e lamentar a decisão. Nunca foi desejada por um homem, nunca se sentiu desejável. Sua autoestima sempre esteve no lixo graças ao seu peso e à negligência em casa.

— Eu deveria ser sua prisioneira ou você decidiu pular o namoro e roubar uma esposa? — Lori prendeu a respiração. Ela falou na esperança de descobrir mais sobre como ele se sentia em relação a Lori. Seu maior medo era descobrir que não tinha interesse sexual nela. Talvez até risse de sua sugestão.

— Eu não planejei nada disso. Quando a vi no restaurante, tudo mudou para mim. — Disse ele.

— Estava satisfeito fodendo mulheres aleatórias, morando sozinho e com apenas meu trabalho para me manter focado. Então, num piscar de olhos, não era mais suficiente. Você é tudo o que importa para mim agora.

— O que isso significa?

Ele estreitou seus olhos, obviamente, sem querer responder.



— Isso significa que você é a única mulher que eu quero, Lori. — Chains passou as pontas dos dedos ao longo de seu queixo e ela fechou os olhos, inclinando-se em seu toque.

— Chains...

Ele a beijou na boca, sua língua exigindo entrar. Cada osso em seu corpo parecia gelatinoso no momento em que seus lábios encontraram os dela. Lori estendeu a mão e segurou seus ombros, beijando de volta, saboreando a intimidade. Chains se moveu para baixo, beijando e chupando a pele do pescoço. Sua barba áspera raspou sua pele, mas adorou seu grande corpo pesado sobre ela. Sua respiração acelerou, seu corpo inteiro vibrando com uma necessidade que nunca conheceu. Quando Chains passou a mão pelos lados, grunhiu uma vez que chegou ao seu quadril, os dedos apertando com força. Lori parou e ele abruptamente se afastou, colocando distância entre eles.

— Sinto muito. — Disse ele, passando a mão sobre a cabeça careca.

— Eu preciso ter cuidado com você.

— Por quê? — Lori perguntou, sentindo a perda de conexão. Lori queria entender. Ela fez algo errado?

— Estou tentando levar as coisas bem devagar. Não estou acostumado a ser um cavalheiro, mas sei que você é virgem, Lori.

Sua boca se abriu e ela sabia que suas bochechas estavam ficando vermelhas. Como ele poderia saber disso? Queria responder, mas era a verdade.



— Você não me quer?

— Pare de me tentar. Você está jogando um jogo perigoso, querida. — Ele segurou seu rosto com ambas as mãos, então beijou sua testa de forma casta.

— Devo voltar muito tarde. Não me espere.

Então ele se foi subindo a escada antes de trancar a porta do porão. Que porra acabou de acontecer? Pelo menos ela não podia acusar o homem de usá-la para o sexo. Não poderia levá-lo para sua cama mesmo se tentasse.

Ela olhou para si mesma, lembrando-se do movimento de suas mãos. Lori fechou os olhos e saboreou a lembrança. Sua boceta latejava, seu coração ainda estava acelerado.

Lori foi até a cama e se deitou de costas, olhando fixamente para o teto. Sua imaginação estava acelerada indo para o dia em que perderia sua virgindade. Ela alegremente a entregaria para Chains.

As horas passaram e ele ainda não retornou. Ela leu alguns capítulos em um de seus livros, mas não conseguiu entrar no romance, não com sua mente em outro lugar. Quando ouviu passos no andar de cima, seu coração acelerou. Lori se sentou na cama e correu para o espelho para verificar seu cabelo. Queria parecer bonita para Chains, ser a única mulher que ele sempre quis.

Era um alívio saber que ele estava em casa. Toda vez que saía, poderia ser a última. Chains matava pessoas, o que



significava que poderia estar do outro lado um dia. O pensamento de perdê-lo a enchia de pavor.

Por que ele não desceu a escada?

Lori esperou, caminhando pelo porão. Ela o ouviu subir e descer a escada até o segundo andar, portas e armários sendo abertas e logo fechadas. Algo estava errado.

Quando ele começou a sacudir a maçaneta do porão, ela começou a se preocupar. Chains tinham as chaves, então por que estava tentando entrar? Quando começou a chutar a porta, várias e várias vezes até as dobradiças se partirem, ela correu para a extremidade do porão e se abaixou.

Os passos descendo os degraus eram sinistros, lentos e medidos.

Lori olhou de seu esconderijo. Não era Chains. A realização enviou adrenalina correndo por suas veias. Este homem tinha cabelos negros na altura dos ombros. Ele levantou a mão enquanto avaliava o espaço. Uma tatuagem subia por seu pescoço. Este era provavelmente algum assassino procurando por Chains. E ela seria um dano colateral.

Sua vida passou diante de seus olhos. Que existência patética ela teve. Lutando, sofrendo. Nunca amou. Mesmo com todas suas provações, ela ainda não queria morrer. Chains abriu seus olhos para algo novo e maravilhoso.



O estranho parou perto de suas coisas, tirando suas roupas das gavetas. Então ele a viu. Virou a cabeça e puxou uma pistola, apontando-a para ela.

Ela congelou, incapaz de se mexer ou respirar.

— Quem é você? — Ele perguntou, seguindo em frente.

— Lori. — Ela sussurrou.

— Você é mulher de Chains? Diga-me a porra da verdade ou a matarei.

Ela nunca se sentiu tão assustada. Lori balançou a cabeça.

— Eu sou sua prisioneira.

As linhas duras no rosto do homem desapareceram e um sorriso apareceu em seu rosto.

— Eu sabia que ele era um homem doente, mas vamos lá! — O invasor riu e colocou a arma de volta no coldre.

O invasor se aproximou e agachou na frente dela. Seus olhos estavam escuros e ele tinha várias cicatrizes em sua bochecha.

— Por favor, não me machuque.

— Você está com medo de mim? Deveria estar feliz, que eu apareci. Manter uma mulher prisioneira em seu porão? Pensei que eu fosse retorcido, mas Chains ganhou o maior prêmio. — Ele se levantou e estendeu a mão.

— Hoje é o seu dia de sorte.



Ela fez o que disse, com medo de sua reação. Ele levantou-a e apontou para a escada. Lori continuou olhando para o invasor enquanto caminhava até o andar principal, com medo dele atirar nela pelas costas.

— Para onde você está me levando?

— Sinto muito, mas eu não tenho um serviço de táxi. Vou soltá-la, mas então estará sozinha. — Antes de atravessarem a porta quebrada, ele sacou a arma novamente, olhando em todas as direções enquanto caminhavam pelo corredor.

— Continue andando. — O invasor disse.

— Este filho da puta está brincando comigo e eu quero saber o porquê.

O homem continuou falando alto. Suas divagações a fizeram se sentir melhor porque o silêncio seria pior. Quando chegaram à porta da frente, ele agarrou a parte de trás de sua camisa, direcionando-a para frente como um escudo. Orientou Lori a continuar subindo a rua até chegarem a um beco escuro.

Onde estava Chains?

Estava feliz por ele não estar em casa porque poderia ter sido morto.

O barulho das teclas foi seguido por um carro ligado no beco, os faróis iluminando a área. Ele caminhou até a porta do lado do motorista, deixando-a ali.

— Agora o que? — Ela perguntou.



— Você está sozinha, baby. E se for inteligente, ficará longe daquela porra de psicopata. — Então o homem entrou em seu carro e acelerou até a rua principal, deixando-a ali parada. Permaneceu no mesmo lugar por mais um tempo, o som de uma goteira e uma garrafa vazia caindo, enviando um arrepio de inquietação por sua espinha.

Lori não tinha certeza do que deveria fazer a seguir. Ir para casa? Encontrar o caminho de volta ao porão de Chains? Agora que tinha sua liberdade, seus pensamentos clarearam. Talvez estivesse passando pela Síndrome de Estocolmo e Chains não era nada como ela o imaginava. Esta era a sua chance de ser livre, estava do lado de fora, sem nada prendendo-a.

Lágrimas começaram a encher seus olhos. Não queria fazer uma escolha, não tinha certeza do que deveria sentir. Lori era uma maldita bagunça.



Chains queria o passar tempo com Lori em casa, mas ainda estava na folha de pagamento da *Killer of Kings*. Boss gostava que ele fosse seu motorista sempre que havia problemas. Sabia que Chains poderia lidar com qualquer coisa imprevista. Está noite, Boss queria enviar uma advertência pessoal para uma nova família que se mudava para a cidade. Eles estavam indo atrás dos mesmos contratos, o que estava bem, mas quando tentaram



atrapalhar os homens de Boss, o jogo mudou. Depois que Boss fizesse sua cena, Chains precisava enviar uma mensagem para sua equipe. Pelo menos um deles estaria ostentando uma bolsa de corpo hoje à noite.

Matar não era mais difícil do que respirar para Chains. Fazia isso desde a puberdade, então era natural... nada pessoal. As pessoas perguntavam se ele sentia pena de suas vítimas ou de suas famílias, mas na verdade, não sentia. Não tinha certeza do que isso significava, mas preferia não pensar a respeito. O orfanato e mais tarde as ruas, na Rússia fizeram dele o que era hoje, então se recusava a levar a culpa pelo monstro que se tornou.

— Estou atrás de você. — Boss entrou na parte de trás do carro de Chains.

— Você tem o endereço que enviei?

— Estaremos lá em vinte e cinco minutos.

Boss recostou-se no banco de couro. Como Chains dirigia para Boss na maioria das vezes nestes dias, usava apenas o melhor.

— Isso não deve demorar muito. Tenho um encontro está noite, então não planejo perder muito tempo com estes idiotas.

— Alguma coisa séria?

Boss zombou.

— Tão sério quanto uma boceta pode ser.



Chains não disse nada. Apenas algumas semanas atrás, ele se sentia exatamente da mesma forma. Fodia várias cadelas toda noite. Não queria saber seus nomes ou vê-las mais de uma vez.

Então Lori apareceu.

Tudo em que conseguia pensar era a suavidade de seus lábios e o toque suave de suas mãos. Ela não era nada como as mulheres com quem esteve. Lori era pura inocência, danificada e vulnerável. A única boceta em que conseguia pensar era na doce e virgem trancada em seu porão. E não se importava em esperar.

Planejava ficar mais doméstico, mantê-la com ele em seu quarto à noite. Mas esse show com Boss não estava em seus planos e não poderia arriscar que ela fugisse. Porque então teria que persegui-la. Ela era dele e não a deixaria ir.

As luzes da cidade deram espaço à escuridão quando chegarem aos subúrbios. Foram para o endereço, mas Chains deu a volta, estacionando na rua. O tempo todo que percorreu a área guardou o caminho na memória. Seu corpo estava totalmente tenso e carregava consigo um pequeno arsenal. Boss sempre tinha homens do *Killer of Kings* na discagem rápida. E se a bagunça se espalhasse, Viper, Bain ou Killian apareceriam rapidamente. Havia dezenas de outros homens na folha de pagamento de Boss, dependendo da área.

Ele desligou o motor.

— Você tem um contato? — Ele perguntou.



— Você sabe o quanto eu gosto da surpresa. — Disse Boss. O imbecil vivia para matar. Chains não precisava perguntar se ele estava armado. O homem nasceu assim.

Chains saiu do veículo, olhando para cima e para baixo na rua. Ele alcançou dentro de sua jaqueta de couro preta, sentindo as alças de todas suas armas. Boss tinha coldres personalizados feitos para ele, então Chains era um exército de um homem só e habilidoso com todo tipo de arma. Não se importava com quantos filhos da puta se encontraria, porque confiava em sua capacidade de limpeza.

Eles atravessaram a rua e subiram a calçada, Boss alguns metros atrás dele. O homem era seu chefe, mas Chains confiava e respeitava-o. Ele o ajudou a fazer uma nova vida longe de sua pátria miserável. E sabia que Boss tinha um fraco por Chains, mesmo que não dissesse em voz alta.

— Este é o lugar? — Ele perguntou, sem se virar.

— Continue. São onze horas, então estão jogando cartas na casa de hóspedes.

Chains continuou andando mantendo-se em guarda. Como Boss disse, as janelas da pousada do lado de fora estavam acesas. O bairro era escuro e distante, não havia muito espaço do lado de fora da casa.

Sua adrenalina começou a chutar depois que eles saltaram a cerca baixa de ferro. Fazia tempo que ele não trabalhava com Boss. O último homem que matou foi um contrato rápido que Chains lidou em menos de uma hora.



Boss esperou em segurança na periferia enquanto Chains chutava a porta. Havia seis homens em uma mesa redonda, três em um sofá e dois de pé perto de um pequeno bar.

Ele puxou duas Glockes, apontando-as com os braços estendidos.

— Ninguém se move, porra.

Claro, alguns deles pareciam não entender as instruções simples. Provavelmente tinham bolas enormes, considerando que eram onze para um. Chains explodiu as rótulas dos dois homens pegando suas pistolas e atingiu outro na mão. Tudo aconteceu tão rápido que eles não tiveram tempo de processar a invasão.

— Não pense nisso. — Disse ele para o homem gordo no sofá. Quando tinha a atenção deles, Boss entrou. Um dos homens à mesa deve ter reconhecido o infame fundador do *Killer of Kings* e se sentou, a cadeira raspando os ladrilhos. Chains o atingiu entre os olhos. Seu corpo caiu e a mesa caiu com ele, cartas e fichas espalhando-se.

— Desculpe a intrusão. — Disse Boss, passando por cima da bagunça.

— Chegou ao meu conhecimento que você está dando aos meus homens um tempo difícil. Isso não fica bem comigo. E se não está ciente de que eu possuo essa porra de cidade, então deixe que este seja o seu chamado para despertar. Sou bom em cuidar do meu próprio negócio, mas quando você pisa na ponta dos meus pés, é quando nós temos um



problema. — Boss dirigiu sua atenção para o homem mais velho à mesa, que Chains assumia ser o líder. Ele estava fumando um charuto, segurando em seus dedos agora que a mesa estava virada junto com o cinzeiro.

— Alguém coloque de pé está porra de mesa.

Os outros homens se moveram para colocá-la de volta no lugar, ignorando o corpo no chão. Boss puxou uma cadeira e sentou-se, sabendo muito bem que Chains estava nas costas dele. Ele puxou uma lâmina de aparência perversa e começou a girá-la.

— Você está mexendo com a Família Cold. — Disse o líder. Soltou uma baforada do charuto que lentamente formou uma nuvem de fumaça branca.

Boss riu.

— Experimente em outra pessoa.

— Quantos homens você tem? Nós temos homens por toda a cidade. E se alguma coisa acontecer comigo, vão querer vingança.

— Eu sei onde cada um dos seus homens mora, onde moram suas famílias, onde seus filhos vão para a escola. Eu sei que a enfermeira de sua mãe, Mary Vásquez, se certifica de que ela tome leite quente antes de dormir todas as noites. É uma boa casa de repouso, a propósito. Com um telefonema, garanto que não sobraria ninguém além de você dentro de uma hora.



Chains piscou quando o idiota olhou para ele. Boss também não brincava. Ele o viu cumprir suas promessas em mais de uma ocasião. O homem não tinha uma consciência do caralho.

— Eu não quero nenhum problema. — Disse o líder.

— Bom de se ouvir. Odiaria ter que me envolver. Os amigos são sempre melhores que os inimigos. — Boss se levantou, guardando a faca e saiu da casa de hóspedes.

Chains ficou para trás, fechando a porta uma vez que Boss se foi. Ele sorriu quando os homens o olharam com uma mistura de confusão. Sempre procuravam os homens da direita porque enfraqueciam o chefe.

— Nada pessoal. Apenas negócios, certo? — Chains atirou nos dois homens de cada lado do líder, um no coração, o outro na cabeça, deixando zero a chance de sobrevivência.

Quando voltaram ao carro, Chains não perdeu tempo em sair da área. Pegou a estrada, ansioso para deixar Boss para que pudesse libertar Lori do porão. Ela estava fodendo com sua cabeça, tornando difícil se concentrar no trabalho.

— Algum progresso em El Diablo? — Perguntou Boss, distraidamente. Chains podia ver a luz do celular dele.

— Não demorará muito. Eu já mapeei sua rotina.

— Bom. Bom ouvir isso. Uma vez esclarecido isso, terei um contrato para você.

Esta noite foi apenas uma chamada de manutenção. Um contrato teria mais envolvimento, provavelmente incluindo



rastreamento, informações e uma morte de uma maneira específica. Chains gostava do desafio, mas também não queria algo que o levasse para longe de casa.

— Local? — Ele perguntou.

— Isso importa? — Perguntou Boss. O velho idiota tinha uma intuição incomparável. Chains deveriam ter mantido a boca fechada.

— Apenas perguntando.

Uma vez que ele parou na mansão de Boss, do lado de fora da cidade, saiu para abrir a porta do carro. O velho idiota tinha um brilho maligno nos olhos quando se levantou.

— Parece que você tem um intruso na frente de casa.

Chains pegou seu celular. Seu sistema de alarme não disparou.

— Eu tenho olhos em todos os meus homens. Nunca pode ser muito seguro.

— Quem é? — Perguntou Chains. Não havia como Boss não saber o que porra estava acontecendo.

— Como eu disse, eu tenho um encontro. Cuide de sua própria bagunça.

Chains correu para o lado do motorista, mordendo a língua para não mandar Boss se *foder*. Tudo em que conseguia pensar era Lori trancada em seu porão. Bem, se alguém colocasse uma mão nela, ele levaria uma tempestade de dor para o idiota. Correu pela estrada em direção a sua



casa, seu coração acelerado. Coisas materiais poderiam ser substituídas, Lori não.

Enquanto corria pela escuridão, percebeu que a parte boa que restou nele estava ligado àquela mulher. Não estava apenas correndo para salvá-la, mas a si mesmo. Lori representava muito. Ela era sua chance de redenção.

E se algo tivesse acontecido com ela, Chains se tornaria pura escuridão.





CAPÍTULO

SETE

Por muito tempo Lori ficou no beco ouvindo os sons ao seu redor, lágrimas caíam por suas bochechas e não importava quantas vezes as enxugasse, continuavam caindo. Qualquer pessoa sã ficaria feliz em ser livre.

Foi sequestrada contra sua vontade e estava triste porque não queria ir para casa. O pensamento de ser apenas outra babá a incomodava. Seus pais não a amavam e nos últimos dias com Chains se sentiu... cuidada.

Amor era uma palavra forte demais para pensar ou sentir. Lori queria isso há muito tempo, mas duvidava que alguma vez teria alguém que a amasse. Esfregando os braços, olhou ao redor, percebendo o quão perigoso era estar sozinha em um beco a essa hora, não tinha ideia de onde estava ou que porra faria. Saiu do beco e começou a andar na direção de onde ela foi tirada. Na próxima vez que encontrasse aquele homem, mesmo sem conhecê-lo e saber seu nome, iria chutá-lo onde doía mais.

Odiava isso.

Continue andando, Lori.



O pensamento de voltar para casa a deixava tão doente que sequer conseguia descrever, mas sentia profundo como a alma.

Você costumava andar pelas ruas sozinha.

Nada mudou.

Está apenas acostumada com um homem que se importa agora.

O pensamento de Chains e seu toque a deixou mais triste ainda. Ela não queria deixá-lo. Apenas o pensamento de nunca mais vê-lo ou não sentir seu toque a enchia de arrependimento.

Acelerou o ritmo, querendo voltar pelo caminho que veio.

Encheu-se de pânico

E se Chain achasse que ela não queria estar com ele ou que fugiu por vontade própria?

Ela amava seu porão tão estúpido quanto isso soava.

Era o único espaço que ninguém poderia tirar dela.

Ele a tratou com tanta ternura e não queria perder isso.

Limpando as lágrimas de suas bochechas, se moveu com determinação. Na pressa do homem estranho de tirá-la da casa, nem sequer olhou para a casa onde estava.

— Por favor. — Disse, rezando para que Chains estivesse em casa.



Ela correu virando a esquina quando colidiu com um peito duro e musculoso. E se os braços fortes não a pegasse, ela teria caído no chão.

Olhando para cima, viu que era Chains e logo jogou a cautela ao vento, envolvendo os braços ao redor do pescoço dele, segurando-o com força.

— Você está aqui. Você voltou.

Ele segurou-a em um abraço firme e o calor de suas mãos a fez se sentir segura.

— O que aconteceu? — Ele perguntou.

Ele soava duro e frio, como um homem em uma transação comercial.

— Alguém apareceu, não sei o nome dele, disse algo sobre você seguindo-o? Eu realmente não consigo me lembrar, perguntou se eu era sua mulher e então apontou uma arma para mim. — Pressionou uma mão na testa e continuou.

— Pensei que fosse me matar, Chains. Meu Deus! Poderia estar morta agora.

— Eu nunca deixaria isso acontecer ou alguém machucá-la. — Ele disse.

Olhando em seus olhos quando a palma de sua mão segurou sua bochecha. Ela colocou a cabeça contra o seu peito, segurando-o forte, sem querer deixá-lo ir.

— Lori, eu tenho você agora.

— Ele me tirou da casa e deixou-me em um beco escuro.



— Você não foi para casa.

— Eu não quero ir para casa, Chains. Eu não tenho casa. Na verdade não. Não tenho ninguém que me ame ou que se importe. — Ela se afastou, mas ele não a deixou ir longe.

Chains segurou seu queixo e forçou-a olhar para ele.

— Eu me importo. Ok? Não dou a mínima para sua família. Eles não se importam com você e não a merecem. Você é minha e eu nunca a deixarei ir.

Suas palavras deveriam enchê-la de medo ou pânico, mas não fizeram, se sentia emocionada e o sorriso em seus lábios era real.

— Mesmo?

— Realmente. — Ele passou o polegar em seu lábio.

— Vamos. Vamos ver o que o idiota pegou.

Ela seguiu Chains de volta para sua casa.

— Porra de segurança idiota.

— Ficaremos aqui?

— Não. Por causa do El Diablo, vamos para minha cabana, que nem mesmo Boss conhece.

Chain fechou a porta atrás de si e ela o seguiu enquanto arrumava suas malas com roupas suficientes para durar algumas semanas, pela aparência.



Suas mãos tremiam e esperava que ele estivesse com raiva dela, mas parecia tão calmo e era uma das coisas que ela gostava nele, seu controle, sua paciência com ela.

— Eu não queria ir. — Disse ela, estendendo a mão para agarrar o braço dele.

Chains a olhou.

— Por que você não disse a ele para parar?

— Estava assustada, realmente não sei o que aconteceu, em um momento estava esperando por você, no outro ele estava no porão procurando por algo. O que você tem lá embaixo? — Perguntou.

Chain sorriu, mas não era amigável.

— Meu chefe o está perseguindo agora mesmo, seria bom saber se ele plantou uma pista na minha maldita casa.

Lori franziu o cenho para ele.

— Eu não sei sobre o que está falando agora e continua falando comigo como se eu soubesse.

Ele sorriu.

— Um dia eu direi.

Quando ele a fez passar, ela agarrou seu braço e o abraçou, fechando os olhos, respirando seu perfume masculino e apenas relaxando era ele sua segurança.

Por vários segundos ele não fez nada, simplesmente ficou parado e esperou.

— Pode me abraçar. — Disse ela.



Suas mãos foram para as costas dela.

— O que há de errado? — Ele perguntou.

— Nada, absolutamente nada, estou apenas sentindo... muito agora.

— Por quê?

Ela exalou um suspiro pesado.

— Eu não queria ir para casa, apenas queria voltar aqui para você. — Ela recuou o suficiente para olhá-lo.

— Estar aqui com você, faz com que me sinta viva.

Ela tocou seu rosto.

— Isso é estranho?

— Eu não sei.

— Estou começando a pensar que o normal é superestimado, mas não quero voltar à minha antiga vida. Por favor, Chains, não me faça voltar.

— Eu não a farei voltar.

Ele cobriu a mão dela com a sua.

Sempre que ele a tocava, Lori se emocionava e não queria perder aquilo.

— Beije-me.

Chains a olhou por muito tempo, tudo o que ela queria era seus lábios nos dela e quando ele não fez nenhum movimento para fazer isso, perdendo sua paciência Lori segurou sua nuca e abaixou sua cabeça.



Ele poderia ter lutado com ela. Mas não o fez.

Seus lábios encontraram os dela e tudo o que parecia errado em seu mundo foi embora. A única pessoa que ela queria ou se importava estava bem na sua frente.

Lori traçou seus lábios com a língua e quando ele abriu, mergulhou dentro, aprofundando o beijo. Soltando um gemido, fechou os olhos e se entregou ao prazer de seus lábios. Uma das mãos dele segurava sua cabeça e Chains afundou os dedos no cabelo dela. Quando ele a abraçou com força, ela se derreteu contra seu corpo, não querendo deixá-lo ir.

Ele se afastou do beijo e começou a mover seus lábios pelo pescoço dela.

Seus mamilos ficaram duros e sua boceta escorregadia. Ela o queria desesperadamente. De repente, ele se afastou.

— Aqui não.

— Por que não?

— Não é seguro.

Ela inclinou a cabeça para o lado, surpresa por ele ter parado.

— Onde você está, é seguro.

Chains sorriu.

— Bem... ouça, eu sei o que é bom para nós dois e ficar aqui não é bom.



Pegou as duas malas e as levou para o andar de baixo em direção à porta, enquanto ela o seguia até o carro que esperava. Quando as malas estavam dentro do porta-malas, Chains abriu a porta do passageiro para Lori. Esperou enquanto ele segurava o cinto de segurança.

— Eu posso fazer isso. — Disse, tentando não rir.

— Eu sei que você pode, mas quero fazê-lo.

Ela sentiu um calor percorrê-la quando a mão dele roçou seus seios. Afastando seu cabelo do rosto, se sentou esperando que ele entrasse no carro.

Ele quer cuidar de mim.

Chains ficou atrás do volante e esperou que ele ligasse o motor.

Ele não se afastou da calçada. Ficaram parados e por vários segundos ela não fez nada além de esperar.

Olhando ao redor, então olhou para ele e Chains parecia dividido.

— O que foi?

— Estou pensando.

— Você não pode pensar e dirigir?

Ele se virou para ela com seu olhar duro.

— Minha cabana é um lugar seguro.

Parecia que ele pensava em voz alta. As luzes interiores se apagaram e o silêncio foi ensurdecedor.

— Seguro como sua casa? — Ela perguntou.



— Não, é mais segura que isso.

— Então qual é o problema?

Ele olhou para frente, sua mandíbula se flexionando.

— Você irá me odiar.

— Eu não entendo, Chains. Você não quer ir para sua casa segura? — Ela perguntou.

Ele soltou um suspiro pesado.

— Eu vou me arrepender disso.

Chains de repente agarrou sua cabeça e sua outra mão cobriu seu rosto. Havia um pano em sua mão e ela engasgou, lutando contra ele.

— Sinto muito baby, mas não posso arriscar sua segurança. Você nunca saberá o caminho para a cabana. Sou apenas eu e sempre cuidarei de você.

Tudo começou a ficar embaçado e ela olhou em seus olhos. Apesar de tudo, sentia-se segura.

Mesmo que ele estivesse colocando-a para dormir, apenas olhando nas profundezas de seus olhos, ela sabia, sem sombra de dúvidas, que Chains cuidaria dela.



Chains estacionou do lado de fora de sua cabana e respirou fundo o ar do campo. A viagem foi tranquila com Lori desmaiada. Depois de verificar sua segurança no celular, ele



viu El Diablo entrar e pegar os arquivos que Boss mandou para chantageá-lo. Ver o quão facilmente Boss atraía o outro homem para a teia da *Killer of Kings* era realmente uma coisa e tanto. Apenas mostrava que Boss era de fato o mestre neste jogo de gato e rato.

Independentemente de como Chains gostava de assistir a estes jogos, ainda não gostava que envolvesse sua casa. Queria matar o idiota por apontar uma arma para sua mulher, mas El Diablo não a machucou.

Saindo do carro, Chains foi até Lori e a olhou. Seus olhos estavam fechados e ela parecia completamente em paz com a vida. Era tão linda, tão doce e absolutamente adorava.

— Eu sinto muito, baby.

Ninguém sabia sobre sua cabana. Ele manteve os detalhes separados de sua vida e raramente aparecia ali, a menos que sentisse necessidade de fugir.

Levantando-a, ele a levou do carro para a cabana, que estava impecável. Não se demorou, indo direto para o quarto e colocando-a nos lençóis limpos.

— Cuidarei de você pelo resto de nossas vidas juntos.

Chains garantiu que ela estivesse bem antes de voltar para pegar suas malas. Ali, ele fechou a porta e a trancou. Descansando a cabeça contra a madeira, soltou um suspiro de alívio.



Na semana seguinte, pretendia se afastar completamente do mundo. Sem estresse. Sem telefones celulares. Sem internet. Sem Boss.

Maurice o seguiria e se o homem encontrasse alguma coisa, haveria um alerta em seu pager.

Afastando-se da porta, pegou suas malas e colocou as roupas no armário. E de vez em quando, olhava para ela e a observava. Ele não conseguia dormir agora. Estava muito ligado.

Uma vez que as roupas foram guardadas, entrou na sala de estar pegando um dos livros sobre crime das prateleiras e sentou-se em sua cadeira favorita, raramente se permitia o prazer de relaxar. Mesmo na casa que El Diablo conseguiu invadir, sabia que qualquer um poderia encontrá-lo. Boss sabia onde ele morava, assim como a maioria dos *Killer of Kings*. Na maioria das vezes, não se importava, tinha uma cabana que ninguém conhecia e era assim que gostava.

A necessidade incessante de Boss, como algum tipo de pai, de sempre saber o que estavam fazendo, irritava-o. A única razão pela qual ele colocou Lori para dormir durante a jornada foi para que Boss não pudesse sequestrá-la ou usá-la para encontrar este lugar.

Este seria o *seu* lugar.

O tempo passou e o sono ainda não chegou. Ele viu o sol, então foi para a cozinha e começou a preparar bacon e ovos. A mistura que ele lhe deu não era forte e ela acabou tendo uma noite prolongada de sono.



Ele a ouviu ofegar exatamente às seis e meia da manhã.

— Você me drogou!

Chains sorriu, Lori parecia tão indignada, era muito fofo. Quando Lori entrou na cozinha, ele segurou um prato de comida como um escudo, seu cabelo estava por todos os lados e ela passou a mão pelo rosto, olhando-o e depois para a comida, logo para ele novamente.

— Que maldição?

— Primeiro, fiz isso para sua própria proteção.

— Besteira.

— Não é. O homem para quem trabalho... ele tem maneiras e meios de descobrir o que quiser. Este lugar é a única coisa que tenho. Não quero que ele saiba disso e conheço Boss. Boss irá querer saber para onde vou quando não puder me encontrar.

Ela franziu a testa olhando-o.

— Boss? Eu não posso... não agora. Estou com fome e estou irritada com você. Então estou com fome ainda mais.

— Eu fiz o café da manhã.

— Está envenenado?

— O que há com você e veneno? É perfeitamente seguro.

— Ele pegou um pedaço de bacon do prato dela. Ela observou-o comer e quando Chains foi pegar outro pedaço, Lori bateu na mão dele.

— Isso é meu.



— No caso de temer ser envenenada.

Ela olhou-o.

— Você já comeu um pedaço. Eu quero a comida para mim. Tive uma experiência muito difícil esta noite. — Ela olhou para a luz do amanhecer que entrava pela janela.

— Ontem. Eu nem sei.

Ele riu.

Pegando seu próprio prato, sentou-se à mesa. Ele viu quando Lori comeu e gemeu.

— Eu não posso acreditar como estou com fome agora.

— Você perdeu o jantar ontem à noite.

Seu olhar ainda estava brilhando.

— Sim, eu sei. Bem, aquele cara quase atirou em mim.

— Ele não atirou em você.

— Sim, mas e se ele tivesse? — Ela perguntou.

Chains apertou os dentes.

— Não.

— Como assim não?

— Eu... não consigo pensar sobre isso.

— Você não pode pensar em alguém atirando em mim?

— Eu não deixaria isso acontecer.

— Você não estava lá, Chains.

Ela picou seu bacon com os dedos.



— Hum, você sabe que a única maneira de tornar isso melhor seria se estivesse completamente sufocada em xarope de bordo.

Ele riu.

— Eu vou me lembrar disso para a próxima vez.

— Então... como você o teria impedido? — Ela perguntou.

Chains a olhava. Ele não conseguia sequer pensar nisso.

— Eu teria matado o idiota se ele a machucasse. O fato de ter apontado uma arma para você... não, não posso fazer isso.

Ela lambeu os lábios e olhou para ele.

— Ele não atirou em mim.

— E quando eu o vir, garantirei que ele pague por ameaçá-la.

Nenhum dos dois falou e ele a olhou. Não podia fazer isso.

Ele viu quando Lori pegou o garfo. Começou a comer seus ovos e Chains a observou.

— Eu não estou morta.

— Não, você não está.

Ela comeu outra porção de ovos.

— Eles estão saborosos.

Chains não disse nada e esperou.



– O homem... El algo.

– El Diablo.

— Sim, quando o vir novamente, eu quero estar preparada. — Disse ela.

— O que você quer dizer? — Ele perguntou.

— Eu não quero ser uma vítima ou arriscar ser machucada assim novamente. Quero ser capaz de cuidar de mim mesma e sei que a única maneira de fazer isso é com você.

Ela mordiscou o lábio e parecia tão fofa.

— Você quer que a ensine sobre autodefesa?

— Sim, então eu poderia impedir você de me drogar novamente.

— Eu fiz isso para o seu próprio bem.

Ela bufou.

— Certo.

— Acredite em mim ou não, mas se conhecer Boss e eu aposto que provavelmente irá, descobrirá o que quero dizer.

Ela terminou de comer e Chains lhe entregou café. Uma vez que isso foi feito, Lori se ofereceu para lavar os pratos e ele a observou. Era um pouco surreal sentir-se feliz com tarefas domésticas. Lori ficou na pia e Chains a viu levantar uma perna e arranhar a parte de trás de sua panturrilha. Seu traseiro arredondado parecia chamá-lo e Chains não pode desviar o olhar dela, não que quisesse.



Lori era muito intrigante para se olhar. Ela tinha um fogo dentro dela que ele gostava. Terminou os pratos, empilhando-os com o restante deles na cozinha. Lori limpou as mãos em uma toalha encostada na pia.

— Aqui é adorável.

Ela olhou ao redor.

— Tire suas roupas. — Disse ele.

Ela fez uma pausa e o olhou.

— O que?

— Você me ouviu, baby. Eu quero que você tire as roupas para mim.

— E se eu não quiser?

— Você não quer ficar nua para mim? É apenas você e eu aqui. Ninguém mais.

Ele viu os mamilos dela endurecerem e sua respiração ficar ofegante. Vermelho cobria suas bochechas e ela parecia pronta para foder.

Seus dedos apertaram o balcão e Chains descansou a cabeça na mão e a observou. Seu pau já estava duro.

Ela segurou sua camisa e puxou-a sobre a cabeça, revelando um sutiã de renda branca. Em seguida, soltou a calça de moletom.

Uma calcinha de renda branca era tudo que Lori estava vestindo.

— Linda, mas não está nua.



— Não. Não estou. — Disse ela, concordando. Respirou fundo e começou a tirar o restante das roupas.

Segundos depois, ela estava em sua cozinha, completamente nua e parecia nervosa. Para Chains, porém, Lori parecia absolutamente deslumbrante.

Não podia acreditar o quão sortudo era, mas não havia nenhuma chance de devolvê-la. Ela pertencia a ele agora.

Toda sua vida ele teve coisas tiradas dele e não permitiria que isso acontecesse novamente. Levantando-se, não se aproximou, puxando a camisa de seu corpo, jogou-a no chão. Empurrando a calça para baixo, Chains a ouviu ofegar quando seu pau saltou para frente.

— Uau. — Disse ela.

— Você gosta do que vê?

— O que não é para gostar? Você é todo... duro e uau.

— E é tudo para você.

Chains gostava de ter o olhar dela sobre ele. Envolvendo seus dedos ao redor de sua ereção, Chains trabalhou da ponta até a base e subiu novamente. A cabeça já estava vazando pré-goço.

Ele a observou enquanto o olhava.

— Isso é quão duro você me deixa.

— Eu deixo?



— Sim. Isso é tudo para você. Não há mais ninguém no mundo que eu queira. Nenhuma mulher poderia ser comparada a você.

Ele sentou-se na cadeira e soltou seu pau.

— Venha aqui.

— Bem, se eu for até aí, você vai me tocar?

— Sim. Vou tocá-la. Eu prometo. — Ele esperou.

Ele nunca a forçaria. Chains tinha excelente controle.

Tudo o que ela precisava fazer era dizer a ele para parar e o faria. Via a necessidade em seus olhos, no entanto. Lori queria isso e Chains queria dar-lhe.

Lori deu um passo adiante e depois outro. Dentro de mais alguns passos, ela ficou bem na frente dele. Suas mãos estavam apertadas dos lados.

— Você quer que eu a toque? — Ele perguntou.

— Sim, eu quero que você me toque.

— Você está com medo? — Ele inclinou a cabeça para o lado.

— E não minta.

— Tenho medo do que quero, mas não tenho medo de você. Estou... quando estou com você, me sinto segura e não quero perder isso.

Ele estendeu a mão dela.

— Eu sempre cuidarei de você e sempre darei o que precisa.





CAPÍTULO

OITO

Lori sabia o que precisava e seus próprios pensamentos sujos a chocaram. Ela estava nua, vulnerável e pela primeira vez em sua vida, não se sentia envergonhada de si mesma. Era a forma como ele a olhava.

Faminta.

Ele deve ter percebido seus desejos. Chains tinha o corpo de um deus e ela não conseguia parar de olhar para todos aqueles músculos duros e flexionados. Chains parecia um centurião de um dos filmes que Lori viu na Netflix, mas este era todo dela. Seu pau era grande e grosso, não podia imaginá-lo encaixando dentro dela. No entanto, sua luxúria superava seus medos. E se fosse escolher alguém para tirar sua virgindade, Lori queria que fosse Chains. Ele a colocou em primeiro lugar, mostrando o quanto foi cega. Fez com que Lori se sentisse valiosa. Segura. Desejada

— Outro homem a viu, Lori?

Ela balançou a cabeça. Não era uma mentira. Entre o trabalho na lanchonete e de babá, Lori não tinha tempo para se socializar, não que qualquer homem mostrasse



interesse. Assobios e gracejos no ponto de ônibus à noite não contavam.

— Eu gosto de você. — Disse ele.

— Eu tenho me segurado. Era importante para mim que você soubesse que isso não era sobre sexo.

Lori mordeu o lábio.

— E agora?

— Não vou a lugar nenhum, baby. Então não há mais sentido em me controlar, verdade?

Ela precisava dele. Seu controle a deixava desesperada por seu toque.

— Não. Eu não quero que você se controle.

Ele era muito mais alto do que ela, todo músculo vigoroso. Lori se atreveu a estender a mão e passar seus dedos ao longo de seus peitorais definidos, depois para baixo de seu abdômen. Chains tinha muitas cicatrizes antigas, mas uma coisa que Lori notou foi a completa falta de tatuagens.

Chains não se movia, permitindo que ela explorasse seu corpo. Quando desceu o suficiente, ele segurou seu pulso. Lori o olhou para avaliar sua reação.

— Continue.

Ela engoliu seus medos e envolveu seus dedos ao redor de seu pau, testando a espessura. Era duro como pedra, com uma pele sedosa e sentiu-se intrigada com a masculinidade dele.



— Isso é bom? — Ela perguntou, acariciando lentamente sua ereção.

— Você não tem ideia.

Lori sorriu, animada por poder afetá-lo com um simples toque. Isso dava a ela uma sensação de poder e saboreou o fato dele a querer tanto.

— Você não tem tatuagens. Pensei que os bad boys sempre tivessem algumas.

— Meu corpo é meu. Ninguém me marca.

Havia tanta emoção naquelas poucas palavras e ela se perguntou o que ele passou quando era mais jovem. Ele contou-lhe coisas horríveis e tinha certeza de que o quadro completo a chocaria. Tudo o que podiam fazer agora era começar novamente, fazer hoje o primeiro dia de sempre.

— Eu amo o seu corpo. — Disse ela. Lori levantou a mão e segurou seus ombros.

— Você é tão forte. Tão duro.

Ele apertou os dentes, depois agarrou a cintura dela, levantando-a sobre a mesa de madeira.

— Apoie-se nos cotovelos. — Chains disse.

Ela fez conforme as instruções, descendo cuidadosamente sobre a mesa, seu corpo inteiro nunca tão exposto. Ele apertou suas coxas, olhando para Lori com os olhos de um predador, um homem desesperadamente no limite. Chains se inclinou e beijou seu estômago, fazendo-a rir. Continuou beijando-a, indo mais e mais alto até alcançar



seus seios. Lori apertou sua boceta, jurando que a umidade vazaria para sua bunda.

Lori ofegou quando ele cobriu o bico dos seios com a boca. Chains apoiou o peito dela com uma mão, sua língua desenhando padrões ao redor do mamilo. Ela fechou os olhos e jogou a cabeça para trás enquanto a chupava, a pressão em seu ventre aumentando cada vez mais.

— Quero que você se lembre de hoje. — Disse ele.

— Quero que você lembre de quando a fiz minha.

Ela amava o som de propriedade em sua voz. Lori queria pertencer a Chains. Ele foi a primeira pessoa a fazê-la querer viver.

Ele se moveu mais para baixo, jogando as duas pernas sobre os ombros fortes.

— O que você está fazendo?

Chains deu-lhe uma piscadela, depois desapareceu entre as pernas. Quando sua língua tocou suas dobras, ela gritou. Ele rosnou quando abriu os lábios de sua boceta. Explorou completamente cada centímetro dela, sua língua tocando o clitóris antes de penetrá-la profundamente.

— Chains... oh Deus.

Ela saiu de controle, a sobrecarga de sensações fazendo-a se sentir mais animal que mulher, se debatendo sob ele, mas sua força era insuperável, sua barba áspera raspava a parte interna das coxas. Chains a segurou firme,



comendo sua boceta até que Lori estava ofegante e implorando por liberação.

Apenas quando ela pensou que teria o orgasmo do século, ele se afastou, ficando de pé. Olhou-a, ainda posicionado entre suas pernas.

— Vou gostar de tirar sua virgindade, baby. Abra para mim. — Ela não hesitou, apoiando os calcanhares na beirada da mesa, querendo sua boca em seu clitóris novamente.

Ele lambeu o dedo, então empurrou dentro de sua boceta. Lori apertou o dedo, querendo seu grande pau no lugar.

— Foda-me. — Disse ela.

— Uma boca tão suja em uma mulher tão bonita.

Ele fez um gesto, movendo o dedo até a bunda dela antes de tocar seu buraco inferior.

— Isso também será meu.

Chains manteve o dedo em sua bunda, movendo-o de tal forma que ela jurou ver estrelas. A explosão de sensação fez seu clitóris pulsar em ondas.

— Pare de me provocar.

Ela mal conseguiu pronunciar as palavras, tão perdida em seus próprios desejos devassos.

— Deixe-me brincar, baby. Acredite em mim, será melhor assim. — Ele tirou o dedo, em seguida, pegou-a em seus braços.



— O que você está fazendo?

— Eu não a foderei sobre a mesa. Não pela primeira vez, de qualquer maneira.

Chains a levou para o quarto. As cortinas estavam fechadas, por isso era um pouco difícil de ver. Seu olfato ficou ampliado e o lugar a lembrou de Chains, o perfume inebriante e almiscarado, couro e controle.

Lori sempre passou pela vida, seus nervos sempre no limite. Ela não era boa em sobrevivência, mas fez isso todos os dias. Depois de ser espancada por Carlton Riggs, lutando para sobreviver em seu trabalho de lixo e apavorada com o futuro, viu a chegada de Chains como uma dádiva de Deus. Sua confiança em todas as situações deixava suas preocupações à vontade. Ele a fazia se sentir protegida, cuidada e desejada. Chains era seu vício.

A colocou na beira da cama e Lori se mexeu até o centro. Chains estava no final da cama, um braço em seu peito enquanto ele agarrava seu ombro.

— Tem certeza que quer se entregar a mim, Lori? De onde eu venho, sou considerado o mais baixo da sociedade. Você merece mais, mas sou um cretino egoísta.

Lori estreitou os olhos. E se alguém tinha raízes humildes, era ela. Seus pais recebiam ajuda do governo, moravam em uma das piores áreas de guetos da cidade. Lori não se importava com o passado, apenas o agora.

— Você fala demais.



Lori moveu as mãos entre as pernas e tocou seu clitóris sensível.

Ele balançou sua cabeça.

— Claro que não, esse é o *meu* trabalho, baby.

Chains se arrastou até a cama, com a discrição e a intensidade de um predador. Cada músculo flexionava quando ele se aproximava dela. Seu coração disparou, seu corpo reagindo à proximidade dele. Usou a coxa para abrir as pernas de Lori, então colocou os braços sob os ombros, segurando-a perto. Seu pau duro pressionou contra sua boceta, deixando-a mais molhada. Uma mistura de excitação e apreensão do que estava por vir deixou todo seu corpo mais excitado ainda.

Ela esperava algo rápido e esquecível pela primeira vez. Chains tomava seu tempo, mais uma vez provando que era mais do que qualquer homem. Ele a beijou profundamente, apaixonado. Seus beijos pareciam promessas e ela saboreou cada um deles. O mundo inteiro e seus problemas foram embora, deixando apenas os dois neste pequeno pedaço do paraíso.

Lori passou as mãos pela cabeça careca, depois segurou os ombros dele.

— Isso é perfeito. — Disse ele.

— Você e eu... parece certo.

Lori não podia concordar mais. Ela se inclinou e o beijou novamente, amando a facilidade com que podia puxá-



lo de volta sob o feitiço. Seu pau se contraiu e aqueles beijos logo desceram pelo pescoço dela.

— Eu amo seus seios. — Disse ele antes de apertá-los. Chains passou a mão sobre os mamilos e fez os dedos dos seus pés se enrolarem.

— Eu quero você dentro de mim. — Disse ela.

— Por favor.

— Você não precisa implorar. Isso é exatamente o que estou planejando.

Ele alcançou entre eles, segurando seu grande pau. Assim que esfregou a cabeça grossa longa pela sua fenda úmida, ela suspirou de alívio. Precisava dele mais que respirar.

— Vou devagar no começo. Você me deixa saber se estiver machucando-a.

Ela assentiu com a cabeça, enquanto sua antecipação ficava mais forte. Ele pressionou a ponta dentro dela, mesmo que fosse apenas uns centímetros. Lori usou seus músculos para apertá-lo, se acostumando com a invasão estranha. Chains amaldiçoou.

— Mais.

Ele respirou fundo, lentamente empurrando mais alguns centímetros dentro dela. Ela estava tão molhada e pronta que Chains não teve problemas para empurrar dentro. Uma vez que estava totalmente dentro, passou os lábios ao longo de seu queixo e não moveu seu corpo. Lori se sentia muito cheia,



completamente preenchida por seu pau. Sua virgindade se foi para seu captor, seu amante.

— Você é minha agora. — Ele sussurrou.

Seus olhos se fecharam com força, enquanto ele falava em seu ouvido.

— Nenhum outro homem conhecerá este corpo além de mim.

Para sempre soava perfeito para ela, ansiava pela segurança, pelo compromisso e pelo apelo que nunca esperaria por si mesma. Seu objetivo era dar a seus irmãos uma chance melhor do que Lori teve, desistiu de sua esperança tantos anos atrás para isso. Agora tudo era novo mais uma vez.

— Não me deixe. — Disse ela.

As palavras eram pura vulnerabilidade, seu medo mais profundo verbalizado.

— Nunca, menina doce. Nós fomos feitos um para o outro. Soube disso desde o primeiro momento que a vi.

Ele puxou seu pau a maior parte, então a encheu novamente.

— Eu nunca pensei que me apaixonaria. A ideia toda era uma piada para mim... até você.

— Eu te amo. — Disse ela.

Sim, fazia menos de duas semanas, mas Lori não se importava. Era a verdade, uma confissão profunda que precisava ser dita.



Chains esperava por este dia. Com suas bolas dentro da única mulher que conseguiu entrar sob pele. Sua boceta era quente e apertada com um punho. E Lori era apenas dele, não tinha ideia de quão valioso ele considerava o presente de sua virgindade. Tendo nascido sem nada, sabia que Lori era seu prêmio.

Depois de levá-la do restaurante, ficou com medo dela odiá-lo por sequestrá-la, mesmo que acreditasse ser para seu próprio bem. Um relacionamento unilateral nunca funcionaria. Ouvi-la expressar seu amor por Chains era mais valioso do que todo o dinheiro do mundo e nunca a faria se arrepender.

Já esperando demais, Chains começou a fodê-la, movendo-se lento e firme, construindo um bom ritmo. Seus pequenos gemidos provavam que Lori não sentia qualquer desconforto. Não demorou muito para se inclinar lhe dando impulso. Sua boceta estava encharcada e Chains já podia sentir os espasmos ao redor de seu pau.

Chains beijou seus lábios.

— Seu corpo foi feito para foder. — Disse ele.

Todas suas curvas suaves e exuberantes eram o paraíso. Seus seios suculentos balançaram sob ele e as coxas grossas o estimulavam. Nunca se cansaria de sua mulher.

Quanto mais se aproximava do orgasmo, mais aterrorizado ficava. Chains tinha algo para se explorar, algo que um inimigo poderia usar contra ele. Não era inteligente



para um assassino. Mas estava num caminho sem volta agora. E não era o primeiro homem em *Killer of Kings* a levar a sério uma mulher. Lori acabou de se tornar a número um em sua vida.

— Você gosta do meu pau dentro de você, baby?

Ela assentiu com a cabeça, seus lábios entreabertos enquanto lutava para respirar. Seus olhos estavam vidrados, mas ele queria uma resposta.

— Fale, diga-me o que você quer.

— Eu quero seu pau grande, quero dentro de mim. — Ela disse.

Porra, Chains gostava de ouvi-la falar sujo, tinha tantos planos imundos para Lori nesta semana.

Seus músculos pareciam revigorados. Lori fazia isso com Chains, chamava sua fera.

Chains alcançou entre eles, circulando seu clitóris com o polegar enquanto continuava bombeando sua boceta. Enquanto se segurava com um braço, o ângulo lhe dava a visão perfeita de Lori enquanto seu orgasmo crescia. Os pequenos sons que Lori fazia apenas o deixava mais duro.

— Tão bom... — Ela gemeu e se contorceu na cama, as mãos agarrando os cobertores.

— Goze para mim, baby. Apenas relaxe e deixe ir.

Em poucos minutos, ela explodiu, sua boceta apertando seu pau.



— Está tudo bem, eu tenho você.

Ele caiu sobre Lori, deixando-a cavalgar seu orgasmo. Observando a paixão em seus olhos, sabendo que Chains os uniu, foi o suficiente para fazê-lo gozar. Chains a encheu com sua semente, bombeando seus quadris até que ficou completamente gasto.

Você é minha agora.

Chains rolou para o lado, profunda satisfação percorrendo-o. Ele precisava disso. E agora que Lori perdeu a virgindade, não precisava se preocupar em machucá-la da próxima vez. E já estava imaginando as muitas coisas que queria fazer com ela.

— Obrigado. — Disse ele.

Ela se virou para o lado, de frente para ele.

— Isso é uma coisa engraçada de se dizer.

— Você me deu algo especial. Não faz ideia. — Disse Chains.

— As mulheres com quem transava não eram nada que eu quisesse por mais de uma noite.

— E eu?

— Você é minha princesa.

Ele segurou seu rosto, passando o polegar ao longo de seu lábio inferior.

— E você acabou de mudar minha vida inteira.



Lori precisava ficar em primeiro lugar, mesmo antes de *Killer of Kings*. Ele esperava que nunca chegasse a escolher os lados porque respeitava Boss, gostava de seu trabalho e queria tudo. Esteve em contato com Shadow recentemente durante um trabalho e o outro assassino parecia ter sucesso em misturar negócios e prazer. Na mesma época, eles conheceram El Diablo, mesmo se dando bem... até agora. O cretino nunca deveria ter entrado em sua casa. A casa de um homem deve estar fora de alcance.

— Quanto tempo nós precisamos ficar aqui? — Ela perguntou.

— Apenas até as coisas esfriarem. E eu obviamente preciso de um sistema de segurança melhor em casa. El Diablo conseguiu contorná-lo com muita facilidade.

— Mas ele é um assassino profissional, como você, certo?

— Talvez, mas não estamos do mesmo lado. Ainda não, de qualquer maneira. — Sua missão era recrutar o renomado assassino para *Killer of Kings*. Boss tinha um plano para atrair Xavier, mas tudo o que Chains queria agora era tempo sozinho com Lori.

— Tudo será tratado em breve. Nada para se preocupar.

— Pelo menos Xavier não tentou me matar. Eu sei que você está com raiva dele por invadir e tudo, mas realmente acredito que ele pensou que estava fazendo uma coisa boa, me libertando.



Talvez o assassino implacável tivesse um pouco de humanidade, afinal. Chains não queria insistir nisso. Ele já estava pensando muito sobre aquele cretino maluco.

— Ele tem sorte de não a ter machucado, porque então eu teria que machucá-lo. Bem, matá-lo. Depois de torturá-lo.

O olhar no rosto de Lori lembrou que ele precisava manter um pouco de sua vida. Ela era uma doce inocência e Chains não a queria completamente contaminada pelo mundo dele. Ou com medo.

— Eu não quero que nada aconteça com você, Chains.

— Nada acontecerá. Eu sei como sobreviver. Não sou novo em nada disso. É por isso que Boss me recrutou há muito tempo.

— Quando você veio para este país?

— Vim há muito tempo da Rússia. Seja qual for o buraco que você está acostumada, meu bairro faria com que parecesse com Beverly Hills.

Ela tocou o rosto dele. No início, ele se encolheu, não acostumado a permitir que uma mulher chegasse tão perto.

— Eu não posso ouvir muito de um sotaque. — Disse ela.

— Está aí, mas só quando quero que esteja. Eu conheço muitos idiomas. Vem com o território.

— Você deve ter algumas lembranças felizes quando criança. Há algo que possa lembrar? — Ela parecia



genuinamente preocupada e tocou seu coração. Lori era uma boa mulher e ele nunca a deixaria ir.

— Eu tinha amigos nos orfanatos, mas depois que as coisas que testemunhei aconteceram com eles, aprendi a manter minhas emoções sob controle. Se você não tem emoções, não pode se machucar. Sabe o que quero dizer?

Ela sorriu calorosamente.

— Compreendo. Mas se você não deixar ninguém entrar, nunca poderá conhecer o amor.

— Eu conheço o amor. — Disse ele.

Chains ainda estava relutante em fazer declarações a Lori. As coisas ainda estavam no limbo, não queria arriscar seu coração ainda. Mas sabia o que sentia por ela e isso o aterrorizava. Ele precisava mudar de assunto.

— E você? Qual a lembrança feliz que você tem?

— Eu tenho muitas. — Ela disse.

— Ver a felicidade no rosto da minha irmãzinha quando comprei para ela um vestido de formatura da oitava série. Pagar a viagem da escola do meu irmão ao zoológico. Ele estava tão animado.

— Essa é a felicidade de outros. — Disse ele.

— Isso é o que me faz feliz

Chains estava chateado. Essas eram todas as coisas com as quais os pais deveriam se preocupar. Lori lutava muito para fornecer lembranças felizes para seus irmãos. Ele mudaria tudo isso. Não tinha certeza de como, mas se



certificaria de que seus irmãos e irmãs fossem levados para que Lori pudesse aproveitar sua própria maldita vida.

— Você é boa demais para mim, baby.

Chains puxou-a para mais perto, colocando-a na curva de seu braço.

— Eu não mereço você. — Disse ela.

— Eu nunca estive mais feliz. Não sei o que faria sem você agora.

Adorava ouvi-la dizer essas palavras. Chains queria que ela precisasse dele, porque estaria trabalhando duro para realizar seus sonhos. Chains nunca foi responsável por ninguém além de si mesmo e parecia poder ter outra vida para cuidar.

Eles se abraçaram até adormecer. Chains não sabia ao certo quanto tempo passou, mas seu pager vibrando na cozinha o acordou. Checou se Lori ainda estava dormindo. Cuidadosamente saindo da cama, ele vestiu um short e fechou a porta do quarto atrás dele.

Ele checou seu pager. Era Maurice, então ele ligou de volta no celular.

— O que foi? — Ele perguntou.

— Seu celular estava desligado.

— Sim, bem, estou mantendo discrição agora mesmo. Desde que esse pedaço de lixo passou pelo meu sistema de segurança, eu precisava sair da rede.



— Desde quando você tem medo de uma briga? —
Perguntou Maurice.

— Pensei que você fosse o homem do Boss.

Ele sabia sobre Lori? Tanto quanto Chains sabia, ela era seu pequeno segredo sujo.

— Estou apenas jogando pelo seguro. Você tem algum problema com isso?

Ele ouviu Maurice suspirar do outro lado.

— El Diablo pegou a próxima isca. Isso significa que ele está no alvo da interceptação em dois dias.

— Boss sabe?

— É claro que Boss sabe. Isso faz parte do seu plano. Boss estará lá com Killian. Espera que você esteja também. El Diablo confiava em você. Passou muito tempo com ele.

— Isso não significa que somos melhores amigos. Eu não sei nada sobre ele. E um homem como El Diablo não sabe nada sobre lealdade.

— Boss não vê da mesma maneira. E de qualquer forma, essa foi uma ligação de cortesia. — Disse Maurice.

— Para o que exatamente?

— Boss sabe sobre o seu brinquedo. Ele não gosta de segredos.





CAPÍTULO

NOVE

Lori rolou e gemeu. O corpo dela estava tão dolorido, não era ruim também. Lembrando-se do jeito que Chains a tomou, isso a aqueceu por dentro. Abrindo os olhos, estendeu a mão apenas para encontrar a cama fria. Franzindo a testa, olhou para o lado dele da cama e ele não estava lá.

Ela se sentou e olhou ao redor do quarto e odiou Chains não estar lá. Por um longo tempo, quando estava em casa com sua família, ansiava ficar sozinha, apenas para ter alguns momentos para si mesma.

Agora, se sentia sozinha e odiava sentir isso. Colocando o cabelo atrás das orelhas, tentou ouvir qualquer sinal dele. Chains não a abandonaria ali.

Empurrando os lençóis, ela foi até o quarto. Lidando com sua rotina matinal, decidiu tomar um banho rápido. Enquanto a água corria, olhou para seu reflexo no espelho, surpresa por quão diferente parecia. Não se reconheceu. Franzindo os lábios, Lori se perguntou se sentia diferente.

Não desviou o olhar de suas curvas como fazia antes. Em vez disso, virou-se para um lado e para o outro,



vendo seus seios vermelhos do amor de Chains e também os hematomas de seu toque nos quadris. Seus lábios ainda pareciam um pouco inchados de seus beijos.

Uma vez que a banheira estava cheia, testou a temperatura. Já havia colocado os sais, então entrou, afastando-se e fechando os olhos, aproveitando a alegria de estar na água. O calor aliviou um pouco da dor. Era bom apenas relaxar.

Segundos se passaram, talvez até minutos, antes que Lori o sentisse.

Abrindo os olhos, ela o viu completamente vestido, de braços cruzados, encostado no batente da porta. Calor encheu suas bochechas quando se lembrou da paixão que Chains mostrou a Lori na noite passada.

— Bom dia. — Ela disse.

— Como você está se sentindo hoje? — Ele perguntou.

— Estou bem.

Chains se moveu em direção ao banheiro e ela não gostou de como ele parecia pensativo. Não que pudesse ler Chains muito bem. Chains sempre se mantinha reservado e Lori não era uma leitora da mente.

— Você não está dolorida?

— Por que você não estava na cama? — Ela perguntou em vez disso.

— Você está dolorida?

Lori olhou para ele.



— Estou bem. Por que você não estava na cama?

Quando Chains ia falar, ela o interrompeu.

— Eu respondi duas de suas perguntas. O mínimo que você pode fazer é responder um das minhas. É a coisa boa e educada a se fazer.

— Você me entregou sua virgindade ontem à noite.

— Eu me lembro. Estava lá.

— Sim e agora é de manhã.

— Então?

Ela olhou-o, esperando que Chains lhe desse algo além do olhar vazio.

— O que é tudo isso, Chains?

— As mulheres têm uma tendência a tomar decisões das quais se arrependem.

— Assim como os homens.

Ele riu.

— Perder sua virgindade não é um negócio tão grande para os homens quanto para as mulheres.

Ela revirou os olhos.

— Você acha que vou me arrepender do que compartilhamos juntos?

— Há uma chance. Eu não ficaria chateado com você se fosse assim.

— Uau.



Ela realmente não sabia o que dizer sobre isso. Isso a fez se perguntar se Chains esteve em situações em que as mulheres se arrependeram de estar com ele.

— Você se machucou muito?

— As mulheres não me machucam.

Ela respirou fundo.

— Eu não me arrependo do que fizemos, não gostei de acordar sozinha. Isso foi... perturbador.

— Por quê?

— Eu fiz sexo pela primeira vez com um homem que decidiu me tirar da rua. Eu aproveitei e o tive dentro de mim. E na manhã seguinte você não está lá, então não foi bom?

— Você foi perfeita.

—Chains. Isso pode acontecer nos dois sentidos. Pelo que sei, odiou o que compartilhamos.

Ele se aproximou, ajoelhando no chão ao lado da banheira.

— Eu não odiei. Amei cada segundo de estar dentro de você. Enquanto viver, nunca esquecerei como me senti quando reivindiquei sua boceta ou como você gritou de prazer quando a fiz gozar. Até o aperto da sua bunda ao redor dos meus dedos.

— Isso foi meio bizarro.



— Eu a farei implorar novamente por mim. Você nunca vai querer outro homem. Garanto a você.

— Gosto de suas promessas.

Ela pegou a mão dele, levantando-a da beira da banheira e beijando seus dedos.

— Eu gosto de estar em seus braços.

— Eu... você é a primeira mulher que eu não quero machucar, Lori.

Ela sorriu.

— Você não poderia me machucar. — Ela pressionou a palma da mão contra sua bochecha.

— Amo estar com você.

— Estava me perguntando como você se sentiria em ficar aqui por algumas semanas. Preciso sair amanhã para cuidar de alguns negócios. Quando voltar, quero passar algum tempo, apenas você e eu.

— Você vai me deixar aqui?

— Estará protegida. E não vou demorar muito. Esta é a nossa casa segura.

— Eu não posso ir com você?

— Não quero que você se machuque. Por favor, faça isso por mim.

Ele parecia tão estressado que Lori cedeu. Não queria que Chains se preocupasse com ela.

— Tudo bem, mas vai custar-lhe.



Chains suspirou.

— O que vai me custar?

— Compartilhar este banho comigo.

Ele olhou para a água e depois para ela.

— Você quer que eu compartilhe a água com você?

— Sim. Vamos, Chains. Eu tenho você por um dia. Considere este meu pagamento. Espero que faça tudo o que eu quiser o dia todo. Vinte e quatro horas, acha que pode lidar com isso?

Ele descansou a testa no lado da banheira.

— Esta é uma decisão difícil.

Ela riu.

— Você está brincando, não é? Oh o meu duro assassino está brincando. Eu gosto disso.

— Eu não estou.

— Aposto que você nem sabe como contar uma piada.

Ela viu seus olhos se estreitarem quando sorriu e esse olhar em seu rosto era um sonho para ver.

Lori não pode resistir a tocar seu rosto, olhando em seus olhos. Este homem, Chains era um mistério total. Bagunçou toda sua vida e especialmente os sentimentos que inspirava nela.

Não havia como se afastar dele.

Lori faria o que quisesse para colocar aquele sorriso em seu rosto.



Inclinando-se para frente, pressionou os lábios contra os dele e sorriu.

— Então, que tal o banho?

— Você quer um dia de estar no controle completo, então ficarei feliz em me colocar a sua mercê, mas isso significa que você fica aqui. Não sai desta casa até eu voltar.

— Sim e quando você voltar, estarei aqui esperando para que possamos nos divertir um pouco. — Ela piscou para ele.

— Isso faz você se sentir melhor?

— Sim.

Não sabia por que ele estava tão determinado que ficasse em casa, mas não discutiria com ele. Chains claramente tinham uma razão para fazer tudo.

Ele se afastou da banheira e Lori o observou.

Lori manteve o olhar sobre ele, sentindo-se aquecer ao vê-lo. Mordendo o lábio, pressionou as coxas juntas enquanto ele tirava a roupa. Seu pau era longo e grosso e já estava vazando pré-goço. Não havia uma grama de gordura em seu corpo, apenas músculos duros.

Chains se aproximou da banheira e a empurrou para frente. Ela não discutiu com ele quando sentou atrás dela. Com uma mão sobre o estômago, Chains a puxou de volta para que descansasse contra o peito dele. Fechando os olhos, Lori colocou as mãos em suas coxas e se deliciou com a proximidade. Chains se sentia incrível contra ela, tão quente, tão certo.



Ele a beijou no pescoço.

—O que mais, minha senhora, exigirá hoje?

Ela riu.

— Isso é para eu saber e para você descobrir.

Lori gostava disso, estar perto dele, tê-lo completamente à sua mercê.

— Posso fazer isso então?

Ele acariciou seu estômago e subiu para envolver seus seios.

Lori ofegou.

— Isso é mais do que bom.

Ele beliscou seus mamilos e ela se arqueou querendo mais do seu toque.

— Porra, isso é uma visão bonita, ver o quanto você quer que a toque.

— Eu não quero que você pare.

— Levante as pernas e coloque-as em ambos os lados da banheira.

Ela olhou para ele, confusa.

— Pode fazer?

— Este é meu dia, lembra-se? Eu sou a única a dar as instruções.



— E irei segui-las, baby, mas me pedirá para brincar com sua boceta ou gostaria que eu tomasse a liderança nisso?

Em resposta, ela levantou as pernas, colocando-as sobre a banheira.

— Boa menina.

Uma de suas mãos se moveu de seu peito escorregando pelo corpo dela. Quando ele tocou sua boceta, Lori gritou. Qualquer dor ou desconforto desapareceu quando começou a passar o dedo entre a fenda. Chains acariciou seu clitóris, beliscando o cerne antes de descer, mergulhando um dedo dentro.

— Você é incrivelmente apertada e eu sei que é porque meu pau é o único que você já teve. Isso a deixa tão gostosa, Lori. É toda minha. Cada parte de você. — Ele mordiscou o pescoço dela e o prazer pulsou em todo o seu corpo.

Chains afastou o dedo de sua boceta, levando-o de volta para o clitóris e acariciando-a. A mão em seu peito apertou o mamilo, puxando a carne. Ela sentiu sua excitação aumentar e queria seu pau dentro dela.

— Foda-me, Chains. — Disse Lori, implorando. Não queria ficar outro segundo sem ele dentro dela.

— Você quer que meu pau duro entre em sua boceta?

— Sim.

— Então vire-se.



Ela puxou as pernas para dentro da banheira, que era grande o suficiente para ela girar.

— Coloque as pernas ao meu redor e pegue meu pau na sua mão, coloque-me dentro de você.

Lori seguiu suas instruções, não se importando que estivesse tremendo um pouco. Estava muito excitada e desesperada por seu pau.

Chains já estava tão duro que pressioná-lo contra sua fenda não foi difícil. Centímetro e centímetro afundou em seu calor molhado e ela apertou seu ombro onde se segurou.

— Agora isso é sexy para caralho. Vê-la tomar meu pau, sentindo sua boceta apertada ao meu redor.

Suas mãos se moveram para seus quadris.

— Agora comece a me montar, baby.

Ela segurou nos ombros dele e lentamente, levou-o profundamente dentro dela, puxando até que apenas a ponta permanecesse dentro.

Encontrando um ritmo lento, ela rapidamente se acostumou com a espessura dele e não demorou muito para que movesse em seu próprio ritmo, querendo mais e mais.

—Isso é tão bom, caralho.

Chains moveu seus quadris para agarrar sua bunda, acelerando o ritmo. Entrou mais fundo. Ela gritou seu nome, o prazer crescendo. Um de seus dedos se arrastou entre a fenda da bunda dela, provocando seu ânus enquanto ele a fodia.



— Toque você mesma, Lori. Toque sua boceta. Faça você mesma gozar no meu pau.

Ela tocou sua fenda, empurrando para cima e para baixo em sua ereção. Seu orgasmo começou a crescer e a chocou com a força dele quando gozou forte, abaixando-se sobre seu pau. Lori gritou seu nome, os sons de prazer ecoando nas paredes enquanto Chains a fazia gozar ao mesmo tempo em que seu rosnar se juntou ao dela e seu pau pulsou dentro dela.

Lori sentiu cada pulso enquanto ele enchia sua boceta.

Pressionando o rosto contra o pescoço dele, Lori tentou acalmar suas emoções, mas elas estavam em todo lugar. Mais e mais respirou fundo, aquecendo-se com as mãos dele sobre seu corpo.

— Você é incrível, Lori. Tenho sorte de tê-la na minha vida.

Ela se sentia a mulher mais sortuda do mundo e não queria perdê-lo.



Chains balançou a cabeça.

— Eu não farei isso.

— Sim, fará. Este ainda é meu dia. Eu o alimentei com café da manhã e vimos um filme de terror, o que eu acho que foi uma má ideia. Odeio filmes de terror.



— Por que você assistiu então?

— Porque sabia que você queria assistir e porque, imaginei que faria algo por você para variar. — Lori balançou os quadris de um lado para o outro, batendo palmas no ritmo da música.

Desde a conversa com Maurice na noite anterior, Chains se sentia tenso. Ele não duvidava que Boss soubesse sobre Lori. O filho da puta provavelmente tinha cada pequeno detalhe de sua vida e estava se aquecendo em sua queda. Um outro *Killer of Kings* a ser atraído pelo prazer de uma mulher.

Lori era... fogo para ele. Ela era como uma droga que não queria deixar. Toda sua vida Chains devolveu tudo para as pessoas ou tirou dele. Não queria devolvê-la, era um tesouro. Ninguém mais se importava com Lori. Chains sim.

Ela voltou para ele e isso significava muito. Não havia como alguém tirá-la dele. Mataria cada um daqueles idiotas primeiro.

Queria que Lori ficasse ali enquanto lidava com El Diablo e Boss. E se não achasse que Boss seria um problema, a levaria com ele, mas o conhecia e esse homem encontraria uma maneira de fazê-lo pagar.

Havia uma razão pela qual Boss era o líder do *Killer of Kings*. Ninguém conseguiu nada além dele. Ele tinha mais mortes do que qualquer um deles. De fato, sua lista de habilidades, mortes e negócios era tão longa que algumas pessoas acreditavam que eram meras especulações. Ouviu o



nome de Boss sussurrado como estando em conluio com o próprio diabo.

Chains sabia que havia muito mais em Boss do que qualquer um deles jamais perceberia. Boss sempre tomava as decisões. Mantinha as orientações e nunca cruzava a linha a menos que fosse necessário. Ele era destemido.

— Onde você foi?

Lori perguntou, de pé na frente dele. A música tocando ao fundo.

— Não é nada.

— Pode me dizer o que quer que esteja em sua mente. — Disse ela.

Existia algumas coisas que absolutamente a aterrorizariam. Boss não era para os fracos de coração.

— Você quer que eu dance com você?

— Sim.

E sorriu para ele. Levantando-se de seu assento, Chains se moveu em direção ao aparelho de som e mudou sua música pop borbulhante para algo pesado, cheio de rock. Lori gemeu e ele balançou a cabeça, fazendo os movimentos como se tivesse uma guitarra nas mãos.

— Agora é isso que eu quero dançar.

Chains pegou a mão dela e puxou-a contra ele.

— Você não pode dançar com esse barulho.

Ele riu, agarrando seus quadris.



— Você ficaria surpresa com o que pode dançar. Sinta a batida, baby. — Ele a abraçou de forma que sua bunda se aninhou contra seu pau.

— Você sente isso?

— Seu pau?

— Bem, sinta o quão duro estou, mas também sinta o que faço com você.

E de um lado para o outro, Chains a guiou em uma dança. Seu corpo se derreteu contra o dele e Lori não lutou contra também.

Quando a música mudou para uma de suas canções pop borbulhantes, ela saiu de suas mãos, jogou os braços para o ar e começou a dançar.

— Vamos, Chains, você precisa aprender a se adaptar. Mudar e fazer parte de tudo isso. Whoo.

Lori pulou de um lado para o outro e decidindo jogar a cautela ao vento, ele cedeu e começou a dançar com ela.

Ela se inclinou para frente e riu muito quando Chains balançou as mãos em círculos, começando a fazer alguma coisa balançando com a cabeça.

— Oh meu Deus, isso é tão engraçado.

Ela se virou e dançaram juntos loucamente. A música durou três minutos e meio, mas quando se transformou em uma balada lenta, Lori foi imediatamente para seus braços.

Ele segurou a base das costas dela enquanto também segurava a mão dela.



Olhando nos olhos de Lori, sentiu-se completamente arrebatado pelos sentimentos que inspirava dentro dele e não era apenas sexo. Ele não queria pensar sobre o que esses sentimentos significavam agora.

— Gosto de dançar. Nunca podia fazer isso em casa. Não havia muito espaço e ninguém gostava de ouvir música. Eu sei que é bobagem.

— Adorei fazer isso. Você não tem nada para se preocupar. Espero que façamos isso com mais frequência. — Chains fechou os olhos, odiando a família dela mais uma vez. E se os conhecesse, iria matá-los. Mas Boss faria isso por ele e então Chains não teria que se preocupar sobre ela estar chateada com ele.

Veja, houve um benefício em tê-lo por perto.

— Eu realmente gosto de estar com você, Chains. Assim. Eu...

— O que foi, Lori?

— Eu...

— Não precisa ter medo de dizer algo.

Ele estava preocupado agora.

—Eu não quero que você me deixe. Não sou uma mulher carente e não quero que você pense que estou implorando ou algo assim, mas gosto muito de você.

Ele beijou-a, silenciando suas palavras. Ouvir o desespero em sua voz, rasgou-o. Movendo a língua em sua



boca, ele a tocou. Lori colocou os braços ao redor de seu pescoço e Chains a segurou com força.

— Eu não a deixarei ir. Farei o que puder para ter certeza de estarmos sempre juntos.

— Eu sei que seu trabalho é perigoso, mas nunca vou atrapalhar. Estarei ao seu lado.

Quando Chains sequestrou Lori, não tinha nenhuma expectativa. Ele a viu e ao contrário dos caras normais que pediriam o número dela, decidiu tomá-la em seu lugar. Ninguém era perfeito e estava ciente de seus defeitos.

A música voltou ao rock.

Deixando-a ir, ele começou a balançar a cabeça, com a guitarra de volta em suas mãos e quando olhou para Lori, viu que ela estava fazendo exatamente a mesma coisa.

Nunca se permitiu o prazer de brincar e era assim que Lori queria passar o dia dela. Depois de algumas horas de risadas e brincadeiras, desabaram no sofá. Ela segurou sua mão com força.

— Onde você irá amanhã, será perigoso?

— Sim e não. Eu preciso que duas pessoas se conheçam. Não será muito perigoso, mas o homem que a soltou, ele é procurado.

— Como um criminoso?

— Meu chefe o quer. Não será nada demais. Você não precisa se preocupar com nada.



— Quando você chegar, vai me ensinar como lutar? Como impedir que alguém como El Diablo me machuque.

— Eu a ensinarei tudo que você precisa saber.

Ela se aconchegou e Chains brincou com uma mecha de seu cabelo.

— Você vai para o exterior? — Ela perguntou.

— Você está fazendo muitas perguntas hoje à noite.

— Apenas estou curiosa. Quero dançar com você, saber de onde veio. Quero saber tudo.

— Diga-me algo sobre você.

Ele perguntou, evitando a pergunta.

Lori balançou a cabeça.

— Eu sou uma pessoa completamente chata, Chains. Você sabe disso. Sou uma filha de muitos filhos. Passei muito tempo cuidando dos meus irmãos e irmãs enquanto tentava garantir que eles recebessem uma educação. Saí para trabalhar, alimentei a todos e os vesti. Não é uma história de vida muito colorida. A menos que conte, de repente, ser levada tarde da noite depois de tirar o lixo.

Chains riu.

— Então minha vida ficou realmente excitante. Fiquei acorrentada em um porão, comendo uma comida incrível e sendo cuidada. Fui forçada a deixar meu sequestrador apenas para voltar. Viu, meio chato.



— Eu não sei, seu sequestrador soa incrível. Aposto que ele era o melhor.

Ela começou a rir.

— Bem, você está cheio de surpresas. Contou uma piada. Foi uma piada muito engraçada.

Ele beijou a cabeça dela.

Sim, contou uma piada. Chains se perguntou se essa era uma das razões pelas quais Boss não gostava que seus homens se apaixonassem. Não se sentia mais suave, mas houve um tempo em que Chains teria atirado em alguém antes de contar uma piada.

Lori era especial e ele queria que o visse de forma diferente do que apenas um assassino. Para ela, queria ser um homem digno de tirar sua virgindade. Isso significava muito.





CAPÍTULO

DEZ

Ele saiu antes que Lori acordasse. Ela se preocuparia atoa e não precisava de nenhuma besteira emocional, hoje não. Lori estaria segura na cabana e Chains descobriria onde Boss estava antes de voltar. Não poderia puni-lo por ter uma mulher, não quando concedeu sua bênção a pelo menos quatro assassinos em sua folha de pagamento. Até onde sabia, ser comprometido não afetava seu desempenho no trabalho. O mesmo valia para Chains, que provaria se fosse preciso.

Uma vez que entrou na estrada principal, o GPS disse que estaria em seu destino em pouco mais de uma hora. Ligou o rádio via satélite e a música. Sim, odiava Xavier por invadir sua casa, mas Boss plantou um arquivo lá. Fazia parte do seu plano. Talvez Chains estivesse mais desapontado consigo mesmo do que irritado com Xavier. Ele realmente não esperava que aquele desgraçado passasse por todas as armadilhas de Boss com sucesso. Nunca pensou que Lori estivesse em perigo. O sistema de segurança foi ativado e Chains apenas saiu por algumas horas. Precisava ser mais esperto.



Pensava enquanto dirigia, sua mente indo em várias direções. El Diablo era mais parecido com Chains do que imaginava, ambos forçados a sobreviver com as probabilidades contra eles, ambos tão sádicos que Boss queria recrutá-los. Chains lembrou-se de quando conheceu Boss. Jurava que conheceu o próprio diabo. O dono do *Killer of Kings* estava em sua cidade natal em um contrato com dois homens. Um deles, Viper.

Chains se esforçava para elevar seu status, trabalhando para uma poderosa Bratva. Era capaz de mutilar e matar sem remorso, uma qualidade procurada em sua linha de trabalho. Desde cedo, ficou entorpecido, um mecanismo de segurança graças a sua infância.

Boss estava lá para matar o homem para quem Chains trabalhava, o chefe da organização. Chains era jovem, mas conseguia aguentar uma grande briga. Isso foi o que ele conseguiu, mas em vez de fazer dele um exemplo, Boss acabou oferecendo uma posição na *Killer of Kings*.

Não demorou muito para que Boss descobrisse cada detalhe de sua vida miserável, orfanatos fodidos, abuso indescritível, uma vida de crime e violência. Mas olhou mais profundamente, viu as habilidades de Chains e a pessoa sob toda a sujeira. Sentiu pena dele.

— *E essas cicatrizes?* — Boss perguntou.

Eles estavam em um avião para a América, Chains deixando tudo para trás. Boss estava no assento ao lado dele na frente do avião, o melhor que o dinheiro podia



comprar. Chains esfregou o pulso, olhando para um dos lembretes permanentes que queria apagar da memória.

— Correntes.

Boss assentiu.

— Você sobreviveu. É o que conta. — Disse ele.

— Use isso como vantagem.

Eles nunca falaram mais sobre seus pecados ou qualquer um dos horrores que suportou. Boss provavelmente sabia de qualquer maneira. Agora ele via algo em El Diablo.

Uma vez que se aproximou de sua localização, Chains se endireitou, ficando alerta. Eles se encontrariam em um estaleiro, montanhas de contêineres coloridos criando um labirinto de metal.

Ele ligou para Killian.

— Você está no local?

— Estou chegando. Vá na frente. El Diablo está no trailer amarelo perto do cais.

— Parece que os negócios estão como sempre por aqui. Boss está preparado para o dano colateral?

— Somos profissionais, não somos?

Ele desligou e deu a volta. No porta malas tinha tudo o que precisava se as coisas ficassem feias, mas o objetivo desse empreendimento era chantagear Xavier para um trabalho na *Killer of Kings*. Mesmo que as coisas terminassem sem problemas, o que era improvável, ainda precisava se



explicar para Boss. Ele não mentiu, apenas falhou em dar todos os detalhes de sua vida. Lori era seu assunto, de mais ninguém.

Seus coldres personalizados estavam cheios, sua jaqueta escondendo tudo. Chains estacionou e caminhou ao redor da área. O lugar estava movimentado, caminhões recuando, guindastes carregando contêineres e todo tipo de sino e apito. Com todos os trabalhadores das docas, haveria um banho de sangue se Xavier decidisse que não queria nada com a oferta de Boss. Ele patrulhava para cima e para baixo pelos corredores entre pilhas de recipientes de metal. Tudo corria muito bem. El Diablo era um gênio ou um tolo por chegar ao fim da trilha de Boss.

Ele não tinha um bom pressentimento. Não era o estilo de Boss. Seus instintos estavam gritando para sair.

E se Xavier fosse realmente como ele, então era mais esperto do que isso.

Chains caminhou até a doca, olhando para a água passando ao lado. Ele deixou um celular com Lori para emergências e ligou para aliviar sua mente.

— Demorou muito tempo.

Seu sangue se transformou em gelo, seus músculos tensos. Ele ficou parado, a buzina de um barco soando.

— Nada pessoal, Chains. Mas se eu fosse você, me comportaria. — E de todos os seus homens, Boss precisou mandar Bain. Ele era um cretino sádico.



— E se você a tocar.

— Relaxe. Ela nem sabe que estou aqui. — Disse Bain.

Ele andava de um lado para o outro.

— Não entendo. Que ponto Boss quer fazer?

— Manter uma mulher como refém no seu porão é meio fodido, não?

— Ela parece uma prisioneira?

Bain exalou.

— Olha, eu não dou a mínima, mas suas atividades extracurriculares estão deixando você desleixado. Colocou placas falsas quando levou Boss para aquele jogo de pôquer no outro dia? Acha que os veículos da empresa não são rastreados?

Ele fez uma pausa. Porra, ele estava tão preocupado em deixar Lori sozinha no porão que cometeu erros estúpidos. Usou o mesmo carro para levar Lori até a maldita cabana. Tanto por seu retiro escondido.

— Nós não estávamos de tocaia.

Bain zombou.

— Você está disposto a apostar sua vida nisso? Ter uma mulher em nossa linha de trabalho complica tudo. E o deixa passivo. Precisa estar no topo do seu jogo a cada segundo. — A linha ficou em silêncio.

— Segundo Boss, você terá visitantes indesejados dentro de uma hora.



— Sairei agora.

— Você vai embora, Boss me dá a oportunidade de queimar tudo.

Outro teste.

Boss queria que ele fosse cem por cento fiel a *Killer of Kings*. O homem tinha uma tara pelo controle. E se Chains sacrificasse a missão ou a segurança de Boss, a vida de Lori poderia estar em perigo. Bem, se ficasse, a vida dela estaria em perigo quando aqueles mafiosos procurassem por vingança. Não poderia ganhar isso.

— Você não ousaria. — Ele disse.

— Você sabe quem porra eu sou?

Bain riu.

— Você sabe exatamente do que sou capaz, então não me teste. Boss disse para quebrar as pernas primeiro. Isso se ela sobreviver ao fogo.

— Você é um verdadeiro pedaço de lixo. — Disse ele.

— Eu ficarei. Não se aproxime dela. — Então acrescentou. — Ela é tudo que tenho, Bain. E se alguma coisa acontecer com ela... eu sei onde você mora. — Ele desligou o telefone.

Sem problemas. Faça El Diablo se comprometer com Boss, depois volte para a cabana antes que alguém possa chegar lá. Ele respirou fundo, sabendo que toda essa confusão se devia à sua incapacidade de separar negócios e prazer. Todas essas emoções eram novas para ele. Estava



acostumado a ir de cabeça, não se importando com as consequências ou se preocupando em se machucar. Boss o mantinha perto porque não tinha nada a perder e tudo a ganhar. As coisas eram diferentes agora.

Graças a Lori, se importava mais com a sobrevivência. Ela era sua salvação. Estava destinado a perdê-la e sempre acabar com a última opção na vida?

Nesse ponto, ele não se importava com as aparências. Puxou uma Glock, segurando-a dentro da lapela de sua jaqueta de couro. Seu coração estava acelerado, um poderoso sentimento de traição o fazendo ver vermelho. Como Boss pode fazer isso com ele depois de tantos anos de lealdade? Chains era um tolo em pensar que o monstro poderia realmente se importar com alguém além de si mesmo.

Ele encontrou o trailer e não se incomodou em se esconder até que Xavier aparecesse. Abriu a porta e entrou. Havia dois homens sentados tomando café.

— A pausa para descanso acabou. Saiam. — Normalmente, seu tamanho e aparência eram o suficiente para obter resultados sem ter que partir para a violência. Quando não se mexeram, ele repetiu em russo. Então correram sem nenhum argumento.

Chains sentou-se na cadeira giratória da mesa principal, levantando ambas as pernas para ficar confortável. O que era tão importante que El Diablo entrou nesta perseguição? O arquivo deveria estar ali, neste trailer específico. Chains abriu



a gaveta de cima e viu um envelope marcado como *Top Secret*. Ele pegou e arrancou o lacre. Queria saber exatamente o que estava acontecendo por aqui. Moveu os papéis e os analisou.

Interessante.

Boss era hábil em encontrar a menor fraqueza para usar contra uma pessoa e parecia que até o diabo colombiano tinha um calcanhar de Aquiles.

Ele esperou, recostando-se na cadeira, desejando poder voltar para a cabana. Qualquer um que machucasse sua mulher sofreria severamente. Não demorou muito para ouvir o barulho da maçaneta. Ele sacou a arma e apontou para a porta, com o braço cruzado sobre o peito.

No momento em que a cabeça de El Diablo entrou no trailer, Chains o reconheceu instantaneamente. Eles passaram um bom tempo juntos na última vez em que Boss o perseguiu. Faria qualquer coisa por dinheiro ou garotas, o surpreendia ter esse ponto sensível para explorar. Provavelmente foi por isso que sentiu pena de Lori.

Ele soltou a alça da segunda arma, ainda mirando a primeira, depois balançou o envelope no ar. Xavier imediatamente entrou, batendo a porta atrás dele.

— Isso não é para você, garoto grande. Entregue-o.

Chains sorriu.

— Eu já li.

Xavier lambeu os lábios, seus olhos escuros ilegíveis.



— O que você quer?

— Tudo o que me interessa agora é a minha mulher.

Ele assentiu.

— Oh, eu entendi. É sobre aquela garota que libertei de sua prisão improvisada. Você é uma peça rara, amigo.

Chains se endireitou, abaixando as pernas.

— Ouça, não é o que você pensa. Ela voltou para mim. Vou me casar com aquela mulher.

— Acho que vocês dois precisam de algum aconselhamento.

— Eu tenho algo que você quer, mas não o conseguirá tão facilmente. — Disse Chains.

— Eu posso atirar em você agora e levá-lo.

Chains sorriu.

— Adoraria vê-lo tentar. — Ele abriu a jaqueta, revelando seu arsenal de um homem.

— Diga-me o que você quer.

— A razão pela qual você está aqui. A razão pela qual isso existe. — Ele balançou a pasta no ar.

— É tudo porque Boss quer que trabalhe para *Killer of Kings*. Considere isso seu recrutamento.

— Eu tenho uma escolha?

— Pode escolher sair pela porta, mas não recebe a informação e Boss não ficará muito feliz.



— E isso é?

Chains expirou. Quanto deveria dizer a Xavier? Ele se importava o suficiente para liberar Lori em primeiro lugar e depois de ler a papelada, sabia que o diabo tinha um coração.

— Boss não me deixa sair até que você concorde em assinar. Eu preciso sair.

— Encontro quente? — Xavier piscou.

— Alguém que eu aborreci está indo para minha casa agora, procurando por vingança. Considerando que minha mulher está sozinha, estou realmente motivado a levar essa conversa adiante.

— Ela se trancou no porão novamente?

— Porra, Xavier.

— El Diablo para você. — Ele respondeu.

— Eu não tenho nada para fazer. Que tal darmos uma volta e depois vou falar com seu chefe?

— Não brinque comigo. Você vai trabalhar para os *Killer of Kings*?

— Eu já vi sua casa, então sei que eles pagam bem. Não irá me machucar, certo? Considere a nossa viagem como uma maneira de acertar as contas.





— Ok, vamos fazer isso.

Lori acordou e tomou banho. Ela não esperava que Chains estivesse em sua cama. E precisava se acostumar com ele indo e vindo sem se preocupar constantemente. Era tudo o que tinha agora e a forma como a fazia sentir... não podia perder isso.

Depois de tomar um café da manhã leve, notou um SUV estacionado na estrada, parcialmente envolta por arranhões. Sempre esteve lá? O carro de Chains não estava na entrada da garagem.

Chains disse que eles estavam em sua cabana porque era muito perigoso em sua casa agora. Ela estava segura. O homem que a soltou era um louco e a ameaça de poder voltar foi o suficiente para Chains fazer as malas e sair.

Ela olhou para a mesa da cozinha, procurando o celular que Chains deixou. Não estava lá. Percorreu toda a casa, verificando os balcões e as prateleiras, até mesmo dentro das gavetas. Onde o colocou? Ótimo, se algo acontecesse Lori não tinha contato com o mundo exterior. Respirou fundo acalmando-se. Ele disse que não demoraria muito, então poderia esperar. Este era um pequeno pedaço do paraíso, então quem era Lori para reclamar?

Lori pegou sua jaqueta, calçou os sapatos e saiu para a varanda. A vista era espetacular, uma floresta densa e ao



lado um vale. O ar cheirava a pinho e terra, um contraste acolhedor ao fedor da cidade onde cresceu.

Ela nunca foi de se exercitar, estava sempre muito ocupada, cansada demais para se importar. Talvez fizesse uma caminhada. Lori desceu os degraus, passando as pontas dos dedos pelas flores silvestres. Se sentia tão livre, tão feliz. Chains transformou todo o seu mundo. Pode ter começado um pouco estranho, mas não podia reclamar agora.

Lori pegou um bastão de bom tamanho e o usou quando entrou na floresta. Era um mundo diferente sob o dossel da floresta. Os pássaros cantavam e os esquilos correriam pelos galhos acima dela. Podia ouvir o som fraco de um riacho ao longe, então continuou.

Não tinha certeza de quanto tempo se passou, estava muito apaixonada pela beleza da natureza ao seu redor. Lori nunca teve tempo para contos de fadas, mas agora se sentia como se estivesse no meio de um. Viveu uma vida muito protegida, havia muito para aprender e explorar. Quando ouviu galhos se quebrando bem atrás dela, seu coração acelerou. Ela olhou para trás e não viu nada, mas percebeu que caminhou o suficiente para ter problemas para voltar ao chalé.

Deveria ter mais medo de animais selvagens ou de El Diablo? Ela se agachou atrás de algumas urzes, olhando pelo caminho novamente. Uma faixa de tecido a fez prender a respiração. Estava vendo coisas?



Então ela o viu. Lori reconheceria esse rosto em qualquer lugar. Seu cabelo escuro estava quase totalmente fora do rosto, seus olhos negros focados. Chains estava certo, ele estava procurando-a. Desta vez, tinha a sensação de que não seria tão generoso.

Uma súbita onda de tontura a percorreu. Não havia para onde ir, até o celular desapareceu. Enquanto ele se aproximava, não mais tentando se esconder, Lori decidiu se arriscar. Levantou-se e começou a correr. Os galhos no caminho arranhavam sua pele exposta, mas não conseguia desacelerar agora.

— Ei, pare!

Sim, claro. Lori queria viver. Precisava sobreviver até que Chains voltasse para casa. Sua mente estava uma bagunça. Onde eles estariam seguros? A vida com Chains sempre seria assim?

Quando Lori parou para respirar, olhando para trás, percebeu que dois homens vinham de outra direção. Que porcaria? Lori não os viu antes. Chains os enviou para protegê-la? Eram caçadores? Decidiu que qualquer um era melhor que El Diablo. Um ponto em seu lado a atrapalhou, mas ela se moveu na direção dos estranhos. Apoiou-se nas árvores enquanto descansava.

— Lori, pare de correr! — El Diablo a estava alcançando. Lori estava fora de forma.

Os outros homens começaram parecer nítidos. Pareciam pertencer a uma boate, não ao meio do deserto. Foi quando



notou que tinham pistolas e quando um deles conseguiu uma visão clara, apontou e disparou. Ela gritou e se abaixou, sem saber o caminho a seguir. Tanto por sua brincadeira despreocupada na floresta. A única coisa que podia fazer era se aventurar mais longe, longe de todos esses assassinos.

Outra bala passou zunindo por sua cabeça. Lori estava muito alta com adrenalina para chorar ou gritar. Seu foco era a sobrevivência.

Quando se virou para avaliar a distância, viu o jato violento de sangue sair do lado esquerdo da cabeça do homem principal. O homem desabou pesado no chão da floresta. O outro homem brevemente olhou para ele antes de continuar o ritmo, em direção a ela.

O que está acontecendo?

Lori ficou tão paralisada no pesadelo à sua frente que não se concentrou no El Diablo vindo do outro lado. Ele se abaixou e agarrou-a, erguendo-a sem esforço. Ela usou toda sua força para chutar e dar um soco nele, lutando como uma mulher selvagem, mas ele colocou um braço sólido ao redor de seu corpo, prendendo seus braços dos lados.

— Relaxe.

— Me solte!

O outro homem estava se aproximando. Eles estavam juntos? Eles a torturariam? Matariam? Quando o peito de El Diablo ressoou em gargalhadas, ela pensou que ele perdeu a cabeça.



Então ela o viu.

Chains.

Chains apareceu por trás do outro homem, envolvendo um braço ao redor de seu pescoço e tirando a arma de sua mão.

— Pensei ter sido claro, idiota. A cidade é dos *Killer of Kings* e você acabou de cruzar a linha.

O homem gorgolejou, seu rosto ficou vermelho.

— Você atirou na minha mulher. — Chains o deixou ir, empurrando-o de joelhos.

— Pegue sua arma. Eu o desafio.

O homem ficou de pé, Chains lhe deu um soco no rosto uma vez, duas vezes e uma terceira vez. Eles começaram a lutar, chutando, socando com habilidades que Lori apenas viu nos filmes. Quando o outro homem tropeçou para trás, o homem pegou a arma, mas antes que pudesse mirar, uma bala passou direto pela mão dele. Ele gritou e abraçou o braço, o sangue escorrendo.

Lori ofegou.

— Nada para se preocupar. — Disse El Diablo.

— Seu namorado tem tudo sob controle.

Lori se lembrou de quando ele matou Carlton Riggs por machucá-la. Era um assassino. E era dela. Chains pegou uma arma de seu coldre de ombro e colocou uma bala na cabeça do homem, bem entre os olhos como se tivesse feito isso mil vezes, talvez o tivesse feito.



Chains começou a se aproximar dela, em vez de sentir medo ou ficar em terror, apenas sentiu alívio. Uma sombra apareceu atrás de uma árvore no caminho que Chains tomou. Um terceiro homem? Ele não teve tempo de se virar quando uma bala o parou. Chains se chocou contra um grande carvalho, apontando sua arma apesar da lesão.

Chains não precisou disparar de volta, porque o terceiro homem caiu no chão. Todos eles se olharam, congelados e silenciosos, sem ousar mover um músculo. Onde estava o outro atirador? Quem daria o próximo disparo?

El Diablo usou um braço para segurá-la, colocando a mão livre em uma arma.

— Eu disse que não era nada pessoal. — Um homem enorme vestido de preto apareceu com os braços cobertos de tinta. — Mas você não deveria entregar o pacote para Boss nas docas?

— Você arriscaria a vida de Scarlett, Bain? — Perguntou Chains.

— Sim. Acho que o faria.

— Pelo menos minha cabana ainda está de pé. Estava esperando uma pilha de cinzas.

— Belo pedaço de terra você tem aqui.

Bain usou seu celular e se virou enquanto falava com alguém. Lori apenas conseguiu distinguir algumas palavras como.

— Lidamos com a situação. — E.



— Três deles.

Ela lutou no aperto de El Diablo e ele a soltou. Lori correu para Chains, jogando-se em seus braços. Adorou sentir seu perfume e isso acalmou seus nervos. Chains estremeceu.

— Você está ferido. — Disse ela. Lori queria examiná-lo, mas Chains apenas a segurou perto de seu peito. Logo beijou o topo de sua cabeça.

— Estou bem. E você? Alguém a machucou? — Ele perguntou.

Ela balançou a cabeça.

— Sinto muito, baby. Tudo em que conseguia pensar era em voltar para você.

Bain guardou o celular.

— Boss está esperando vocês três. Eu não o manteria esperando por muito tempo. Vou me encontrar com Viper na cidade para cuidar de quem enviou estes idiotas. Ordens de Boss. Eles não sabem o que está por vir.

A maneira como disse as palavras a fez estremeecer. Quem quer que fosse não teria um bom dia.





CAPÍTULO

ONZE

Ele respirou fundo uma vez que ficaram sozinhos em sua cabana. Bain concordou em deixá-los um tempo antes de voltar para a cidade. Lori colocou os braços ao redor de sua cintura, descansando a cabeça em seu peito.

— Fiquei com tanto medo. Não posso perdê-lo.

— Tudo está bem agora. — Chains acariciou o cabelo dela e a beijou no topo da cabeça.

— Seu coração está acelerado. Você está mentindo.

Ele se afastou, balançando a cabeça.

— Boss não vai machucá-la. Killian não deixará.

— Mas você acha que ele vai machucá-lo? Pensei que as coisas estivessem resolvidas.

— Boss quer me punir.

— Punir?

Não gostava do medo em seus olhos. Seu trabalho era protegê-la do lado sombrio de sua vida.

— Você sabe sobre Boss. Sabe o que faço para viver. Minha vida é complicada e não de um jeito bom. Talvez esteja melhor sem mim. — Lori era seu prêmio, mas agora a



amava o suficiente para deixá-la ir. Não deixaria Boss machucá-la. Aquele cretino maluco atirou nas outras mulheres sem remorso. Ele era capaz de qualquer coisa.

— Não diga isso.

— É verdade. Lidarei com tudo para que você nunca tenha que trabalhar novamente, nunca precise se preocupar.

Lori bateu no peito dele.

— Pare com isso! — Seus olhos brilhavam com lágrimas não derramadas.

— Não vou a lugar nenhum sem você. Estamos juntos nisso. Você me entende?

— Eu cometi um grande erro. Deixe-me consertar isso. Seja esperta, Lori.

Lágrimas escorriam por seu rosto.

— Não! Eu te amo. Não posso viver sem você.

Lori era fofa quando estava com raiva. Chains segurou seu rosto e beijou-a com força na boca. Precisava dela, precisava ficar o mais perto possível. Chains a apoiou contra a parede e puxou sua camisa sobre a cabeça.

— Eu preciso de você. — Disse ele.

— Não permitirei que me deixe, Chains. Nunca sugira isso novamente.

— Sim, senhora. — Chains soltou o sutiã e se inclinou para seus seios. Era viciado em seu corpo. Ela gemeu quando ele brincou com seus mamilos. Ambos precisavam disso,



precisavam deixar sair a energia. Precisavam esquecer a realidade por um tempo. Chains tirou a calça e sua calcinha até que Lori ficou completamente nua.

— Coloque sua perna por cima do meu ombro.

Quando Lori não obedeceu, Chains a ajudou, jogando a perna por cima do ombro para lhe dar uma boa visão de sua boceta.

— Chains...

— Não me negue, Lori. Você é meu pequeno pedaço do paraíso agora. — Ele lambeu suas dobras, fazendo-a gritar. Chains fechou os olhos e esfregou o rosto contra a boceta dela. Lori já estava molhada, seu clitóris pulsando enquanto a chupava. A chupou até que sua perna tremeu.

— Eu não aguento mais.

Ele soltou a perna dela e se levantou, elevando-se sobre ela. Chains tirou a jaqueta, esquecendo-se de que estava com os coldres de sua arma. Mas claramente não assustavam Lori, ela passou as pontas dos dedos ao longo deles, seus lábios entreabertos enquanto o olhava. Chains podia sentir sua energia devassa e isso apenas aumentou sua excitação.

— Eu quero tudo de você, princesa. Você está pronta para me dar tudo?

Ela assentiu.

Chains retirou seus coldres e abriu a calça. Tudo o que importava estava bem ali, agora mesmo. Seu pau estava duro como pedra, levantando o tecido de sua cueca boxer.



— Esta é uma boa noite para usarmos a mesa da cozinha. — Ele disse.

— Incline-se para mim, sim baby?

Chains observou-a caminhar até a mesa, seu belo corpo nu, todas as suas curvas movendo-se do jeito certo. Eles mantiveram contato visual, mesmo depois que Lori passou por ele. Deus, era linda. Em tão pouco tempo, Lori se transformou de uma mulher insegura e quebrada a uma mulher confiante.

Lori fez o que disse, inclinando-se sobre a mesa de madeira em seus antebraços, sua bunda exuberante esperando por ele. Chains lambeu os lábios, pegando o lubrificante na gaveta perto do sofá. A necessidade de reivindicar cada centímetro de sua mulher o dominou.

— Lembra quando eu disse que isso seria meu um dia?

— Ele esfregou um círculo sobre o globo de sua bunda.

— Hoje é esse dia.

— Eu confio em você. — Lori disse sem hesitação em sua voz. Ele repetiu as palavras em sua cabeça. Chains estava acostumado a ser considerado um monstro sem coração, um assassino de sangue frio, não um homem digno da confiança de uma mulher. Chains nunca a decepcionaria porque considerava seu amor e confiava nela.

Ele beijou sua bunda, passando a mão pelas costas dela, pressionando-a para baixo. Chains derramou o lubrificante em sua fenda, depois usou um dedo para esfregá-lo no buraco apertado.



— Isso é bom.

— Uma bunda tão suave. Diga-me que você é minha.

— Eu sou toda sua, Chains.

Ele inseriu um dedo em seu buraco virgem, movendo-o da maneira certa para fazê-la desejar mais.



Lori apertou o dedo de Chains. Ela nunca percebeu o quão bom algo tão sujo poderia parecer. Ele fazia coisas que afetaram seu corpo inteiro. Lori precisava dele, tudo dele.

Ele passou a cabeça larga de seu pau para cima e para baixo na fenda da bunda dela, distribuindo o lubrificante. Cada passagem fazia seu clitóris e bunda pulsar. Ela não tinha certeza se ele estava brincando ou a preparando.

— Chains, por favor ...

— Isso é diferente. Será estranho no começo. — Ele agarrou seu quadril com uma mão e pressionou a cabeça de seu pau na bunda dela com a outra.

— Empurre de volta contra mim. Quando eu estiver penetrando, ficará mais fácil. Prometo.

Sim, ele a sequestrou, manteve-a contra sua vontade, mas isso foi antes que Lori conhecesse o verdadeiro Chains. Confiava completamente nele, sabendo que nunca faria nada para intencionalmente machucá-la. Os primeiros poucos centímetros fizeram Lori se encolher, a pressão, o



aperto e as sensações desconhecidas quase a fizeram mudar de ideia. Mas Chains estava certo. Assim que o comprimento total de seu grande pau entrou completamente em sua bunda, Lori se acostumou com a intrusão.

Ele ficou parado por um tempo, passando as pontas dos dedos para cima e para baixo em suas costas, brincando com seu cabelo. Ela poderia ficar assim para sempre.

— Você deveria ver o que eu vejo, baby. Meu pau dentro de sua bunda apertada. Parece incrível.

Lori o apertou, fazendo-o gemer. Inclinação na mesa fria e dura, os seios nus pressionados, ela estava completamente vulnerável. Pensamentos novos e sujos surgiram em sua cabeça. Seu homem reivindicava sua bunda, tudo dela e amava cada minuto disto.

— Como você se sente? — Chains perguntou.

— Melhor.

— Eu vou bem devagar. Você me deixa saber se a machucar.

Ela assentiu, usando uma das mãos para segurar a beira da mesa. Ele saiu, depois empurrou de volta, lentamente pegando um ritmo constante. Dentro, fora, dentro, fora... não demorou muito para ela ser transportada para aquele lindo lugar de felicidade pré-orgástico.

— Oh Deus, Chains. Já estou tão perto. — Essas novas sensações eram poderosas e excitantes. Lori tinha a sensação



de que isso seria um orgasmo para se lembrar. Seu corpo inteiro se aqueceu, suas bochechas coraram.

Chains agarrou seu pulso, levando o braço para baixo ao lado dele.

— Toque-se. — Ele colocou suas mãos entre as pernas.

— Faça você mesmo gozar enquanto eu a fodo.

Assim que ela tocou seu clitóris latejante, ofegou. Chains pegou o ritmo, batendo em sua bunda com tanta força que as pernas da mesa raspavam o piso. Suas mãos grandes apertaram seus quadris enquanto ele entrava.

— Chains!

— Goze para mim, Lori. — Sua voz estava mais rouca, um homem mal segurando seu controle. Ela se virou e o viu envolvido em seu amor. Apenas ouvir seu comando foi o suficiente para empurrá-la para o limite. Seu ventre apertou, depois detonou, uma bela onda de calor e prazer percorreu seu corpo.

Lori o sentiu ejacular dentro de sua bunda enquanto bombeava algumas vezes. Ambos estavam respirando forte, seus corpos estavam suados e escorregadios. Chains afastou-se e colocou uma mão nas costas dela.

— Espere aqui um segundo.

Chains voltou alguns minutos depois e com um pano quente e úmido limpou suas partes íntimas e a parte interna das coxas, carinhosamente.



— Obrigado por isso. — Chains disse. Puxou-a para que ficasse de pé, segurando sua mão até que Lori ficou na frente dele. Ele acariciou seu cabelo, afastando alguns fios de seu rosto, colocando o restante atrás das orelhas.

— Deus, você é linda, Lori. — Então Chains deu-lhe um beijo nos lábios. Foi o momento mais precioso de sua vida, muita emoção e promessa naquele único ato.

— O que nós faremos agora?

— Enfrentamos isso. — Ele disse.

Ela balançou a cabeça, dando um passo para trás.

— Eu não posso arriscar que Boss o machuque.

— O que você sugere baby? Não há opções.

Lori jogou as mãos no ar.

— Fugirmos. Quer dizer e se Boss decidir que você merece morrer? Eu digo dane-se tudo e saímos, sem olhar para trás.

— Ele vai me encontrar.

— Não, não vai! Viveremos por nós mesmos. Felizes para sempre. — Lágrimas nublaram sua visão.

Chains a puxou para seus fortes braços, seu calor e seu perfume masculino a rodeando. Ela se concentrou na batida constante de seu coração, tentando não se quebrar completamente.

— Nós passaremos por isso. Por favor, não chore. — Ele disse.



Eles se vestiram com uma tensão forte no ar. Uma vez que ela estava pronta, ficou congelada no lugar enquanto Chains olhava ao redor, verificando suas armas. Tudo parecia acontecer em um torpor, um estado de sonho. Lori não podia nem imaginar perder o amor de sua vida.

— Lori! — Chains segurou seus ombros, dando-lhe um pequeno solavanco.

— Ei, pode me ouvir? — Ela assentiu com a cabeça.

— Eu tenho dinheiro. Muito dinheiro. Coloquei todas as informações na gaveta inferior. E se alguma coisa acontecer, pegue tudo. Pague pela educação de seus irmãos e irmãs e compre uma linda casa longe daqui. Entendeu?

Sua boca se abriu, mas nenhuma palavra saiu.





CAPÍTULO

DOZE

Chains continuava beijando sua mulher. Ele não queria deixá-la fora de sua vista por um momento. Sentado no carro de Bain enquanto se dirigiam para onde quer que Boss estivesse morando, não o enchia de confiança. Chains passou o braço pelos ombros de Lori, puxando-a para perto. Ela se encostou contra Chains, amava o jeito que Lori apenas derretia ao seu lado, como se não quisesse estar em nenhum outro lugar, exceto ali.

El Diablo riu, quebrando o silêncio.

— Qualquer mulher sensata seria grata pela minha ajuda, mas não você. Ela voltou direto para o perdedor que a manteve cativa.

Lori ficou tensa e Chains olhou para Xavier.

— Não foi assim. — Lori disse.

Chains beijou sua cabeça novamente, colocando-a mais perto. Foi exatamente assim, a diferença é que ele dava a ela uma vida muito melhor do que a que ela estava vivendo.

— Sim, porque você está sofrendo com Síndrome de Estocolmo ou algo assim. — El Diablo disse.



— Você tem problemas sérios. — Bain disse.

— É melhor que isso seja direcionado para mim. — Chains não aturaria nenhum deles falando mal de sua mulher. Ele era o único com problemas ali, não Lori.

— Vamos continuar assim. Então, quando vocês se conheceram? — El Diablo perguntou.

— Ele foi até o restaurante onde eu trabalhava.

— E como você acabou no porão dele? Admito que era um porão bem legal. Chains certamente gosta de dar aos seus prisioneiros o melhor tratamento.

Chains fechou os olhos. Ele não queria, nem precisava ouvir essa porcaria agora.

— Você terminou?

— Sério, Chains, o que você fez? — Perguntou Bain.

Olhando para baixo, ele viu Lori sorrindo.

— É meio estranho como nos conhecemos, não é?

— Você se arrepende?

— Não, nem por um único segundo.

— Ele fez uma lavagem cerebral completa nela. — El Diablo colocou um dedo contra a cabeça e deu uma volta.

— Chains não me machucou ou fez qualquer coisa que me fizesse temer pela minha segurança. — Ele viu o sorriso em seus olhos, o amor brilhando de volta para Chains. Este era seu prêmio por todos aqueles anos de tortura e abuso.

— Chains cuidou de mim.



— Viu, estou dizendo a você, doida.

— Cale a boca. — Disse Chains.

— E se eu não tivesse que lidar com você, não estaria indo ver Boss. Ele provavelmente tem um problema com isso.

Bain bufou.

— Boss vai superar.

— Quer dizer que ele não está chateado? — Perguntou Chains.

— Oh, Boss parecia chateado. Não ficou feliz com o que você fez com Lori. Isso realmente o coloca na lista de porcarias dele. Mas levando em consideração seu passado, isso é uma conquista. Não sei se deveria sentir orgulho ou medo por você. — Disse Bain.

Isso não trazia nada de bom para ele.

Boss exigia excelência. Chains não apenas levou uma mulher contra sua vontade, mas também foi completamente desleixado no trabalho. Boss não se importava com muitas coisas, na verdade, ele frequentemente olhava para o outro lado, mas um trabalho desleixado não passaria em branco.

Passando a mão pelo rosto, Chains apertou a coxa de Lori. O que quer que acontecesse, ele faria o que pudesse para protegê-la. Chains a amava mais do que qualquer outra coisa no mundo.

Ela era sua mulher e sua razão para viver.

— Você parece preocupado. — Lori comentou.



El Diablo bufou.

— Ele deveria estar se mijando de medo.

— Cale a boca. — Chains disse.

— Eu não preciso de um sermão sobre sua porcaria quando você nem sabe com o que está lidando. — Chains olhou para sua mulher.

— Ficaré tudo bem.

— Por que eu sinto que você está mentindo para mim?

— Porque ele está. — Bain respondeu.

— Chega, vocês dois. Fiquem fora do meu maldito negócio.

— É nosso negócio agora, Chains. Eu poderia estar com Scarlett neste momento, aproveitando umas férias, mas estou lidando com essa bagunça. Diga-me por que o ajudaria ou ficaria fora do seu negócio? — Bain olhou para Chains do espelho retrovisor.

— Você sequer pensou nas consequências de suas ações? Lori poderia ter uma família procurando por ela. Você realmente acha que Boss teria lidado bem se algo assim acontecesse? A *Killer of Kings* é uma organização secreta e você não pode simplesmente tirar as pessoas das ruas porque tem vontade.

Ele ouviu a raiva na voz de Bain.

O homem estava certo.



E se Lori fosse outra pessoa, se seus pais tivessem dado a mínima para ela, isso teria terminado de forma muito diferente. Mas não era assim e Chains não estava preocupado, nem mesmo um pouco.

— Meus pais tentaram me procurar? — Lori perguntou.

— O que? — Isso veio de Bain.

Chains olhou para El Diablo e viu que o homem parecia desconfortável, sem humor no rosto.

— Você me ouviu. — Lori disse.

— Você mencionou meus pais. Eles foram me procurar? Alertaram os policiais? Qualquer coisa?

— Não importa. — Bain disse, parecendo tenso.

— Você foi quem tocou nesse assunto. Eu sou uma garota grande. Posso cuidar de mim mesma e sei a resposta de qualquer maneira.

— Então você não precisa de mim para dizer isso.

— Quero ouvi-lo dizer.

Chains não sabia o que sua mulher estava fazendo, mas permaneceu quieto.

— Meus pais tentaram me encontrar? Declararam-me como desaparecida?

— Não. — A voz de Bain estava abafada como se ele estivesse falando com os dentes apertados.

— Eu não ouvi.



— Não, não houve nenhum relatório de pessoas desaparecidas ou até mesmo um aviso de que você não estava em casa.

— Foi como se eu tivesse saído por um dia e eles nem se importaram. — Lori respondeu. Ela encolheu os ombros.

— Não acho que você deveria usar meus pais como exemplo. Eles sequer notaram que uma filha foi embora.

Ela descansou a cabeça no ombro de Chains. Colocando um dedo sob seu queixo, ele inclinou a cabeça dela para trás.

— Você está bem, baby? — Perguntou Chains.

Ela assentiu.

— Não adianta ficar triste com isso. Eu sabia que meus pais não se importavam comigo.

— Você quer que os mate para você?

— Você faria isso, não é?

— Num piscar de olhos.

— Não. Não quero isso. Eles não importam mais. Tudo o que importa agora é você, eu e que possamos tirá-lo dos problemas com seu chefe.

— O nome dele é Boss.

— Então você tem um chefe chamado Boss¹?

— Sim.

— E as pessoas pensam que sou esquisita. Isso é mais estranho.

¹ Chefe



O que quer que Boss quisesse dizer a ele, lidaria com isso.

Sempre lidou com as coisas toda sua vida. Não havia nada que valesse a pena lutar, mas com Lori, ela valia tudo.

— Você está realmente pronto para entrar para a *Killer of Kings*? — Chains perguntou a El Diablo, mudando a conversa. Ela não precisava saber que quando conhecessem Boss, poderia acabar muito mal para ele. Seu resultado dependia do humor de Boss.

— Bem, agora que ele me tem pelas bolas. O pagamento soa melhor e há muito mais benefícios.

— O trabalho é mais difícil, mais desafiador. Boss exige total lealdade. — Chains disse.

— O que quer que você fazia antes ou para quem você estava trabalhando, deixarão de ter importância.

— O mundo está cheio de homens maus. Será interessante ver o que vocês fazem. Todos continuam voltando para ele, então deve ter as bolas de ouro ou algo assim. — El Diablo disse.

Chains riu e inclinou a cabeça para trás. Quando conheceu Boss, ele era uma casca vazia. Suas habilidades rivalizavam com a dos melhores, mas estava morto por dentro. Não havia muita coisa ali até que Boss o trouxe de volta, lhe deu foco e um motivo para matar.

Agora que tinha Lori em seus braços, tudo parecia completo.



— Eu não a teria machucado. — Disse Bain.

— O que?

— Lori, eu não a teria machucado. Boss me deu algumas instruções simples, mas nenhuma delas para matá-la. E de fato, ele me queria lá para protegê-la daqueles assassinos. Ele não é tão ruim quanto você pensa.

— Você me disse que ia incendiar minha casa e começar a quebrar ossos.

— Eu disse a você o que me disseram para lhe dizer. Boss disse que eu deveria levá-la para ele e que lidaria com você lá.

Lori segurou a mão dele, apertando-a com força. Ele não queria deixá-la ir, não agora, nem nunca.

— Nós vamos morrer? — Disse Lori.

— Não, não vamos.

Chains estava mais determinado do que nunca a ter certeza de que Boss o ouvisse. Foi leal ao homem e a *Killer of Kings*. Cada trabalho que fez, ele os completou. Todos eles, todas as partes, tinha tudo a ver com a empresa. Não havia como desistir da única coisa que o tornou humano.

Boss o ajudou a se transformar em um homem, uma máquina de matar.

Lori foi quem o fez melhor, ela o fez sentir.

El Diablo levantou uma sobrancelha quando o olhou.



— Você não pode garantir essa porcaria. — Ele falou de uma maneira para não alertar Lori.

Chains sorriu.

Esses dois homens estavam perto de sua mulher há alguns minutos e já não queriam ferir seus sentimentos ou assustá-la. Ela tinha aquela aura que atraía os homens, fazendo-os querer protegê-la.

Também ajudava que sua própria família a deixasse de lado.

Killer of Kings eram homens com passados sombrios. Suas histórias eram feitas de pesadelos.

Lori tinha um passado.

Ela foi esquecida e os homens se sentiam culpados por realçar isso.

A viagem até onde estava Boss demorou muito. O balanço do carro o deixou sonolento. Foram longos dias. Tudo o que queria fazer era se enroscar com Lori em seus braços e dormir. Haveria tempo para isso em breve. Por enquanto, precisava protegê-la com sua própria vida.



Chains mentiu para ela, mas tudo bem. Lori sabia que ele estava fazendo isso para protegê-la, não que precisasse de tanta proteção. As poucas semanas que esteve com Chains ficariam na lembrança. Foram as melhores semanas de sua vida e isso significou tudo para ela.



Nunca pensou que se apaixonaria ou que a felicidade estaria ao seu alcance.

O carro entrou no estacionamento do hotel, o que a surpreendeu.

— Um hotel?

— Este é um hotel dos *Killer of Kings*, Lori. É aqui que fazemos tudo acontecer e podemos limpá-lo sem que ninguém perceba.

Isso a fez tremer. Chains não soltou sua mão quando saíram do carro. Bain estava ao seu lado e El Diablo ao lado de Chains. Eles se dirigiram para as portas principais onde homens armados estavam esperando.

Isso não melhorava em nada para nenhum deles. Mordendo o lábio, ela tentou manter o medo trancado dentro e isso não estava ajudando.

Os homens olharam para eles com aquele sorriso horrível que Lori passou a associar com todos os seus colegas. Chains segurava seus ombros quando entraram no elevador. Lori sorriu para ele em seu reflexo da caixa espelhada. Bem, se Chains estivesse lá com ela, sabia que estaria segura.

Colocando as mãos sobre as dele, ela o viu sorrir de volta. Quando se conheceram, o sorriso de Chains era... assustador. Ele realmente não sabia como fazê-lo e sempre parecia tão triste. Isso estava mudando e Lori era parte disso.

— Adoro quando você sorri. — Ela disse.



— Você é a única para quem eu sorrio, baby, o tempo todo. — Ele pressionou um beijo em sua têmpora e Lori fechou os olhos, amando seu toque. Ela ficaria feliz em ficar em seus braços o dia todo.

— Eu te amo, Chains, muito.

Seus braços se moveram de seus ombros para o corpo dela.

— Eu estava pensando sobre o nosso casamento. — Ele disse.

Lori sorriu, gostando dessa conversa. —

Estou em um vestido branco?

— Absolutamente. Não esperaria nada menos.

Ela viu Chains surpreender seus amigos.

— Nós nos casaríamos em Vegas?

— Não. Seria um casamento pequeno. Algo modesto. Algumas testemunhas. Nós teríamos um grande bolo e eu quero dizer um grande bolo.

— Eu gosto dessa ideia.

— Eu também. Amo bolo. Você teria que trabalhar em seus votos.

— Você escreveria os seus? — Ela perguntou.

— Claro. Eu diria o quanto te amo e que trabalharia para mantê-la a salvo e nunca a machucaria.

Lori se recostou contra ele. O elevador estava demorando tanto.



— Isso soa tão bonito.

— Recebo um convite para este casamento? —
Perguntou El Diablo.

— Eu não sei. Bem, se Boss não atirar na sua bunda, nós pensaremos no seu caso.

As portas do elevador se abriram e ela sentiu Chains ficar tenso atrás dela. Ele tentou esconder, mas sempre sentia a diferença em seu corpo e agora, cada parte dela estava gritando para protegê-lo, para mantê-lo seguro. Era provavelmente estranho, considerando que Chains era o único com a experiência em armas.

Ninguém jamais tentou salvar seu homem e ela queria ser a primeira. Queria provar para Chains que o amava, que não era Síndrome de Estocolmo. Isso era real.

Sim, ele a sequestrou.

No começo, sentiu medo dele. Quem não sentiria? Acordou em uma casa que não conhecia com um homem forte. Seu amor por ele não foi instantâneo. Levou tempo para ver que era apenas solitário e quebrado como Lori.

Saíram do elevador e viraram um corredor.

Abaixo, ela viu uma porta. Tudo era de vidro. Tudo parecia ser feito de vidro.

Chains apertou a mão dela, tentando oferecer conforto.

Entrando no escritório, Lori viu um homem sentado atrás de uma mesa. Ele estava olhando direto para eles, seu



olhar em Chains antes de se mover para Bain e depois para El Diablo. Finalmente, seu olhar foi para ela e soube que sem dúvida esse homem era Boss. O que todos temiam e era fácil ver o porquê.

Havia escuridão em seus olhos e nada mais.

Ele não falou. Ninguém falou. O ar ficou tenso e Boss ficou sentado ali.

Parecia haver um impasse e Lori não sabia o que fazer, então ficou um pouco na frente de Chains, na esperança de afastar a raiva do outro homem para longe de seu homem.

— Você conseguiu o arquivo? — Boss perguntou.

Sua voz era direta e exigia respeito.

— Sim. El Diablo é agora oficialmente um empregado de *Killer of Kings*. Parabéns. — Chains disse.

Bain se afastou, estendendo a pasta para Boss.

Ele não aceitou.

Outro homem de aparência assustadora com um lábio torcido pegou o arquivo dele, abrindo-o.

— Boss conseguiu. El Diablo agora pertence a você.

— Espere um segundo. — Disse El Diablo.

— Eu não pertenço a ninguém. Não agora, nem nunca.

— Não é o que foi acordado. Você ainda é sua própria pessoa, mas sua bunda pertence a mim e aos *Killer of Kings*. — Boss disse. Ele se virou para Diablo.



— A informação que tenho para você não sai barata. Eu sei que acha que é o maldito diabo e pode fazer o que quiser, mas isso termina agora. Não vai me dominar, então nem pense em tentar. Entendeu?

Ele balançou um dedo no ar.

— Eu não sei quem porra você...

Antes que El Diablo pudesse terminar, Boss pegou uma arma e atirou no antebraço que ele estendeu.

Lori ofegou, segurando Chains ainda mais.

— Oh porra! — El Diablo gritou segurando seu braço, a dor clara em seu rosto. O sangue pingava no chão.

— Vamos, não acertou uma grande artéria. Nada está quebrado. Você é bom no que faz, eu lhe concederei isso, mas está longe do melhor. Eu exijo o melhor, isso é exatamente o que me dará, entendeu?

Ela viu a batalha interna em El Diablo, mas o homem finalmente assentiu.

— Bom, gosto de tê-lo na equipe. — O homem de Boss estendeu a mão e El Diablo parecia mais que queria esfaquear o homem do que pegar sua mão.

— Não seja uma criança. Temos muitas enfermeiras que ficarão felizes em ajudar. E se quiser usá-las para mais, faça isso. Eu não me importo, mas saia do meu escritório agora mesmo.

El Diablo não recebeu mais ajuda. Ele saiu do escritório sem olhar para trás.



— Você acha que isso foi inteligente? — Bain perguntou.

— Ele é mortal.

— Ele late, mas não morde. Fará o trabalho que preciso.

— O olhar de Boss finalmente se virou para Chains e então seu olhar estava nela.

— Agora, preciso lidar com outro problema.

A arma que ele segurava na mão foi direcionada para os dois. Boss ficava mudando a pessoa para quem ele apontava.

— Agora o que faço com esse problema aqui? Porque isso é um problema.

— Não é. — Chains respondeu.

— Você sequestrou uma mulher, levou-a para o seu porão e agora acha que pode ficar impune?

— Sim, eu fiz todas essas coisas.

— Você quase arruinou a reputação de *Killer of Kings*, Chains. Sabe isso? Quase estragou o que eu tenho. Não gosto disso. — Boss segurou sua arma firme e Lori ofegou, colocando-se na frente de Chains.

— Não, não o mate.

— Você precisa de sua cadela para lutar suas batalhas agora, Chains? Não é homem o suficiente para lidar comigo sozinho?

Lori balançou a cabeça.



— Não. Por favor pare. Você entendeu tudo errado. Eu o amo. Amo Chains. Sim, nosso começo foi um pouco estranho, mas quem se importa? Ele também me ama e nós ficaremos juntos. Vamos nos casar. Não direi nada sobre o que você faz. Por favor, não o mate. — Ela sentiu as lágrimas subitamente se formando e antes que pudesse impedi-las, estavam escorrendo.

— Eu não quero viver sem ele. Chains é o único que se importou comigo e não quero perder isso. Chains significa tudo. — No momento em que começou a falar, a realidade de perdê-lo tornou-se simplesmente grande demais. Não poderia lidar com isso, nem queria. Toda sua vida Lori foi empurrada de lado, indesejada.

Chains foi o único a vê-la, a gostar dela, a amá-la e não podia deixar que nada acontecesse com ele. Não sobreviveria.

Com lágrimas borrando sua visão, ela olhou para o homem que sabia que poderia acabar com sua felicidade com um único tiro de sua arma.

Encarando os olhos da morte, ficou na frente de Chains.

— Por favor, estou implorando, não o mate. Eu não podia... eu não... — As palavras estavam falhando. Lori apenas sentiu essa sensação avassaladora de pesar.

— Está tudo bem. — Chains disse. Sua mão segurou a dela. Ele tentou tirá-la do caminho, mas Lori se recusou a se mexer. Não dessa vez. Ela não o deixaria ser levado. Não podia.



Lambendo os lábios secos, ela manteve seu foco em Boss. Ele parecia entediado.

— Mate-me em vez disso. — A palavra deixou sua boca, mas no momento em que ela disse, soube que o surpreendeu.

Isso foi uma boa ideia?





CAPÍTULO

TREZE

— Saia. — Boss apontou para porta.

— Eu preciso falar com Chains sozinho.

— Você vai machucá-lo? — Perguntou Lori.

Boss não parecia com humor para conversa.

— Está tudo bem, baby. Apenas negócios. Estarei fora em breve. — Chains disse.

Lori olhou para Chains quando saiu, a porta finalmente se fechando atrás dela. Odiava ser pego nessa posição, mas apenas podia culpar a si mesmo. Quando sequestrou Lori atrás do restaurante, foi puro instinto. Havia algo sobre ela que o chamava, exigia que a mantivesse como recompensa por uma vida dura. Não usou a cabeça ou se lembrava quando foi sua última reunião com Boss. Chains sabia em primeira mão o que acontecia com assassinos que deixavam pontas soltas ou tornavam-se desleixados. Boss exigia perfeição. Ele era obcecado em manter a reputação dos *Killer os Kings*.

— Então...



— Eu sei que estraguei tudo, mas isso não acontecerá novamente. — Chains disse.

Boss bateu uma caneta na mesa, girando um pouco para frente e para trás na cadeira.

— Bem, de todas as pessoas, eu não esperava que você fizesse um prisioneiro. Quer dizer, porra, depois de tudo que passou, não faz sentido.

— Ela não era minha prisioneira. Não por muito tempo, de qualquer maneira. Nós dois nos sentimos da mesma maneira um pelo outro, então não vejo problema.

— Claro que não. Mas garanto que você me custará dinheiro e a vida dos meus homens, se continuar dando voltas no trabalho. Eu não posso ter isso. Eu *não aceitarei isso*.

Ele queria perguntar o que era o próximo, mas manteve a boca fechada. Porque Boss estava perdendo a paciência. Bastava colocar uma bala na sua cabeça e acabar logo com isso. Uma vez que decidia algo, nada do que pudesse dizer mudaria muita coisa.

— Eu o mantenho por perto por um motivo. Confio em você e sempre me dá o seu melhor. Quando preciso de um motorista, informação, sucesso garantido, qualquer coisa... o chamo e obtenho resultados.

— Isso não precisa mudar.

Boss se levantou e moveu os ombros.



— Viper e Bain estão prontos para limpar sua bagunça agora. Mesmo que você tenha me ferrado, não tolerarei ninguém tentando tirar meus homens. A única coisa que o segura, é porque você conseguiu que El Diablo assinasse com *Killer of Kings*.

— Porque você o chantageou.

Boss balançou a cabeça.

— Consegui informação que ele não podia. Nada é de graça, Chains. Não nesta vida. — Ele caminhou de um lado para o outro na frente das janelas do hotel, admirando o horizonte.

Aparentemente, quando El Diablo foi vendido para uma gangue quando criança, ele não foi o único. Tinha uma irmã mais nova, mas ela desapareceu quando ele tentou encontrá-la quando se tornou adulto. Boss conseguiu encontrá-la, mas exigiu lealdade em troca de informações.

— Lori é inocente. Eu a meti nisso, então, por favor, deixe-a de fora. Eu sei que estraguei tudo, mas dei-lhe bons anos. Certamente isso conta para algo. — Era seu último pedido, mais uma chance de tentar garantir que Lori não se machucasse.

Boss assentiu lentamente, como se estivesse perdido em pensamentos.

— Eu preciso fazer de você um exemplo para os outros, Chains. Quer eu queira ou não.

— O que isso significa?



— Sempre amei essa sua propriedade no norte. — Ele disse.

— E você realmente acreditou que eu não sabia a respeito? Que fofo.

Killian sentou-se na beira da mesa, parecendo entediado.

— Não vamos enrolar mais. O que você decidiu? — Perguntou Chains.

Boss sorriu, caminhando com as mãos atrás das costas.

— Você me lembra Killian. Eu trouxe vocês dois para a América, ambos órfãos, ambos habituados a viver em buracos de lixo. Tudo correu bem até vocês encontrarem mulheres.

— Então por que eu sou o único que está sendo dispensado?

Boss disse a contragosto.

— Você quer saber o que eu decidi? Diga a ele, Killian.

Killian passou a mão pelo cabelo loiro.

— Você disse que iria demiti-lo.

— Demiti-lo. — Boss repetiu.

— Isso nunca aconteceu, não é, Chains?

Ele balançou sua cabeça.

— Realmente não, porque não demito pessoas, as faço desaparecer. Nenhum problema potencial dessa maneira.



— Posso ir para bem longe. Não trarei problema para você ou para a empresa, sabe disso. — Chains disse.

Boss riu, um som maligno e distorcido.

— Você adoraria isso, não é? — Então ele parou no meio do caminho.

— Como eu já disse, não posso deixá-lo impune e isso não seria punição. Então, será o encarregado de treinar El Diablo. Aquele idiota vil será sua sombra até que ele encontre o padrão *Killer of Kings*. Depois desse ponto, você pode escolher se afastar ou continuar. Contanto que não haja mais transgressões.

— Dane-se essa porcaria. Eu não suporto aquele cretino pomposo. Não farei isso!

Lori entrou no escritório, correndo para ele.

— Chains! Aceite o maldito negócio. — Lori falou.

Boss e Killian riram.

— Melhor ouvir sua mulher, Chains. Ela é inteligente. — Killian disse.

Ela olhou para Chains, implorando com os olhos, segurando-o com mais força. Alguma tensão em seus músculos diminuiu.

— Tudo bem. — Ele não disse mais nada.

— Obrigada. — Ela disse a Boss.

— Eu não fiz isso por você, querida. — Boss se virou para Chains.



— Eu fiz isso por ele. Sempre foi como um filho para mim.

Boss apontou a cabeça para Killian e o outro homem relutantemente saiu da mesa. Ele bateu Chains no ombro antes de caminhar até a porta.

— É melhor você do que eu, verdade? — Killian riu ao sair.

— El Diablo estará se recuperando por um tempo. Ele é uma verdadeira boceta. Pegue as próximas duas semanas para juntar suas coisas. E cuide de sua garota. Ela já passou o suficiente. — Então Boss apontou para saída.

Chains foi para o elevador uma vez dada a chance.

— Eu não posso acreditar que ele apenas fez isso.

— Por que você está reclamando? Pensei que o perderia ali, Chains.

— Treinar recrutas não leva apenas algumas semanas. Isto não é uma loja de departamentos. Levará anos. Isso significa lidar com aquele idiota por anos, tê-lo sob os meus cuidados constantemente.

— Ele não é tão ruim. Soltou-me, lembra?

Ele rosnou depois de um longo silêncio.

— Eu sou um idiota.

— Por que diz isso?



— Eu me preocupei comigo em vez de pensar em você. Estava absolutamente certa, baby. Nós dois estamos vivos e temos um ao outro. É isso que importa.

Eles deram as mãos.

— Eu não peço muito. Apenas preciso de você. — Ela disse.

—Desde que estou vivo e bem, o que é melhor do que eu esperava, ainda pagaremos a educação de seus irmãos e irmãs. Você os ama e o que é importante para você é importante para mim.

— Obrigada.

— Lembra-se quando pedi para você me contar suas lembranças felizes. E não eram sobre você? — Ela assentiu.

— Eu entendo agora. Porque eu me apaixonei.

Eles se beijaram devagar, sensualmente.

— Para o bem ou para o mal, estou aqui. Eu sou sua. — Lori disse.

— Passaria por tudo em minha vida mais uma vez se soubesse que você era o prêmio. — Ele segurou seu rosto, usando o polegar para enxugar uma lágrima.

— Eu te amo, Chains. Ainda estaria no mesmo lugar miserável da minha vida se você não tivesse aparecido no restaurante naquela noite.

Ele piscou.



— Você estava certa sobre a torta. — Ambos sorriram, lembrando-se.

— Eu prometo que passarei o resto da minha vida tratando você com o amor e respeito que merece.

Lori apoiou-se contra seu corpo e ele segurou-a com força. Juntos, voltaram para a cabana. Seu pequeno pedaço do céu. Ela nunca olharia para trás, nunca se arrependeria de nada. Pode ter vindo de raízes humildes, mas Chains a fazia se sentir como uma princesa.

Eles se salvaram, ambos receberam uma segunda chance de felicidade. Chains podia ser um assassino, um assassino de aluguel, mas era dela e não mudaria nada sobre ele.

FIM



Avisos

Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!

Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por e-mail a quem pedir.

Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!

Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita?

Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!

Ajude a preservar o seu grupo de romance!

A equipe do PL agradece!

Aviso 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuimos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria.
Seja esperta (o).